INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

BOLETIM

VOL. LIV 1996

BOLETIM
DO
INSTITUTO
HISTÓRICO
DA
ILHA TERCEIRA

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

BOLETIM

VOL. LIV 1996

ANGRA DO HEROÍSMO

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

(31 de Dezembro de 1996)

SÓCIOS EFECTIVOS:

Dr. Álvaro Pereira da Silva Leal Monjardino (Presidente)
Prof. Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires
Dr. António Maria de Ornelas Ourique Mendes
Emanuel Félix Borges da Silva
Francisco Ernesto de Oliveira Martins
Dr. Francisco dos Reis Maduro Dias (Secretário)
Dr. Helder Fernando Parreira de Sousa Lima
Padre Dr. Jacinto Monteiro da Câmara Pereira
João Dias Afonso
Padre Dr. João Maria de Sousa Mendes (Secretário Substituto)
Dr. Jorge Eduardo Abreu Pamplona Forjaz
Dr. José Guilherme Reis Leite (Presidente Substituto)
Eng.º José Henrique dos Santos Correia Guedes
Dr. José Leal Armas
Director do Museu de Angra do Heroísmo – Dr. José Olívio Mendes Rocha
Dr. José Orlando Noronha da Silveira Bretão
Governador do Castelo de Sao João Baptista – Coronel José Pinto Correia de Azevedo
Arq.º Luís António Guizado Durão
Director Regional dos Assuntos Culturais – Prof. Doutor Luís Fagundes Duarte
Luís Manuel Conde Vieira Pimentel
Ten. Cor. Manuel Augusto de Faria
Directora da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo - Dr.ª Mariana dos Prazeres Júlio Miranda Mesquita
Dr. Rafael Valadão dos Santos
Dr Rui Ferreira Ribeiro de Meirelles (Tesoureiro Substituto)
Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves (Tesoureiro)

SÓCÍOS HONORÁRIOS:

Prof. Doutor Artur Teodoro de Matos (Prof. da Universidade Nova de Lisboa)
Prof. Doutor Dante de Laytano (Director do Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil)
Dr.ª Elsa Brunilde Lemos de Mendonça (Prof.ª Efectiva do Ensino Secundário)
Arq.º Fernando Augusto Sousa
Prof. Doutor Frederic Mauro (Prof. da Universidade de Paris)
Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (Presidente da Academia Portuguesa de História)
Prof. Doutor Joel Serrão (Prof. da Universidade Nova de Lisboa)
Sua Ex.ª Reverendíssima o Sr. D. José Pedro da Silva (Bispo resignatário de Viseu)
Prof. Doutor José Enes Pereira Cardoso (Prof. da Universidade dos Açores)
Prof. Doutor Walter Fernando Piazza (Prof. da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Prof. Doutor Wilhelm Giese (Prof. da Universidade de Hamburgo)

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

(31 de Dezembro de 1996)

SÓCIOS CORRESPONDENTES:

- Dr. Alberto Borges dos Santos
- Doutor Alberto Vieira
- Doutora Ana Mª Ferreira
- Doutor António José Telo
- Dr. António Santos Pereira
- Dr. Augusto Athaíde
- Doutor Avelino Meneses
- Doutora Carmen Maria Radulet
- Dr. Celestino Sachetti
- Dr. Daniel António Pereira
- Doutor Donald Warrin
- Doutor Douglas Wheeler
- Doutor Eduíno de Jesus
- Ermelindo Ávila
- Dr. Fernando Aires
- Doutor Fernando Castelo Branco
- Arq.º Francisco Riopardense de Macedo
- Dr. Gonçalo Nemésio
- Dr. Hugo Moreira
- Dr.ª Isabel Cid
- Cónego Doutor Isaías da Rosa Pereira
- João Gabriel Ávila
- Dr. Jorge Couto
- Dr Jorge Felizardo
- Doutor José de Almeida Pavão
- José Leite Pereira da Cunha
- T Cor Eng.º José Magalhães Cymbron
- Dr. José Manuel Bettencourt da Câmara
- Doutor Arq.º José Manuel Fernandes
- Doutor José Martins Garcia
- Doutor José Medeiros Ferreira
- Dr. José Olívio Mendes Rocha
- Dr. José Pereira da Costa
- Almirante Jesus Salgado Alba
- Padre Júlio da Rosa
- Leonel Holmes
- Arq.º Luís António Quizado Durão
- Dr. Luís Manuel Machado Meneses
- Doutor Luís Manuel Vieira Andrade
- Eng.º Luís Ricardo Hintze Ribeiro Jardim
- Doutor Manuel Lobo Cabrera
- General Manuel de Sousa Meneses
- Dr.ª Maria Antonieta Soares de Azevedo
- Doutora Maria Augusta Lima Cruz
- Doutora Maria Margarida Roque Lalanda Gonçalves
- Doutora Maria Teresa Vermette
- Dr. Mário Mesquita
- Dr.ª Mary Lin Salvador
- Dr. Miguel António Jasmins Pereira Rodrigues
- Miguel Figueiredo Corte Real
- Doutor Nereu do Vale Pereira
- Dr. Nestor de Sousa
- Doutora Norberta Bettencourt Amorim
- Doutor Onésimo Teotónio Almeida
- Oriolando Sousa da Silva
- Pedro da Silveira
- Ten-Cor. Doutor Rui Carita
- Doutor Rui Martins
- Doutor Salvador Dias Arnaut
- Doutor Victor Hugo Forjaz
- Dr. Victor Rodrigues

TOMBOS DOS FORTES DA ILHA TERCEIRA

Por: DAMIÃO FREIRE DE BETTENCOURT PEGO
e ANTÓNIO BELLO D'ALMEIDA JR.

Nota introdutória

A publicação das memórias descritivas do tombo militar dos fortes da Ilha Terceira não tem por primeiro objectivo, como numa inicial abordagem, se poderá pensar, trazer ao conhecimento dos estudiosos abundante informação até hoje, na prática e na maior parte, desconhecida dos estudiosos. Apesar destes tombos se encontrarem ignorados nos arquivos militares, e a sua existência só agora vir ao conhecimento público, eles aqui surgem, principalmente, como um grito de alerta para o perigo iminente de desaparecimento dos últimos vestígios arqueológicos que ao longo da nossa costa, contra a vontade dos homens e dos elementos da Natureza, teimosamente, *heroicamente*, ainda resistem.

Mas o critério formal da publicação é tão só e apenas o da divulgação. Daí que nos abstenhamos, quase completamente, de comentários, salvo daqueles que às próprias características formais dos documentos se reportam e que poderão ser úteis aos investigadores que nesta transcrição busquem informação.

Procurando documentação sobre a fortaleza de São João Baptista, por feliz acaso acabei por encontrar, na Secção do Tombo da Direcção do Serviço de Engenharia do Exército, um precioso acervo documental sobre os fortes dos Açores, nomeadamente os respectivos tombos, de cuja existência e, consequentemente, da sua importância provavelmente ninguém tinha

conhecimento. Com efeito, é geralmente no Gabinete de Estudos e Arqueologia da Engenharia Militar (G.E.A.E.M.) que os estudiosos buscam documentação desta natureza. Aí, porém, apenas se encontram algumas das plantas que ilustravam os referidos tombos, e que alguém terá desanexado e transferido para o GEAEM, considerando-as, pelas suas características iconográficas, de maior interesse. Estas plantas, sim, já foram catalogadas por Carlos Neves e Filipe Carvalho, em *Documentação sobre as fortificações dos Açores existente nos arquivos de Lisboa*, catálogo este publicado no Boletim do IHIT de 1992.

Vêm os tombos assinados pelo Tenente Coronel de Infantaria Damião Freire de Bettencourt Pego. Foi, contudo, o Tenente de Engenharia António Bello d'Almeida Jr. quem, em 1881, procedeu ao levantamento topográfico e à inventariação de boa parte dos fortes da Terceira. Instruções emanadas nesse mesmo ano, obrigavam, porém, a uma sistematização do enunciado e a escalas que não haviam sido seguidas pelo jovem engenheiro. Esse trabalho veio a caber a Damião Pego, a seu pedido. Mas pelas poucas descrições e plantas que ainda nos restam da autoria de Almeida Jr. podemos verificar que, relativamente aos fortes tombados por si, o trabalho de Damião Pego praticamente se cingiu à sistematização do texto e à redução das plantas à escala regulamentar. Daí que nos pareça da mais elementar justiça atribuir a autoria da tombação conjuntamente a Almeida Jr. e Damião Pego.

As memórias descritivas estão manuscritas em papel almaço azul, com capa do mesmo material. Para além da própria memória descritiva, o documento integra, ainda, um mapa resumo e um desenho a nanquim sobre tela. Os traços a nanquim são sombreados a aguarela, aplicada no verso de forma a suavizar a coloração.

Embora toda a documentação esteja assinada por Damião Pego, grande parte foi manuscrita por auxiliares; felizmente, face à péssima caligrafia do autor.

Redigidas numa época em que a ortografia oficial da língua portuguesa ainda não se encontrava fixada, frequentemente deparamos com manifestas incorrecções e incoerências ortográficas, podendo encontrar-se a mesma palavra com diferentes formas no mesmo documento. A nossa preocupação foi fazer a transcrição o mais fiel possível do documento, abstendo-nos de anotar as incorrecções formais, já que não prejudicam a legibilidade.

Apesar de ter havido a intenção inicial de dar número de ordem às memórias, este nunca lhes foi atribuído, pelo que se mantém em branco o espaço para tal destinado nos mapas (tal como em branco está nas capas, que não publicamos)

Nenhum dos prédios tombados se encontrava, então, inscrito na conservatória, situação que só presentemente, e em relação a alguns ainda existentes pelos quais as Juntas de Freguesia mostraram interesse, se está a regularizar.

À data da tombação já estava generalizado o estado de ruína do sistema fortificado da ilha, *devido ao abandono de perto de 50 annos*. O que leva Damião Pego a formular várias propostas, nomeadamente, a venda daqueles que perderam importância estratégica, ou pelo menos das respectivas cantarias que pouco a pouco estavam a ser subtraídas por particulares, o restauro dos que ocupavam pontos estratégicos, a cedência a veteranos militares doutros ainda em sofrível estado de conservação, para exploração e guarda; chega a denunciar ao tribunal o usufruto indevido de servidões, por particulares.

Muito embora se trate de descrições essencialmente técnicas, não deixou o autor de incluir alguns pormenores muito pessoais de natureza ideológica, como as referências aos *veteranos da liberdade* ou à *história da liberdade*, quando evoca as lutas liberais, uma linguagem que o 25 de Abril veio reeditar; ou ao *general* Ciprião de Figueiredo na luta contra os castelhanos, ignorando flagrantemente o desembarque do Marquês de Santa Cruz junto aos fortes da baía das Mós. Outras particularidades podemos encontrar, como a conversão de *reis insulanos* em *reis fortes*, estes em curso no Continente, ou a definição da nossa *canada*.

Por maior facilidade de publicação, as dimensões dos desenhos (plantas e cortes) foram uniformizadas de acordo com o formato do boletim, pelo que as escalas devem ser corrigidas com recurso às medidas constantes das respectivas memórias descritivas.

As imagens fotográficas das plantas foram colhidas por Jaume Gonçalves e digitalizadas por Carlos Costa para o Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo.

De um breve bosquejo pelos processos individuais dos autores, extraímos os seguintes dados biográficos:

Damião Freire Bettencourt Pego

Nasceu em 13 de Abril de 1826, em Almeida – Guarda. Foi aluno do Real Colégio Militar. Aos 18 anos de idade, alistou-se no RI 7. Nesse mesmo ano, em 3 de Setembro de 1844, foi graduado em Aspirante a Oficial, vindo a ser promovido a Alferes em Dezembro de 1846.

Em 1856 encontrava-se em comissão no Ministério das Obras Públicas. Possivelmente no âmbito desta comissão, é enviado para Angra onde exerce funções de engenheiro, desempenhando por três vezes o cargo de Director das Obras Públicas desta cidade. Pelo menos desde 1868 – o que atira a sua chegada à Terceira para data anterior a 1858, já que, então, aqui se encontrava há mais de dez anos – é colocado na 5.ª Divisão, em comissão de Engenharia.

Faz o serviço de tombação das propriedades do Ministério da Guerra nos Açores, a seu pedido, em 1881. Em Setembro do mesmo ano é chamado a Lisboa para passar a limpo os desenhos e as memórias dos trabalhos de tombação, os da Terceira em grande parte já elaborados por António Bello d'Almeida Jr., mas sem a sistematização nem as escalas entretanto determinadas. Em 1882 encontramo-lo novamente nos Açores a proceder ao levantamento de novos tombos, e em 1885 a actualizar descrições anteriores.

É promovido a Major em 1877, e a Coronel em 23 de Janeiro de 1884. Foi distinguido com o grau de Cavaleiro de São Bento de Aviz, com a medalha de prata de Comportamento Exemplar e com o grau de Comendador da Ordem de Cristo.

Teve numerosa família.

António Bello d'Almeida Jr.

Nasceu em 11 de Maio de 1851, na freguesia de Santa Luzia de Angra do Heroísmo, filho de António Bello d'Almeida e de Maria José Bello d'Almeida.

Foi alistado como voluntário em 11 de Agosto de 1870, no Regimento de Artilharia 1, onde solicitou e obteve licença para estudar na Escola Politécnica, cujo curso termina em 1874, já com a patente de Alferes, alu-

no a que fora promovido, no ano anterior. De imediato deve ter ingressado na Escola do Exército, onde concluiu o curso de Engenharia Militar em 1877. Em 1878 ingressa na Arma de Engenharia.

Aluno brilhante, foi distinguido na Escola Politécnica com o 1° prémio pecuniário da 1.ª cadeira e o 2.° prémio da 5.ª cadeira em 1871; e 1.° prémio pecuniário da 1.ª cadeira em 1872. Vem, igualmente, a distinguir-se na Escola do Exército onde recebe o 2.° prémio honorífico sucessivamente nos segundo e terceiro anos do curso de engenharia – 1876 e 1877.

Em 1878 já o encontramos na Terceira; em 1879 desenha uma planta do forte do Porto da Praia; e em 1881, ano da promoção a tenente, procede à tombação dos prédios pertencentes ao Ministério da Guerra nesta ilha, pelo menos entre os meses de Março e Maio. Entretanto, por motivo que se desconhece, recusa a nomeação pelo Ministério do Reino para leccionar cadeira de Aritmética no Liceu de Angra, por falta de outra pessoa para o efeito habilitada.

Ainda em 1881 terá regressado a Lisboa onde, em 1885, passa ao Estado Maior de Engenharia, já com a patente de capitão a que fora promovido em 1882. E entre o Estado Maior e o Regimento de Engenharia fará o resto da sua carreira militar.

Foi distinguido com os graus de Cavaleiro, Oficial e Comendador da Real Ordem Militar de São Bento de Aviz, e com a medalha militar de prata da classe de Comportamento Exemplar.

Coronel desde 1908, faleceu em Lisboa a 8 de Setembro de 1914.

Da sua vida privada, sabemos que enviuvou em 1897, e que teve dois filhos, António e Maria.

Aqui quero deixar, de forma muito vincada, o meu agradecimento à Direcção do Serviço de Engenharia do Exército pelas excepcionais facilidades que me foram dadas na recolha desta documentação. Só com o incentivo da Direcção e com a ilimitada colaboração que tive de todos os militares e funcionários da Secção do Tombo e do Gabinete de Arqueologia e Estudos da Engenharia Militar, foi possível, nas minhas rápidas passagens por Lisboa, recolher todo este material.

T Cor Faria

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

Na ponta denominada = da Mina = ou = dos Ilheus da Mina =, ponta marcada nas cartas maritimas pelo seu avançamento, houve um pequeno baluarte cujo nome não é citado pelos historiadores insulanos, mas que tambem figura na defeza da ilha de 1581 a 1583. Foi depois substituido pelo forte do = Bom Jezus = de que agora se trata; o qual tem a forma pentagonal e adaptada a rocha sobre que foi edificado como se vê na planta figª 1.ª

Limita a L a bahia das Móz, combinando seus fogos com os do forte de S.ta Catharina das Móz que lhe fica a O. e na parte reintrante da bahia; e defendia a bahia do Porto-Novo a L. combinando os fogos com o forte = do Pesqueiro dos Meninos = de que se trata n'outro tombo, e com o forte de S. Sebastião que se destruiu totalmente. Demora 580,0m do dito forte de S.ta Catharina, e 15:980,0m a L.N.Es. d'Angra do Heroismo. Era guarnecido de 6 boccas de fogo em canhoneiras, e tinha um torreão = T = figª 1.ª o qual servia para fuzilaria. Tem um pequeno paiol = P = ainda coberto; as casas de guarnição = G = estão demolidas; a entrada está como indica o alçado figª 2ª, tem armas reaes por cima da porta muito gastas, e ainda se encontrou por terra uma inscripção cujas letras estão extintas completamente, lendo-se no fim – anno de 1644. Com effeito foi o forte edificado na era que diz a lapide por iniciativa dos officiais da Camara d'Angra em memoria da restauração de D. João 4.º[1] e em substituição do pequeno baluarte acima dito o qual por offerecer pouca resistencia, não evitou que ali desembarcasse em 20 de junho de 1641 – o capitão castelhano D. Luiz Peres de Viveiros, irmão do general D. Alvaro de Viveiros, governador do Castello de S. Fillipe (hoje d'Angra ou de S. João Baptista) e que e que vinha de Hespanha em seu socorro, o qual foi em terra derrotado pelos Terceirenses (Annaes da Terceira pag. 43 e 86 tom 2º)

---

[1]Homenagem relacionada com a captura da força militar que acompanhava D. Luís de Viveiros, a seguir referida (cfr Ferreira Drumond, *Anais da Ilha Terceira*, II, pag 45).

Pertence á freguesia de S. Sebastião, Concelho e Commarca d'Angra do Heroismo.(a)

(a) Distrito administrativo d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi construido de boas cantarias (mas rijas), o paiol bem abobadado, e tanto que apezar do abandono desde de eras remotas ainda existe.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Está bastante deteriorado como se vê em parte nos desenhos respectivos; as casas abateram; o torreão está quasi demolido menos a escadaria de cantaria que foi encontrada em bom estado. Com tudo o forte existe e não = só vestigios, como foi dito officialmente n'uma relação enviada ao commando geral d'engenharia em 25 de junho de 1865 pelo commandante da 10ª divisão militar (hoje 5ª)

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

O capitulo 1.º pela sua parte discriptiva e historica envolve o fim para que foi destinado. Actualmente não tem applicação alguma, salvo se desde 1881 em que foi feito o levantamento seria posto de renda pelo conselho administrativo do Castello d'Angra que superintende nas rendas dos fortes da Ilha Terceira.

---

[2] Ainda existem bons panos de muralha, principalmente do lado da baía do Porto Novo, ameaçando, porém, ruína iminente.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

A importancia que tinha quando foi construido diminuiu muito com a falta d'outros com os quaes combinava os fogos de flanco. Os fogos de frente eram inuteis por estar esta mascarada com os ilheus designados na planta figª 1ª em que se designa só o mais proximo como o principal e o mais alto, circunstancia esta que deu logar ao seu abandono desde tempos remotos, não se tendo d'elle lançado mão mesmo nos acontecimentos de 1828 a 1832.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com terras pertencentes a Jose da Silva Carvalho da cidade d'Angra

Sul = com rocha do mar e pode-se dizer, com ilheus proximamente fronteiros

Léste = com rocha do mar

Oeste = idem

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A area occupada pelo forte e sobre rocha é de 380,0^{m2}. A servidão era feita por beira-mar a qual tem desaparecido pela queda das barreiras á direita e esquerda do forte; actualmente vai-se para elle difficilmente pelo Picco que lhe fica na rectaguarda denominado dos = Cornos = (nome historico), e atravessando as terras, quasi estereis, do referido Silva Carvalho. Não há portanto valôr algum quanto a terrenos. O valôr material do forte não se pode computar senão muito baixo, pela posição em que está e difficuldade de que haveria em transportar d'ali as cantarias provenientes do desmancho, pelo que se aprecia em 50: a 60:mil reis a venda d'ellas, não tendo mais valôr.

Não se suppoe susceptivel de se arrendar.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

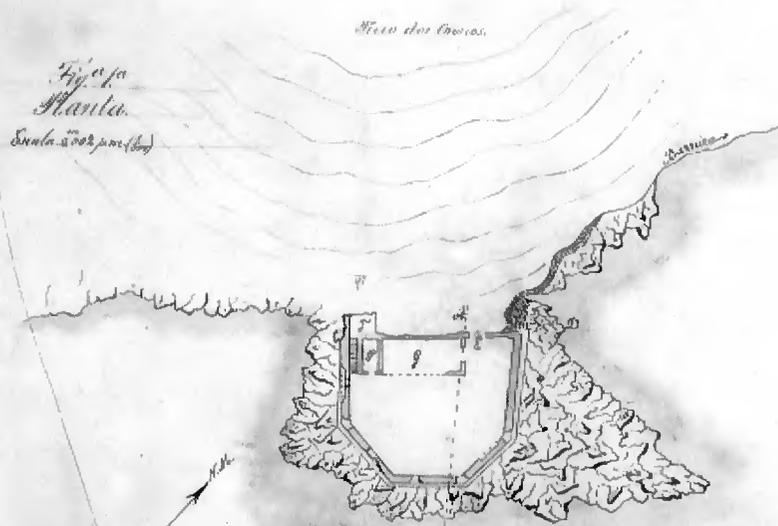
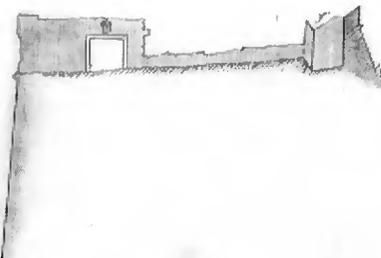
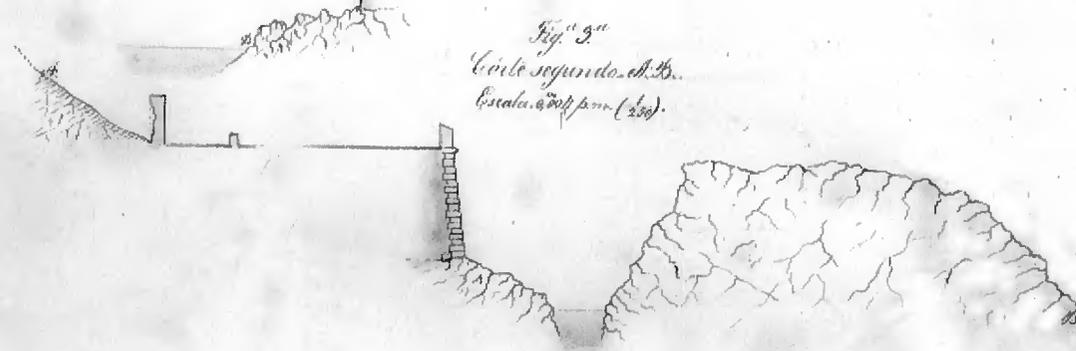
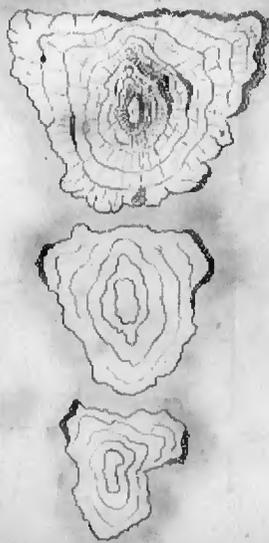
Este forte pelo seu isolamento e difficil transito para elle, e estado em que se acha toda a parte da sua entrada como se vê na figª 2ª não está no caso de ser entregue á guarda de um veterano. É tambem de presumir se não arrende pelo que parece talvez mais conveniente continuar como está ou vender o seu material.

NB. Este tombo foi executado em março de 1882, sendo modificado na data abaixo para o adaptar ao additamento de 7 de dezembro de 1882, feito ás instrucções de 2 de junho de 1881.

Quartel em Lisboa 7 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ão

Ilha Terceira.

Tombo do forte do Bom Jesus na ponta dos Ilhéus da Mina a L. da bahia das Mós, e 13.940 m. d'Angra do Heroismo

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte do Bom Jesus.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Foi terminada em março de 1882. Reorganisou-se a memoria na data abaixo (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defender a bahia das Móz e do Porto-Novo á sua direita e esquerda (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Tanto o forte como as cazas estão arruinados. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	50 a 60$000 rs. ins.^{os} (*Rub*) D. Pego T. C.^{el}	Tem estado abandonado salvo se depois que se fez o levantamento em 1881 foi arrendado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Está na posse militar desde 1644 em que foi edificado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Annaes da Terceira de Drummond Tom. 1.º (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes da ruina. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com terras de José da Silva de Carvalho, de Angra. Sul – com rocha e ilheu fronteiro. Léste e Oeste – com dita rocha. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Deve estar á conta do concelho administrativo do Castello d'Angra (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não estando de renda, conviria vender-se o resto existente. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 7 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

O antigo forte das = Caninas = ainda nos limites da freguesia de Porto-Judeu (a), está 560,0^{m} (em recta) a L. do das = Cavallas = e 14:880,0^{m} a L.N.E d'Angra; combinando bem os seus fogos com este, defende a ponta de Leste da bahia da Salga, e em parte a entrada da bahia das Mós, e o desembarque no ponto em que está situado, por ser ahi a restinga avançada e mais baixas.

Montava 5 boccas de fogo em canhoneiras, e tem dois torreões para fuzilaria a L. e O. que defendiam efficazmente, os pontos baixos d'esses lados (T T fig.ª 1.ª)

Tem um paiol no interior e que ainda conserva a cobertura abobadada sem defeito sensivel (P P fig.ª 3.ª)

Tinha exteriormente junto á face da rectaguarda, lado esquerdo, uma casa para guarnição (=G= fig.ª 1.ª) da qual apenas existem os alicerces.

A servidão é feita por terras fracas e quasi incultas, pertencentes aos herdeiros de Manoel Gonçalves Fagundes.

A historia d'este forte e data da edificação é a mesma do forte das Cavallas, isto é, foi construido em 1581[1] e cooperou eficazmente para a longa resistencia feita ao dominio dos castelhanos.

(a) Districto, Concelho e Commarca d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

No fim de 300 annos de construção e de muito abandono, ainda hoje attesta a sua solida construção, em que foram empregadas boas cantarias bem travadas, porem são rijas e produzem estilhaços

---

[1] Ferreira Drumond data a construção deste forte quer de 1581, quer de 1653.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

As muralhas do lado do mar estão em sofrivel estado e poucos concertos demandam, a de terra e lado de L. são as mais deterioradas, como se vê na planta fig.ª 1.ª

A casa de guarnição abateu completamente, o paiol ainda está sofrivel e coberto mas sem porta.

Os torreões, T T fig.ª 1.ª estão quasi desmoronados. A entrada não é fechada. Comtudo o forte existe, e não = só vestigios = como foi dito officialmente em uma relação enviada ao então commando geral d'engenharia, pelo commandante da 10ª divisão militar, datada de 25 de junho de 1865.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado para o fim designado no capitulo 1.º e quando em 1881 foi catalogado estava em completo abandono, servindo-se d'elle os cabreiros proximos para recolherem ali de noite os seus rebanhos; no entretanto fez elle parte da relação enviada em 23 d'agosto de 1881 ao inspector d'engenharia da respectiva divisão, na qual se indicou a conveniencia de ser posto de renda juntamente com outros nas mesmas circunstancias, o que foi requisitado pelo dito inspector ao Conselho Administrativo do Castello d'Angra, e do resultado terá esta estação dado conhecimento á respectiva secção da direcção geral d'engenharia.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

O capitulo 1.º diz qual foi a sua importancia militar; hoje decerto di-

---

[2] Apenas restam alguns vestígios das muralhas.

minuiu muito, comtudo a posição nada perdeu da sua importancia e merecerá ser considerada em respeito.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com terras dos herdeiros de Manoel Gonçalves Fagundes.
Sul = com rocha do mar sobre que assenta o forte.
Léste = idem.
Oeste = idem.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie do forte é de 330,00^{m2}, e a da servidão de 220,00^{m2}. O sólo é sem valôr. A servidão é feita por terreno sáfro e de particulares; a cantaria empregada na sua construção é boa para particulares, a qual em demolição poderá ainda valer 120:000 reis insulanos: porem a sua remoção é difficilima, pelos máos e estreitos caminhos que vão dali á boa estrada que lhe fica quasi a 4 kilometros e a mais de 14 kilometros de distancia da cidade.

Para renda foi computado em 1881 em 800 a 1:000 reis.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

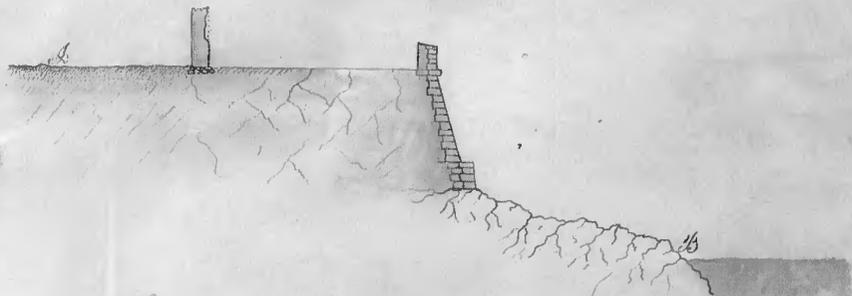
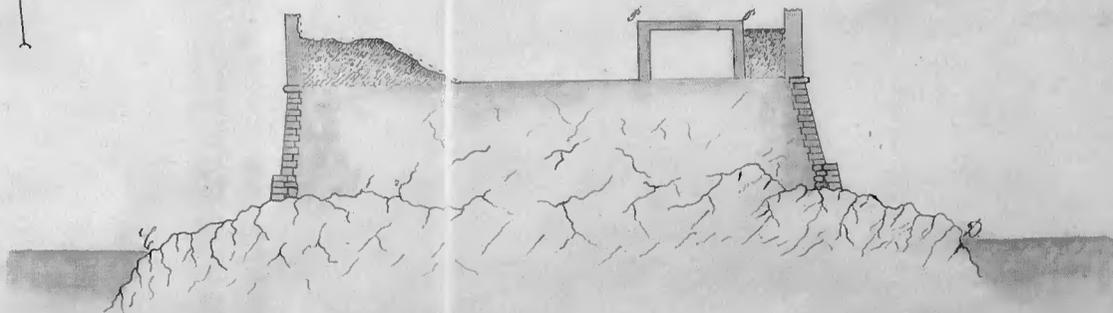
Este forte, bem como outros da mesma linha e em identicas circunstâncias, parece ser de toda a conveniencia, logo que não estejam arrendados, serem fechados entregando a sua guarda a quaisquer praças reformadas que residem nas vizinhanças, os quaes mediante uma tenue gratificação farão respeitar as propriedades e olharão por a sua conservação: e aos que tem[3] casa será a residencia a melhor remuneração.

---

[3] O autor certamente referia-se aos que **não** tinham casa.

N.B. Este tombo foi concluido em março de 1882; porem foi agora modificado para o pôr em harmonia com o additamento de 7 de dezembro de 1882, feito ás instruções de 2 de junho de 1881, e pelas quaes este foi organizado.

Quartel em Lisboa 6 de junho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = forte das Caninas =

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Foi concluida em março de 1882. Reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Para defesa da bahia da Salga e em parte a entrada da bahia das Mós. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	As muralhas sofriveis – paiol idem mas sem porta. Caza e torreões em ruinas. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	120$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Até agosto de 1881 estava abandonado. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Data a posse desde 1581 em que foi construido (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Annaes da Terceira de Drummond. Tom. 1.º (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	As provenientes da ruina e abandono. (*Rub*) D.Pego T.^e^ C.^el^	Norte com terras de herdeiros de Manoel Gonsalves Fagundes. Sul – com rocha. Léste e Oeste idem (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Deve estar entregue ao conselho administrativo do Castello de Angra. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Sita-se a conveniencia de ser arrendado; ou então fechado e entregue a guarda de um veterano. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^

Quartel em Lisboa 6 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^e^ C.^el^ em comm.^ão^

Memoria descriptiva[1]

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

O castello de S. Sebastião (de 2.ª classe) está situado na ponta de Léste do ancoradouro de Angra do Heroismo - Ilha Terciera, e faz frente ás fortificações do Castello d'Angra e Monte-Brazil que orlam todo o lado de Oeste do referido ancoradouro. O seu traçado é irregular porque sendo uma fortificação maritima seguio a forma natural do terreno, isto é, da rocha firme sobre que foi edificada.

Tem a configuração de um quadrilatero irregular fortificado pelo lado de terra com duas frente abaluartadas, e pelo do mar com trez ordens de baterias maritimas; sendo, a primeira e superior no plano dos baluartes; a segunda imediata no corpo da praça; e a terceira é quasi razante e moderna em relação ao resto da fortificação.

No interior da praça e para a qual se comunica por uma estreita ponte sobre arcos de pedra ha, o alojamento = A = (vid. pl.os) para o Governador a qual tem lojas e um pavimento alto: dito = B = para o ajudante no pavimento alto, e por baixo cazerna: ha a casa da guarda = C = á entrada do portão: e na bateria baixa ha a pequena casa = D =, para a qual se comunica pela poterna = E =. Ha mais uma edificação provisoria de madeira = F = feita em 1885 pelas obras publicas para estabelecimento de um lazareto, sendo só para esse fim cedida provisoriamente ao Governo civil d'Angra esta fortificação, conforme foi determinado pelo Ministerio da guerra ao comando central dos Açores, em officio expedido pela 4.ª repartição do mesmo Ministerio data de 16 de julho de 1885.

= G = é a poterna que desce para a casamata que olha a Leste e bate e defende a bahia = das Aguas = e costa que se lhe segue. Tem dois pequenos paioes muito humidos e em más condicções sob os terraplenos dos baluartes, e que só em caso de necessidade muito urgente podem servir, estan-

---

[1] Existe uma interessante monografia da autoria do Maj Eng.ª, F M Esteves Pereira, publicada na Revista de Engenharia Miltar, 1904, sob o título *O Castello de S. Sebastião de Angra do Heroismo (Ilha Terceira).*

do actualmente a polvora e reparos das poucas boccas de fogo (e antigas) que ali jazem sobre dormentes, armazenados aquella no paiol geral, e estes nos armazens do material de guerra do Castello d'Angra. Ha mais uma cysterna no ponto = H = que em boas condições poderá conter 33:000 litros d'agua potavel.

A fortificação actualmente pode accomodar 30 a 40 praças o maximo.

Ha ingresso para a fortificação, por o caminho de cima - letra = I =; pela rampa = J =, e pelo varadouro de Porto de Pipas junto ao barracão = K = pertencente á alfandega d'Angra: esta ultima entrada está vedada e só serve para communicar com o lazareto quando funciona.

No exterior das muralhas ha, pelo Norte uns máos fossos designados na planta, e esplanadas incultas = L L L = que em plano muito inclinado se desenvolvem por Oeste até ás linhas de pontos (carmim), limite actual da propriedade por este lado. E pelo Norte ha ainda os terrenos cultivados e arrendados compreendidos entre = a-b-c-d-e = pertencentes ao Minsiterio da guerra.

A esplanada pelo lado de Oeste alem dos limites actuaes comprehendia mais o espaço que na planta vae designado como = jardim publico =, e outra porção convertida em varadouro, para alargamento do qual se fez cedencia d'essa parte da esplanada em vista da requisição feita pelo Ministro das obras publicas da Guerra, e debaixo das condições exaradas no auto de 5 de setembro de 1857, e que foi remettido por copia ao Commando Geral de Engenharia em officio do commando de engenharia da então 10.ª divisão militar de 11 do dito mez e anno.

Ha finalmente mais um encanamento subterraneo designado na planta na extensão e direcção que designam as linhas de pontos (a Nankin), o qual partindo de Oeste do ponto = f = vae despejar na rocha de Léste em = g =, que forma a bahia = das Aguas =. Este aqueducto foi construido em 1850 pela Camara municipal d'Angra para dar vazão ás grandes enxurradas das aguas pluviaes que de varios pontos elevados da cidade ali afluiam e se juntavam na vaú da esplanada. No entretanto, em tempos anormaes parece será de toda a conveniencia obstruil-o porque tendo $1,5^{m}$ a $2,0^{m}$ d'altura media, pode dar passagem a quaesquer forças agressivas, servir de mina etc.

Esta fortificação foi edificada por ordem de El-Rei Don Sebastião, como se deprehende da sua carta regia dirigida a Cammara d'Angra em 4 de julho de 1572, e cuja copia existe nos = Annaes da Terceira = Tom. 1.º

pag. 649 - Doc.º P*. Não se precisa a epoca em que começaram as obras, mas é certo já se achar concluida em 1580, tendo tomado o nome do Rei que a mandou construir.

Foi-lhe addiccionada em 1830 a bateria baixa denominada = da Heroicidade, construida debaixo da direcção do Engenheiro Serra, por ordem da Regencia da Ilha Terceira. Ha na mesma uma lapide com o nome da bateria e a data = 11 d'agosto de 1830.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

A construção geral das muralhas é de grossa alvenaria argamassada, e apresentavam bastante solidez em todas as suas baterias pela boa construcção e grande espessura das differentes muralhas e merlões.

A bateria baixa ou da Heroicidade está 13,40^{m} acima do nivel do mar: a que está no recinto da praça eleva-se 26,60^{m}; e as dos baluartes 32,70^{m}.

O edificio do governador é uma construção regular de alvenaria argamassada, com 9 divisões no andar nobre a parede á de tabique, assoalhadas e forradas a madeira, e no pavimento terreo ha 5 divisões ou lojas sendo algumas abobadadas.

O que serve de cazerna e para o ajudante da praça tem, no alojamento d'este que é a pavimento alto, 5 divisões de tabique e um corredor e é abobadado; o sobrado serve de tecto á cazerna que forma o plano terreo: é uma construção robusta de grossa alvenaria argamassada.

A casa da guarda é tambem abobadada ficando sob a cortina dos dois baluartes.

Os paioes sob o mesmo terrapleno tambem são abobadados.

A caza que está na bateria baixa é uma edificação ligeira de paredes delgadas e tabique de má construção.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação –

Toda a fortificação antiga está em máo estado de conservação pelo

que respeita ás muralhas, merlões e canhoneiras, merecendo ser encascadas e preenchidas as faltas existentes de pedra, principalmente nas raizes das muralhas. A bateria baixa conservou-se em bom estado, já por ser moderna como por ter sido melhorada.

A casa do governador conserva-se em sofrivel estado por ter sido reparada. A caserna e andar superior com pequenas reparações conserva-se habitavel, bem como a casa da guarda.

Os paioes pelas suas condições de humidade precisam grandes concertos e as paredes inductadas convenientemente para funcionarem como armazens de polvora.

A cysterna tambem está em máo estado para conter a agua que a sua capacidade permite.

A casa da bateria baixa está deterioradissima e só reedificada pode servir.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi construido para defender a entrada na bahia de Angra e na costa Léste da mesma, o que passou a desempenhar com mais eficacia construida que foi a linha fortificada que orla a bahia por Oeste, e que pertence ao Castello d'Angra e Monte Brazil, e com parte da qual cruza e combina os seus fogos.

Como fortificação de 2.ª ordem tem sido descurada; está comtudo no caso de prestar bons serviço militar e presta-o tambem civilmente pela sua posição isolada da cidade, e ter proximo um bom cáes (Porto de Pipas), servindo de lazareto provizorio e outros misteres.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Pelo que fica exposto nos capitulos anteriores e mais no principio do precedente, pode-se deprehender que tem ainda muita importancia militar posta a fortificação em devido pé, por importar a defeza combinada da bahia

d'Angra e grande parte da sua costa a Léste, mantendo em respeito uma das principaes ilhas da Corôa Portuguesa e cuja historia antiga e moderna falla bem alto.

Capitulo 6.º

– Confrontações –
(Parciaes)

A fortificação propriamente dita confronta, pelo Norte com caminho de servidão para a mesma e com as terras agricultadas que lhe pertencem. Sul com rocha do mar. Léste com dita bahia = das Aguas =, e Oeste com antiga parte da esplanada hoje = jardim publico, e com o varadouro de Porto de Pipas.

As terras confrontam, pelo norte com ditas de José Augusto Borges de Menezes, e herdeiros de D. Marianna Cotta. Sul com o Castello. Léste com rocha da bahia = das Aguas =. Oeste com servidão para o Castello.

A rampa confronta pelo Norte com terras de Francisco Borges de Andrade. Sul com = jardim publico = e parte da esplanada actual. Léste com servidão propria para o Castello. Oeste coma rua do = Castellinho = (vulgo = Ladeira do Canta-galo).

(Geraes)

As confrontações geraes e portanto limitrofes de toda a propriedade vem a ser; pelo Norte, caminho de servidão para o Castello, terras de José Augusto Borges de Meneses, e herdeiros de D. Marianna Cotta, e ditas de Francisco Borges d'Andrade. Sul com rocha do mar e = jardim publico =. Léste com rocha da bahia = das Aguas =, e com servidão para o Castello. Oeste com = jardim publico =, varadouro de Porto de Pipas, com servidão parao Castello e com a rua do = Castellinho =.

Capitulo 7.º

– Avaliação –
(Medição)

A fortificação propriamente dita occupa uma área
aproximada de 10:504,00 ^{m2}
As terras agricultadas medem proximamente 3:410,00
Os fóssos e esplanada cultivados pelo lado Norte medem
proximamente 1:950,00
A parte da esplanada quasi abrupta, e não cultivada
pelos lados Norte e Oeste medem proximamente 3:744,00
A rampa que de Oeste para Léste dá acesso ao Castello,
medem proximamente 492,574
E o caminho ou servidão que por cima communica com
o Castello de Norte para Sul, mede proximamente 162,250
É portanto o total geral da superficie de toda a
propriedade nas diffferentes partes de que se compõe,
das suas respectivas confrontações adentro 20:262,824^{m2}
ou = dois hectares, dois ares, sessenta e dois centi-ares proximamente.

(Avaliação)

A casa do Governador bastante antiga, mas sofrivelmente
conservada, reputa-se o seu valor venal em rs. ins.^{os} 800$000
A caserna e quartel do ajudante " 400$000
Casa da guarda " 80$000
A fortificação propriamene dita, o seu recinto e mais partes
contidas que se não podem avaliar em separado, mal se pode
valorizar, já pelo seu máo estado em geral, já porque pela sua
especialidade só a parte militar a pode utilizar como está.
No entretanto se tivesse de ser vendida podia ser utilmente
aproveitada pelo commercio para armazem de carvão de pedra,
deposito de madeiras, de cal etc. e n'esse cazo dá-se-lhe o
valôr de rs. ins.^{os} 4:000$000
Valor total da fortificação e casas " " 5:280$000
As terras de cultivo ao Norte da fortificação, e que fazem em parte junção
com a esplanada por este lado, e linha de fossos pela maior parte atulhados,
são de sofriveis condicções agriculas, prestando-se a cultivo
de milho, horta, legumes etc. e por isso o seu valor é
computado a 100 rs. o m. q.^{do}, ou 3:410,0^{m2}x100$^{rs.}$ = rs. ins.^{os} 341$000

(Transporte	*rs. ins.^{os}*	*341$000)*
Os fossos e esplanada do lado do Norte, a 4o rs. o m. q.^{do}, ou 1:950,0^{m2}x40$^{rs.}$=	" "	78$000
As esplanadas do Oeste incultas a 20 rs. o m. q.^{do}, ou 3:744,0^{do}x20$^{rs.}$=	" "	74$880
A rampa que vae d'Oeste para Léste computa-se a 50 rs. o m. q.^{do} pelo valor do muro que a suporta para olado do Sul, ou 492,574^{m2}x0$^{rs.}$=	" "	24$630
E o caminho de servidão que por cima communica com o Castello de Norte e para Sul, em 40 rs. o m. q.^{do} ou 162,250^{m2}x 40$^{rs.}$=	" "	6$490
O valor total das terras, fossos, esplanadas e caminhos	" "	525$000

Recapitulação

Valôr total da fortificação e edificios de muralhas adentro	rs. ins.^{os}	5:280$000
Dito das terras, fossos, esplanadas e caminhos	" "	525$000
Valôr venal de toda a propriedade	" "	5:805$000

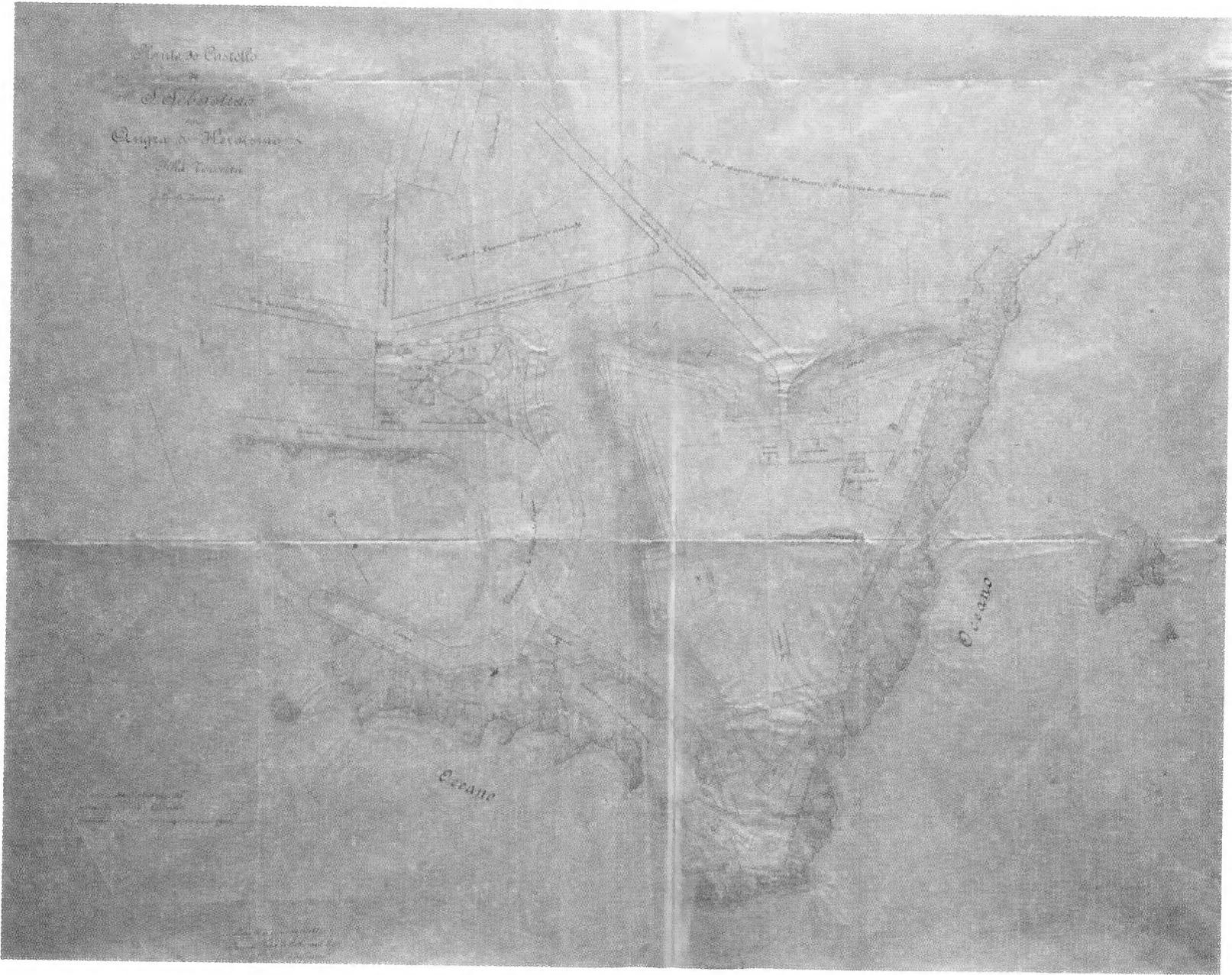
São: cinco contos oito centos e cinco mil reis insulanos, ou = quatro contos seis centos quarenta e quatro mil reis = fortes.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Esta propriedade pela sua posição importante militar, combinada com a do Castello d'Angra, as quaes ambas devidamente reparadas e artilhadas, tornarão de grande difficuldade a entrada na bahia d'Angra, que é um dos poucos portos accessiveis da Ilha Terceira, merece não só ser conservada pelo Ministerio da Guerra, como o ser bem restaurada e restituida á sua primitiva importancia. O auto de cedencia provisoria para lazareto é de 8 de agosto de 1885, conforme o documento junto.

Quartel em Lisboa 31 de desembro de 1887.

Ass. Damião Freire de Bettencourt Pego
Cor.^{el} em comm.^{ão}

Oceano
Oceano

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

A 940,0^{m} a L. da reducto da Salga, e a 14:320,0^{m} a LNE. e nos limites da freguesia do Porto-Judeu (a), encontra-se o antigo forte = das Cavalas = na ponta de L. da vasta bahia da Salga e do reducto do mesmo nome com o qual combina os seus fogos, defendendo a bahia referida com os fogos da parte O. onde montava em canhoneiras tres boccas de fogo, auxiliadas com o fogo de uma canhoneira voltada para a mesma face, mas a cavalleiro, tendo esta outra canhoneira para bater em frente, cruzando mais duas canhoneiras das baterias baixas os seus fogos com os do forte da Salga, a O. do reducto do mesmo nome, restando-lhe ainda trez canhoneiras para bater em frente e combinar fogos com os do forte = das Caninas = a L do forte de que se trata.

As fig.^{as} 2.^{a} e 3.^{a} dão ideia da bateria a cavalleiro, onde havia um pequeno paiol hoje abatido, designado na planta, fig.^{a} 1.^{a} com letra = P = e uma rampa = R = e pelo lado exterior da face O. era a casa da guarnição, tambem completamente arrasada em = G =

A historia d'este forte é a mesma de outros da mesma costa, e que tambem são agora tombados, sendo concluido em 1581, bem como os acima nomeados, e prestou vigorosa resistencia aos ataques dos castelhanos; ora do commando de Valdez, ora d'outros generaes hespanhóes, como se vê dos = Annaes da Terceira = Tom. 1.º pag. 232 e seguintes.

Á rectaguarda do forte e para o N. a 450,0^{m} de distancia e 100 a 120,0^{m} d'altura acima do nivel do mar, fica o famoso = Picco das Contendas = onde se feriu a 17 de julho de 1583 a ultima e sanguionolenta batalha entre os Terceirenses e as formidaveis forças do Marquez de S.^{ta} Cruz que pelo numero e traição do general portuguez Conde Manuel da Silva (o qual abandonou os seus) logrou tornar-se senhor da ilha Terceira e submetêl-a ao jugo castelhano depois de mais 3 annos de porfiadas luctas.

(a) Districto, Concelho e Commarca d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construção –

É de solida construcção sendo todas as muralhas de boa cantaria, a qual s'está, attestando, em ter sido edificado ha 300 annos completos, e acharse ainda de pé e no estado em que abaixo se diz, tendo o inconveniente militar de ser de cantaria muito rija produzindo muitos estilhaços.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação –

Se se attender a ter mais de 300 annos, e estar abandonado ha muitos annos, o seu estado ainda não é dos peores sendo certo ser inexacta a informação dada ao então commando geral d'engenharia, em uma relação official que em 25 de junho de 1865 foi expedida ao mesmo commando pelo quartel general da 10.ª divisão militar (hoje 5.ª) na qual se diz haverem = só vestigios = d'este forte.

As muralhas tem ruinas em varios pontos e o paiol e casa da guarnição não existem.

A portada da entrada do forte está ainda em soffrivel estado, merecendo ainda por-se-lhe um portão para o fechar.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

No capitulo 1.º se narra o fim a que foi destinado e quando em 1881 foi catalogado estava em completo abandono; no entretanto elle fez parte da relação remettida, em 23 d'agosto de 1881, ao inspector d'engenharia da respectiva divisão, na qual se indicou a conviniencia de ser posto de renda juntamente com outros nas mesmas circunstancias, o qual assim o requisitou ao conselho administrativo do Castello d'Angra a cargo do qual estão comettidos os arrandamentos de todas estas propriedades, e de assim se ter ou não feito, terá sido communicado á estação competente da direcção geral d'engenharia.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

A historia deste forte e a sua discripção feitas no capitulo 1.º, dizem qual a sua importancia que então tinha; hoje de certo é muito menor; contudo a posição foi perfeitamente escolhida, e sujeitando-o ás modificações da actualidade, poderá ainda ser considerado de utilidade.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com terras de Manoel Ferreira, herdeiros de Manoel Simões d'Avila, e foreiro Antonio Machado d'Ultra.

Sul = com rocha abrupta do mar.

Leste = com terras estereis do mesmo d'Ultra.

Oeste = com rocha do mar.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie occupada pelo forte é de 465,00^{m2}; o terreno é completamente esteril e como tal sem valôr. A servidão era feita pelas terras dos confinantes as quais são pela maior parte incultas por serem fragosissimas. Sendo a pedra de boas condições para edificações particulares poderia em demolição valer ainda 150:000 reis insulanos, sendo comtudo difficil a sua conducção para fóra do local pelos pessimos caminhos que vão do fórte á estrada mac-damisada, a 3 kilometros de distancia do povoado do Porto-Judeu, e a 14:320,0^{m} da cidade d'Angra pelo litoral.

Para renda foi computado em[1].

---

[1] Em falta no original.

Capitulo 8.°

– Considerações geraes –

Este forte e os que lhe são proximos quando não haja quem os arrende, parece de toda a conveniencia fecharem-se e entregal-os á guarda de quaisquer praças reformadas, residentes nas freguesias proximas, as quais mediante uma diminuta gratificação olharão por elles e farão respeitar as propriedades do ministerio da guerra.

NB: Este tombo foi concluido em março de 1882, porem foi agora modificado para o pôr em harmonia com o additamento de 7 de dezembro de 1882 feito ás instruções de 2 de junho de 1881 e pelas quaes foi organisado.

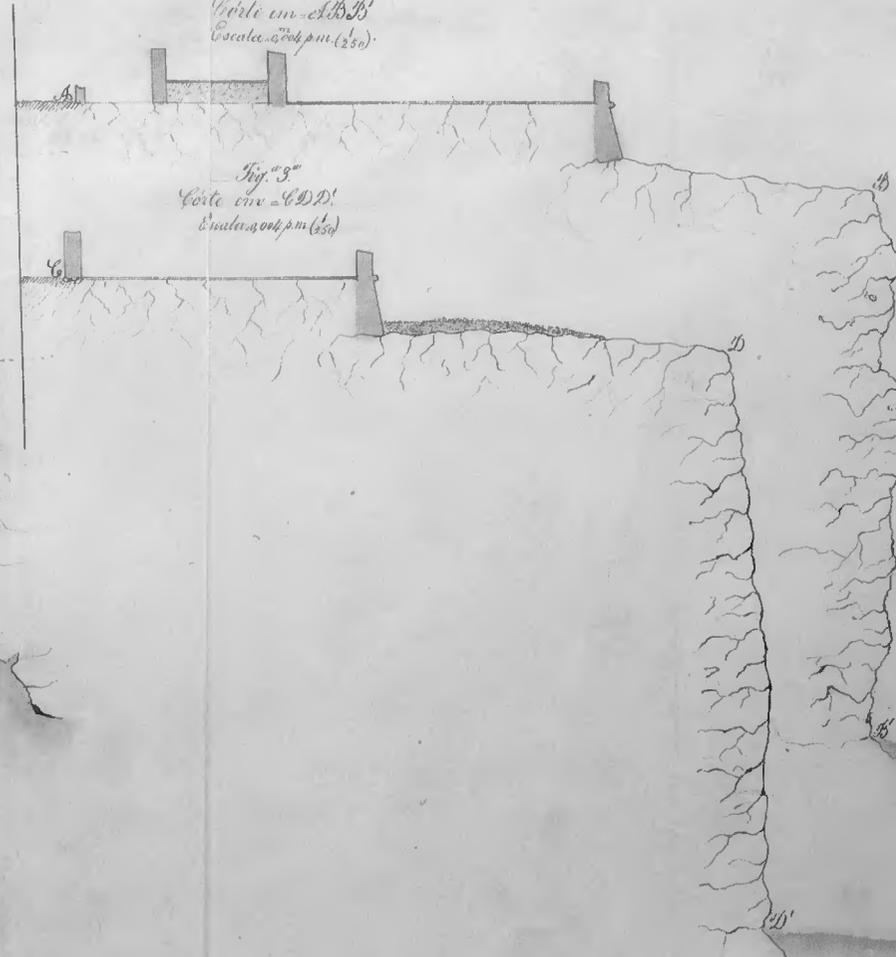
Quartel em Lisboa 5 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Nos 4 annos decorridos desde o levantamento da planta (julho de 1881) cresceram as ruinas nas muralhas, o que foi rectificado na mesma planta, diminuindo 15 a 20:000 rs. o valor muito estimativo dado a esta propriedade na epoca acima dita.

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Tombo do Forte das Cavallas, na ponta de L. da bahia da Salga, a 11:320 m. a L.S.E. d'Angra do Heroísmo
Fig.a 1.a
Planta.
Escala 0,m002 p.m. (1/500)
Fig.a 2.a
Córte em ABB'
Escala 0,m004 p.m. (1/250)
Fig.a 3.a
Corte em CDD'
Escala 0,004 p.m. (1/250)
Rectificada em agosto de 1885

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.^{a} Divisão militar

Tombo do forte das = Cavalas

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminada em março de 1882. Foi reorganisada a memoria na data abaixo (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defender os pontos da costa a Léste d'Angra, descriptos no Cap.^{o} 1.^{o} (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As muralhas ainda estão sofriveis mas com algumas ruinas. O paiol e caza de guarda não existem. A portada da entrada ainda está sofrivel mas aberta. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	O terreno não tem valôr por ser esteril. A servidão é feita por terras de particulares incultas. A cantaria poderá ainda computar-se em 150:000 rs. ins.^{os} sendo difficil o sua conducção para os povoados pela distancia e máos caminhos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Tem estado abandonado ha muitos annos. Foi proposto para renda, com outros em agosto de 1881 (Cap.^{o} 4.^{o}) (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Existe a posse desde 1581 em que foi construido. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Annaes da Terceira de Drummond - Tom. 1.^{o} - (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes da ruina e abandono. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Norte - com terras de Manoel Ferreira, herdeiros de Manoel Simões d'Avila, e foreiro Antonio Machado d'Ultra. Sul e Oeste com rocha do mar. Léste com terras estereis do mesmo d'Ultra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Deve estar entregue ao conselho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não se arrendando, parece conveniente fechalo e ser entregue á guarda de um veterano, como o das = Caninas que lhe fica proximo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 5 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

Ao norte do forte de *S.to Antão e á distancia proximamente de 180,0m está o forte das = Chagas[1] = ultimo que fecha o desenvolvimento da bahia da Praia do lado da estrada pelo sul. (a)

A sua forma aproxima-se á d'uma luneta, e foi aproveitada uma restinga para a sua edificação, a qual o tem preservado mais que os outros da mesma linha dos impetos do mar. É comtudo atacado pelos flancos retirados por falta de enroncamento. Pode montar 5 boccas de fogo que batem de frente e de flancos, como indica a planta, fig.a 1.a, e combinava seus fogos com os do forte de S. João quasi em restos e com os da bateria da Luz já inutilizada e os do forte do Porto que ha 4 annos arruinou completamente com um grande vendaval.

Tinha casa de guarda = G = e paiol = P = fig.a 1.a hoje abatidas. Tem um sofrivel terreno de cultura = T =. E tem a servidão = S = a qual é a unica desta linha que está respeitada e bem murada, porque tendo sido usurpada por um particular estranho ás propriedades visinhas, foi d'ella desaposssado por demanda judicial, sendo obrigado a mural-a.

Foi dos construidos de 1579 a 1581 por o governador Cyprião de Figueiredo, bem como outros já descriptos, prestando bons serviços n'essas epocas, e ultimamente teve grande parte nos sucessos gloriosos da batalha de 11 d'agosto de 1829, contribuindo para a derrota da esquadra de D. Miguel.

* Alias = de S. João =.

(a) Pertence á freguesia, conc.º e commarca da Praia da Victoria. Dist.º Adm.º d'Angra do Her.mo

---

[1] Na coleção de plantas enviadas para o governo, em 1777, pelo capitão-general dos Açores, este forte vem identificado por Forte de São Francisco.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido de boas cantarias e as muralhas com boas espessuras: e satisfazia perfeitamente ás condições para que foi construido.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

O estado do forte em geral é bom; a muralha do forte que forma o flanco retirado da esquerda no ponto = C = começa a ser atacada na raiz, convindo accudir-lhe, bem como a trincheira annexa = C D = já está arruinada. As casa abateram ha muitos annos e merecem ser reconstruidas, pela conveniencia de conservar este forte. As paredes da servidão estão em bom estado a que tudo é devido a ter sido o forte vigiado por um sargento reformado, e por estar muito proximo da Villa da Praia da Victoria.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

O capitulo 1.º relata o fim para que foi construido. Actualmente, isto é, quando se fez o seu levantamento em 1881, estava devoluto, sendo o terreno = T = ha bastantes annos, logradouro do commandante militar da Villa da Praia e seus pontos fortificados. Foi porem dos incluido para renda na relação citada em outros tombos enviada em 23 d'agosto de 1881 ao inspector d'engenharia da 5.ª divisão militar para ser posto de renda, caso não continuasse no usofructo acima dito.

---

[2] Desmantelado em meados do século XX.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve a relatada no capitulo 1.º e hoje attendendo ao seu bom estado comparado com os restantes que defendem aquella vasta bahia, quasi todos inutilizados como se diz nos tombos respectivos, tem ainda bastante importancia no momento em que seja reparado e devidamente artilhado.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com rocha e areal.
Sul = com terras de Francisco Paula de Barcellos Machado Bettencourt, da cidade d'Angra, e Manoel Machado Borges da freguesia da Fonte do Bastardo.
Leste = com rocha e areal.
Oeste = idem

A servidão confronta

Norte = com terras do forte.
Sul = com estrada real.
Leste = com terras do dito Barcellos.
Sul (*sic*) = com terras do dito Borges.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie geral do forte, logar das casas e da rampa = R = é proximamente de .... 368,20^{m2}
A do terreno contiguo = T = é de 439,00
A da servidão = S = é de 170,25
Total .... 977,45^{m2}

O valôr material do forte pode-se computar por aproximadamente em reis insulanos...400$000
O valor do terreno contiguo, sendo este de produção media pode-se calcular a 30 reis o metro^2 ou..13$170
O da servidão attendendo a estar murado e ter a pedra algum valôr computa-se a 250 reis o metro^2 ou..42$560
Total reis insulanos .... 455$730

Para renda annual foi calculado em 3$000 reis.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

É nossa humilde opinião que visto o bom estado relativo do forte, e os serviços que ainda pode prestar pelas razões expostas no capitulo 5.º, conviria ser reparado, levantadas as casas, ser artilhado, e depois entregue á guarda de pessoal militar competente, porque posto de renda por muitos annos e não sendo fiscalizado , cairá em ruinas, subtrahir-lhe-hão materiaes, e outros damnos faceis de prever, entregue que seja a paisanos que só procurarão tirar d'elle o lucro possivel.

NB. Este tombo ultimado em maio de 1881, foi com authorização superior agora modificado para o adaptar, bem como outros, ao additamento de 7 de dezembro de 1882 feito ás instruções de 2 de junho de 1881 e pelas quais foi executado.

Quartel em Lisboa 16 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^e C.^el em comm.^ão

Additamento

Na rectificação feita a este forte achou-se mais arruinado do que ha 4 annos quando se procedeu ao levantamento da planta, ruinas que crescem pela invasão do mar.

Está actualmente arrendado a Matheus de Sá .... por 1:800 rs. annuais, de novembro de 1881 a outubro de 1887.

Estima-se em 40$000 rs. insulanos a depreciação havida, desde o levantamento da planta em 1881.

Quartel em Angra do Heroismo 24 d'agosto de 1885.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Ilha Terceira.

Tombo do Forte das Chagas. 180,0 m. ao N.E. do de S. João, na bahia da Villa da Praia da Victoria.

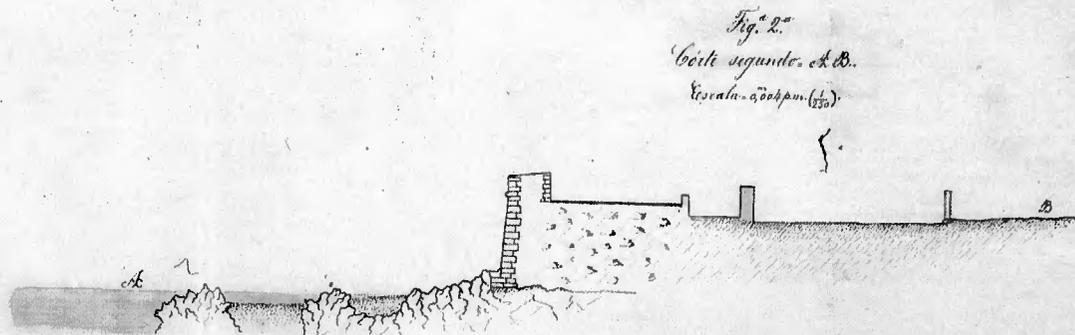
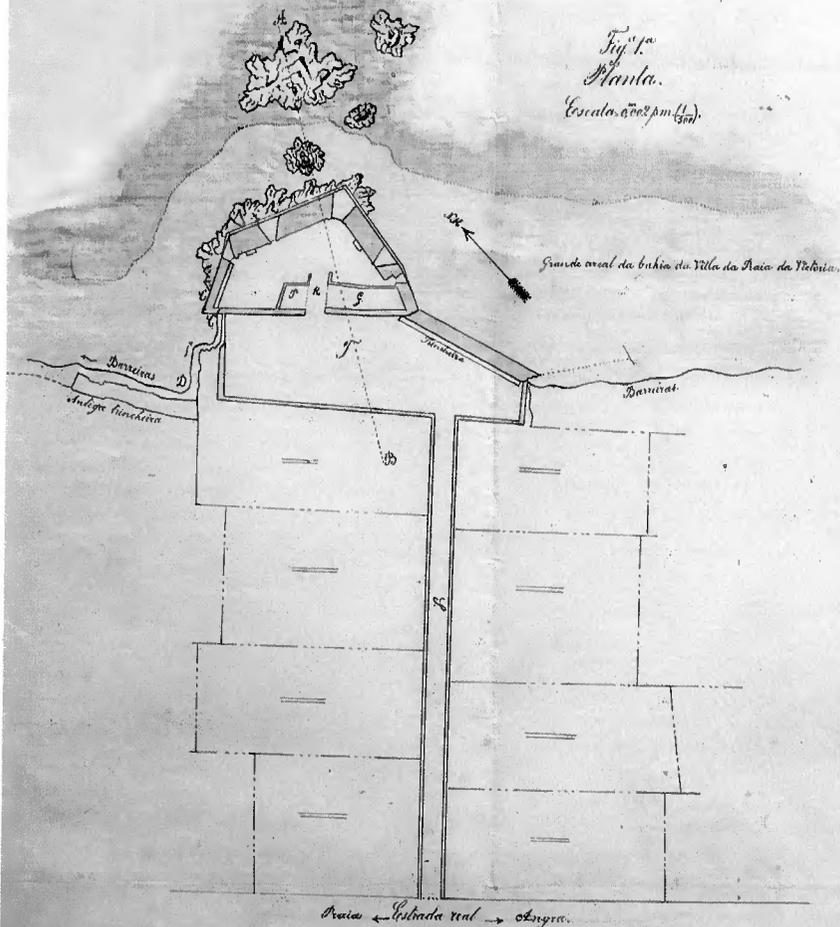



Fig.ª 1.ª
Planta.
Escala 0,002 p.m. (1/500).

Grande areal da bahia da Villa da Praia da Victoria.

Barreiras

Antiga trincheira

Trincheira

Barreiras

Praia ← Estrada real → Angra.

Fig.ª 2.ª
Corte segundo A B.
Escala 0,004 p.m. (1/250).

O Ten.te Cor.el Damião Frz. de Bettencourt Pego, fez em agosto de 1881, o dez.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = forte das = Chagas = na bahia da Villa da Praia da Victoria.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Em maio de 1882. Reorganisado na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para a defesa da bahia. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As muralhas em geral boas, menos a do flanco retirado da esquerda, como se diz no cap. 3.º As cazas abateram ha muito tempo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Material do forte = 400$000. Terreno contiguo = 13$170. O da servidão que é murado 42$560 rs. tudo moeda insulana. Para renda 3$000 rs. por anno. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	O terreno era ha muitos annos logradouro dos commandantes militares: hoje deve estar de renda. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Segundo os Annaes da Terceira foi dos construidos de 1579 a 1581. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Na forma da fortificação nenhuma. As que se notam são as provenientes de ruina. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte - com rocha e areal. Sul - com terras de Fr.ᶜᵒ de Paula Barcellos Machado Bettencourt, e Manoel Machado Borges. Léste e Oéste com dita rocha e areal. A servidão: Norte - com terras do forte. = Sul com estrada real. = Léste com diti Barcellos. Oéste - com dito Borges. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ao commandante militar havendo-o, ou ao conselho administrativo do Castello de Angra. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As expendidas no cap.º 8.º - § 1.º (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 16 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

Este antigo e bom forte denominado das = Cinco Ribeiras[1] = está edificado sobre a parte dominante de um pedregoso porto da freguesia do mesmo nome do forte, o qual ainda que isolado d'outros defendia o desembarque, já de si difficil, sobre a rocha d'aquella pequena enseada chamada = Porto dos barcos de pesca das Cinco =.

Está a dois kilometros da estrada real, e a 13 kilometros ao N.O. da cidade d'Angra do Heroismo – Freguesia de N. Snr.ª do Pilar. (a)

Tem uma plataforma de cantaria = E = figª 1.ª onde era montada uma bocca de fogo jogando a barbete havendo entre ela e a muralha um fosso para abrigo da guarnição como se vê na fig.ª 2.ª As muralhas são revestidas de boas cantarias, em parte arruinadas.

A historia d'este forte é coeva dos das costas N. S. e L. da ilha, sendo portanto um dos construidos debaixo da vigorosa direcção do habil governador e general Cyprião de Figueiredo em 1581[2] – para defender a ilha da invasão dos castelhanos, como já se relatou no tombo no forte do = Porto dos Biscoutos = sendo este o unico ponto mais fraco da costa N.O. em relação a Angra, sendo toda a mais parte da costa rocha abrupta e a grandes alturas.

O espaço occupado pelo forte é de 210^{m2}.

Havia mais uma linha de trincheira d'alvenaria argamassada, hoje quasi derrocada e que orlava a rocha para a esquerda do forte até á distancia de 150,0^{m} e é indicada na planta com as letras = f g =

(a) No concelho e commarca d'Angra do Heroismo.

---

[1] Também denominado de *Nossa Senhora do Pilar*, *São Sebastião* e *São Bartolomeu*. Nomes da padroeira da freguesia das Cinco Ribeiras e das duas freguesias a que esta, anteriormente, pertenceu.

[2] Ferreira Drumond data a construção deste forte de 1653.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi construido como as demais fortificações da sua epocha com boas cantarias de revestimento, bem travadas, oferecendo bastante resistencia aos ataques maritimos, como á acção do tempo caso tivesse sido tratado; tem estado porem abandonado ha muitos annos.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[3] –

As muralhas tem varias ruinas nos paramentos exteriores; a trincheira está pela maior parte derrocada e o tecto do paiol tambem esta quasi todo destruido; as paredes porem estão em soffrivel estado, bem como a plata-forma, e com pouco dispendio poderia este bom forte ser reparado e conservado. No corte = A B = se conhecem em parte as ruinas indicadas, bem como as existentes nas muralhas indicadas na planta fig.ª 1.ª com a letra = r =

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

No capitulo 1.º se narra o fim a que foi destinada esta fortificação; actualmente está sem applicação estando abandonada ha muitos annos; fez comtudo parte da relação que em 23 d'agosto de 1881 foi enviada pelo signatario d'este tombo ao inspector d'engenharia da 5.ª divisão militar, afim de ser posto de renda bem como outros fortes nas mesmas condições, o que foi requisitada ao conselho administrativo do Castello d'Angra pelo referido inspector.

---

[3] Pouco sobra, para além de embasamento.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Tem bastante importancia militar pelas razões expostas no capitulo 1.º sendo sobre todas de ser o unico que existe na costa da ilha que olha a N.O.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com caminho que vem da estrada real pela = Canada da Praia =
Sul = com rocha do mar.
Léste = com caminho sobre a rocha e terras de José Machado.
Oéste = com rocha do mar.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

O terreno em que assentam as construcções é completamente esteril e pela maior parte burgáo e residuos vulcanicos, e como tal sem valor.

Os materiaes da fortificação se tivessem de se vender, poderiam valer o maximo 120$000 reis, attenta a sua posição e difficuldade de desmancho.

O forte posto de renda annual poderá esta computar-se em 2:000 rs.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

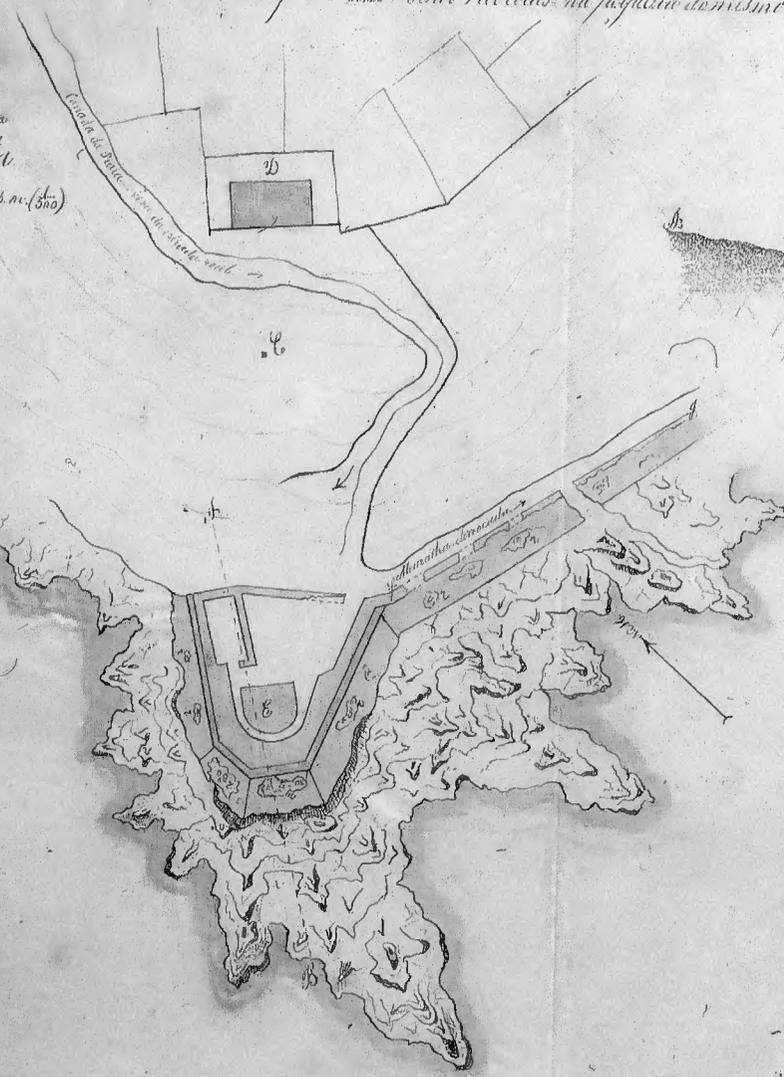
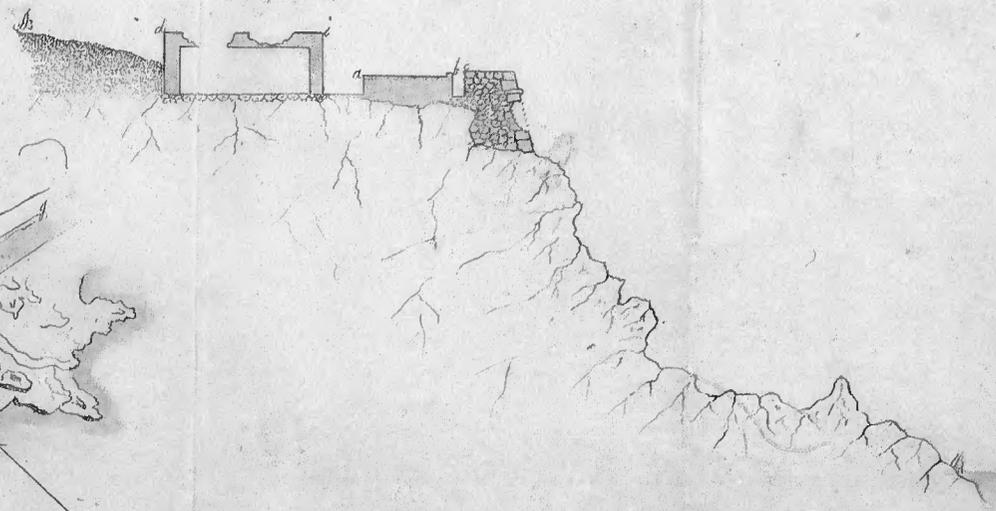
Á distancia de 45,0^{m} e atraz do forte para o norte, está edificada ha poucos annos uma boa casa do Estado = D = fig.ª 1.ª que é posto fiscal d'alfandega d'Angra; são duas habitações debaixo de um só corpo; pode alojar em caso de necessidade a guarnição sufficiente para este forte; está 10,0^{m} acima do nivel do mesmo. Estando em duvida se teria sido construida

em terreno pertencente ao ministerio da guerra; officiei n'este sentido ao director d'alfandega , sendo-me communicado pela referida authoridade ser terreno publico mas do concelho, e pelas informações locais soube que em tempos remotos houve uma pequena construção militar, no local marcado na planta com a letra = C = e da qual ha muito não ha vestigios.

Este tombo foi feito em janeiro de 1882, sendo modificado na data abaixo para o pôr em harmonia com o posterior additamento ás instruções, datado da 7 de dezembro de 1882.

Quartel em Lisboa 8 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Ilha Terceira
Tombo do forte das Cinco Ribeiras na freguezia do mesmo nome, a 13 kilometros ao S. O. d'Angra
Fig.a 1.a
Planta
Fig.a 2.a

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = forte das = Cinco Ribeiras = na freguesia do mesmo nome

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Concluida em janeiro de 1882. (*Rub*) D. Pego T.e C.el Reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Para a defesa da parte N. O. d'Angra (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Tem bastantes ruinas, mas ainda susceptivel de se reparar. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Para venda 120$000 rs. insulanos. Para renda 2:000 rs. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Tem estado abandonado, salvo se hoje está de renda o que foi indicado á auctoridade respectiva. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Annaes da Terceira de Drummond. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	As provenientes da ruina e abandono. (*Rub*) D.Pego T.e C.el	Norte – com caminho que vem da estrada real pela = Canada da Praia =. Sul – com rocha do mar. Léste com caminho sobre rocha e terras de José Machado. Oéste – com dita rocha. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Não foi ainda. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Deve estar á conta do conselho administrativo do Castello de Angra. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Nada. (*Rub*) D. Pego T.e C.el

Quartel em Lisboa 9 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.e C.el em comm.ão

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

O forte do = Espirito Santo = está a 620,0^{m} do do = Porto = e na extrema esquerda da bahia da Villa da Praia da Victoria. (a).-

Montava 5 boccas de fogo, crusava e combinava os seus fogos com os do forte do = Porto = hoje em ruinas.

Tem paiol e casa de guarnição arruinadas, e a muralha de poente tem o rombo = a b c a = fig^{a} 1^{a}, ou melhor = a b c a = fig^{a} 2^{a}.

A antiga muralha tinha a espessura = e f g d = fig^{a} 2^{a}.

Foi construido de 1579 a 1583 segundo os Annaes da Terceira e se deprehende pela sua fórma de construcção. Na batalha de 11 d'agosto de 1829 foi o unico forte da bahia da Praia que callou os seus fogos, devido ao grande prejuizo causado no seu interior pelos estilhaços da rocha quasi aprumada que lhe fica sobranceira, a que está immediatamente encostado, e a qual forma a Serra da Praia; pelo que convergiu a este ponto a força do desembarque das tropas de D. Miguel o que tão funesto resultado lhe trouxe e como é sabido.

= A servidão é feita pelo areal.

(a) Pertence á freguesia, Conc^{o} e Commarca da Praia da Victoria - Dist.^{o} d'Angra do Her.^{mo}.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido de boas cantarias, tão bem ligadas, argamassadas e travadas que a muralha está como suspensa, havendo um rombo em forma d'arco como se deprehende da fig^{a} 2^{a} em = c c´ d =

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

Está arruinado nas muralhas, entrada, casas e paiol e pela sua posição perigosa não merece ser reparado.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi construido para a defeza da bahia; actualmente não tem nem pode ter applicação alguma; está abandonado ha muitos annos.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve bastante em tempos antigos; actualmente não tem nenhuma, principalmente pelo grande inconveniente da rocha a que encosta, a qual é um dos seus principais inimigos. Senão fôra isto a posição era importante e mesmo a unica na parte Leste da bahia.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com rocha da Serra da Praia.
Sul = com rocha do mar.
Léste = com a mesma.
Oeste = com o sêrro que vai para o areal, villa da Praia, etc.

---

[1] Resta um pequeno pano de muralha junto ao molhe do quebra-mar que naquele ponto nasce.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

O valôr dos materiais contidos no forte, em revestimento, cantarias de muralhas etc, computa-se em 200$000 reis insulanos.

A area occupada pelo forte é proximamente 500,00^{m2}, e o seu sólo não tem valôr algum por ser tudo rocha.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parecendo não merecer este forte ser restaurado pelos inconvenientes ponderados n'outros capitulos, nem sendo susceptivel de renda; seria talvez conveniente proceder á venda dos seus materiaes, antes que maiores desabamentos o inutilizem completamente.

NB. Este tombo terminado em maio de 1882, foi agora modificado como outros para o adaptar ao additamento de 7 de dezembro de 1882, feito ás instruções de 2 de junho de 1881 – pelas quais foi executado.

Quartel em Lisboa 19 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

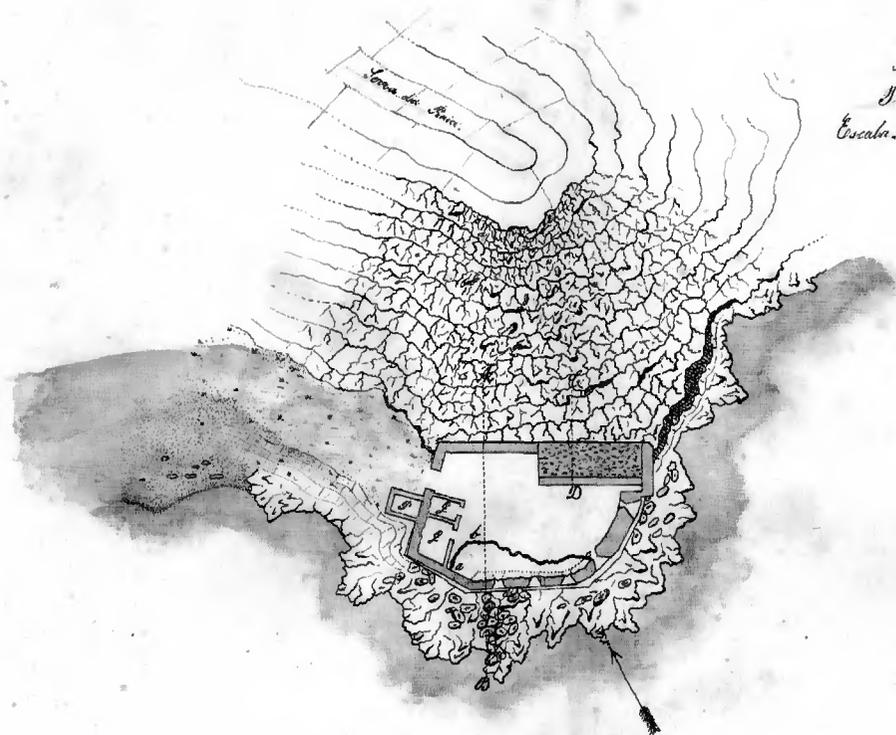
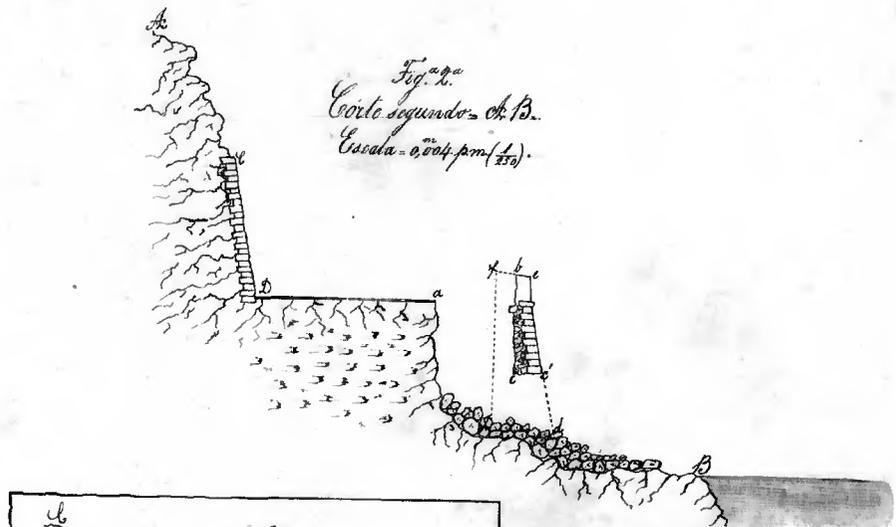
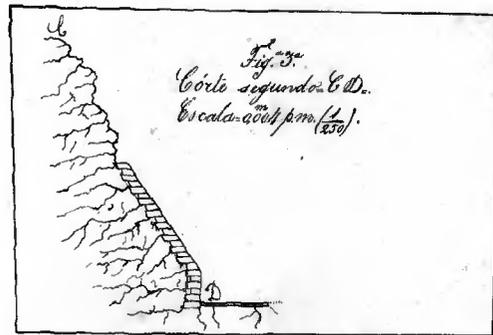
Additamento

Nos 4 annos que decorreram desde o levantamento da planta primitiva (agosto de 1881) até á actualidade ocorreram mais ruinas augmentando a profundidade do rombo indicado na planta e corte (1), e maior deterioramento nas muralhas e resto das casas, diminuindo trinta mil reis no valor venal arbitrado no cap.º 7.º

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

(1) - Fig.ª 2.ª -

Ilha - Terceira.

Tombo do forte do Espirito Santo na extrema esquerda da bahia da Villa da Praia da Victoria.

O Tent.e Cor.el Damião Freire de Bettencourt Pego, lev. em agosto de 1861 e des.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = forte do = Espirito Santo = na bahia da Praia da Victoria

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminada em Maio de 1882. Reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para defender o desembarque na villa da Praia da Victoria. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Está em geral em ruinas. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	200$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Nenhuma. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Pelos = Annaes da Terceira Tom. 1.º deprehende-se ser dos construidos de 1579 a 1583. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As provenientes da ruina e abandono. (*Rub*) D.Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte = com rocha da Serra da Praia- =Sul com rocha do mar. Léste com a mesma.= Oeste = com o sêrro de terra e areia que vae para a villa da Praia pelo areal. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Não tem estado entregue a auctoridade alguma. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Nada. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 19 de julho de 1883
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

Na estrada litoral a oeste de Angra a 4:338,0^{m} desta, e na costa da freguezia de S. Matheus está construido o denominado = Forte grande = (a).

Apresenta a forma de uma luneta irregular, tendo no saliente uma canhoneira, outra em cada face, e uma em cada flanco (Fig.ª 1.ª)

Na espessura da muralha e no flanco de oeste esta aberto um pequeno corredor de 3,0^{m} de comprimento, tendo no extremo uma privada. No mesmo flanco e proximo de góla existe um espaço destinado a cosinha.

Encostadas ao muro de góla ha quatro pequenas cazas (1,2,3,4) tendo as duas extremas (1,4) entrada pelo interior do forte, e cada uma d'ellas uma janella para o mar; as duas intermedias (2,3) tem entrada pelo exterior do forte, tendo a da esquerda duas janellas para o largo, que confronta com a estrada real (fig.ª 1.ª). A ultima caza (4) tem dois compartimentos.

Á entrada do forte e sobre a esquerda ha uma escada de pedra que da accesso a uma plataforma ou terraço indicado a traço pontuado na fig.ª 1.ª

Dos Annaes da Terceira de Drummond deprehende-se (e mesmo se vê pela sua construcção analoga á de outros) ter sido este um dos projectados e construidos sob o plano do engenheiro Thomaz Benedicto de 1567 a 1581 para a defeza dos pontos accessiveis d'aquella costa, combinando vantajosamente os seus fogos com os dos fortes da Egreja e do Negrito que lhe ficam proximos, e com os da bateria de S. Diogo na raiz do Monte Brazil para defender a bahia do Fanal.

(a) Pertence ao Conc.º Commaraca e Dist.º Adm.º d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi construido de boas cantarias, e sobre rocha firme, e apesar de ter pouca altura sobre o nivel do mar, como se vê no córte (fig.ª 2.ª) justifica-se

a sua boa construção e o bom travamento de cantarias, pelas poucas ruinas que apresenta exteriormente.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação –

Attendendo a ser dos mais antigos da ilha, mares tempestuosos que o batem frequentemente, e pouco tratamento, está ainda em boas condicções de ser conservado: as cazas exteriores = 2 e 3 = tinham já os tectos arruinados, quando o signatario d'este estava encarregado da inspecção d'engenharia da divisão; quanto ao estado actual das duas extremas = 1 e 4 = não o sabe com certeza, porque tendo este tombo sido elaborado em Março de 1881 pelo tenente d'engenharia Antonio Bello d'Almeida Junior, não faz elle menção do estado da propriedade: não podem comtudo estar boas, porque já tinham ruinas na epocha referida, e a parte interior das muralhas tambem estava precizando concertos.

E não estar peor era devido a achar-se então entregue á guarda de um veterano, que o habitava com sua familia.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi construido para a defeza dita no cap.º 1.º

Até 1880 estava á disposição do ministerio da guerra, entregue á guarda do veterano dito no cap.º 3.º e havia ate essa ephoca um major reformado denominado = comandante do districto militar d'aquella parte da costa = e que comprehende os fortes da = Má Ferramenta = da Egreja = do Negrito = e deste que se trata, e que tinha a seu cargo os referidos fortes.

Não consta ao signatario do actual tombo reorganisado, que actualmente tenha diversa applicação.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve bastante na epocha em que foi construido e ainda muito posteriormente de 1828 a 1832. Ainda a poderá ter se fôr devidamente conservado e artilhado por ser ainda grande o seu valor defensivo pelas razões expendidas no ultimo § do cap.° 1.°

Capitulo 6.°

– Confrontações –

Norte - com estrada real N.° 1 que liga a cidade d'Angra á freguesia da Serrêta ponta N.O. da ilha e predio (P) d'um particular que limita pela direita um pequeno largo (L) de 483,0^{m2}, que existe entre a estrada e o muro da góla da fortificação sendo pela esquerda o mesmo largo limitado por uma viella (V) que conduz á beira-mar.

Sul, Leste e Oeste - com rocha do mar.

Capitulo 7.°

– Avaliação –

A área occupada pela fortificação incluindo as cazas descriptas é de.................	738,0^{m2}
A do largo (L) que se considera pertencer ao Ministerio da guerra	483,0^{m2}
	1.221,0^{m2}

Capitulo 8.°

– Considerações geraes –

É opinião do actual signatario que no caso da propriedade não ser precisa para o serviço do ministerio da guerra, e que esteja deshabitada, se lucrará em ser posta de renda, obrigando-se o arrendatario á conservação da fortificação internamente, e reparação das cazas, ainda mesmo fazendo o arrendamento a maior prazo, salvos os cazos fortuitos a que ficar sujeito.

Este tombo foi feito, com outros em março de 1881 pelo tenente

d'engenharia Antonio Bello d'Almeida J.^{or} em serviço da sua arma na ilha Terceira.

Foi reorganisado para o adaptar ás instrucções de 2 de junho de 1881, e additamento ás mesmas de 7 de dezembro de 1882, servindo de base os dados exarados por o mesmo official na respectiva memoria que acompanhou os desenhos, e que tambem ja foram reduzidos ás escalas ordenadas para os trabalhos da commissão.

Quartel em Lisboa 11 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ao}

Tombo do Forte Grande na costa da freguezia de S. Matheus a oeste de Angra

Ilha Terceira.

Fig. 1.a
Planta.
Escala 0.m002 p.m. (1/500).

Fig. 2.a
Corte em A.B. fig. 1.a
Escala 0.m004 p.m. (1/250).

Levantado pelo ten.te de E. M.or d'eng.a Antonio Bello d'Almeida J.or em Março de 1881.

Reduzido ás escalas ordenadas, pelo ten.te cor.el Lourenço Freire de Bettencourt Rego, em Out.o de 1882.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = forte Grande = na freguesia de S. Matheus

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
1.ª Em março de 1881 pelo Ten.^{e} Bello d'Almeida. 2.ª Reorganisada em 11 de julho de 1883. Os desenhos já foram anteriormente reduzidos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defender a parte da costa a Oeste de Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As muralhas estão sofriveis. As cazas más. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Actualmente não se considera em mais de 1:000$000 rs. insulanos o valor material do forte e cazas pelas razões expostas no cap.º 7.º. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Estava occupado por um veterano e familia até 1880: actualmente deverá estar de renda como em 1881 foi proposto. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Dos Annaes da Terceira Tom. 1.º deprehende-se ser este um dos construidos de 1567 a 1581. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes da ruina não tendo sido alterada a sua forma. (*Rub*) D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com estrada real n.º 1 e predio particular, pelo largo L = limitado por uma viela. Sul – Léste e Oeste – com rocha do mar. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ao conselho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Nada. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 11 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

O forte denominado = da Greta = na ponta de Oeste da bahia das Mós = nos limites da freguesia de S. Sebastião com a do Porto Judeu,(a) e proximamente a 320,0^{m} (em recta) do das = Caninas = foi edificado em 1581 para defender a entrada na referida bahia combinando os seus fogos com os do forte de S.^{ta} Catharina das Mós que fica na parte reintrante da bahia e um pequeno baluarte que houve na ponta de S. da mesma, cujo nome não é citado pelos historiadores insulanos, mas que mais tarde foi substituido pelo forte do Bom Jezus, do qual se trata no tombo respectivo. É de forma rectangular tendo sido montadas 4 boccas de fogo na face = E H = voltada para a bahia, e 2 na = H I = que olha a Sul.

Tem um paiol (P. fig.ª 1.ª e 2.ª), parte d'elle escavado sob a rocha que lhe serve de tecto.

Tinha uma pequena casa de guarnição = (G. fig.ª 1.ª) e um fôrno = F = para balas ardentes o que tudo está quasi demolido.

Esta parte da bahia até ligar com o forte de S.^{ta} Catharina era orlada com uma boa trincheira para fusilaria, da qual só existe e em ruinas a parte = C C'= tendo desaparecido o resto pela queda successiva das barreiras que a sustentava, e pelas mesmas causas brevemente desaparecerá o que existe.

Foi notavel com os dois mencionados annulando as tentativas de desembarque do general castelhano Valdez em 1581, sendo toda a sua historia igual á do das Cavallas, Caninas etc já tombados (Annaes da Terceira pag 218 e seguintes tom 1.º).[1]

(a) Concelho e commarca d'Angra do Heroismo, Dist.º do mesmo nome.

---

[1] Oculta o desembarque do marquês de Santa Cruz, em 1583.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido de cantaria como todos os de mais da sua epocha, aproveitando todas as boas condições que o ponto escolhido podia favorecer.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Está arruinadissimo por se achar abandonado e até quasi ignorado ha muitos annos. As muralhas estão-se derrocando e a casa e forno apenas tem pequenos restos de parede a 1,0^{m} e 1,5^{m} d'altura. A trincheira que se lhe seguia está quasi perdida pelas circunstancias de força maior expostas no capitulo 1.º

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

No capitulo 1.º se diz qual o fim para que se edificou. Estava sem applicação quando em julho de 1881 se fez o reconhecimento e levantamento d'este forte. É possivel que hoje esteja de renda, pois fez parte de relação de 23 d'agosto de 1881, enviada á 5.ª divisão militar n'este sentido e conforme já se disse nos tombos do forte do Porto = Cavallas = Caninas etc.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve-a bastante na epocha em que foi construido; como posição ain-

---

[2] Ainda sobram alguns panos de muralha.

da a teria hoje; tem comtudo o grande inconveniente de estar immediatamente encostado a uma rocha escarpada, e cujos estilhaços serão o maior inimigo da guarnição, o que muito contribuiria para um tal abandono.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com terras dos herdeiros de Manuel Gonçalves Fagundes
Sul = com rocha do mar
Leste = idem
Oeste = com rocha escarpada que forma a montanha quasi abrupta da bahia de Porto de Mós.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie da rocha e barreiras sobre que assenta o forte e casas é proximamente de 283,00^{m2}, e não tem valôr algum. A servidão é feita por terreno aberto ao publico e improdutivo pertencente aos herdeiros de Manuel Gonçalves Fagundes. Os materiaes existentes poderiam valer 25 a 30 mil reis; ninguem talvez os quererá dar pela difficuldade do desmancho e do transporte para o povoado que lhe fica a grande distancia em pessimas e difficeis subidas.

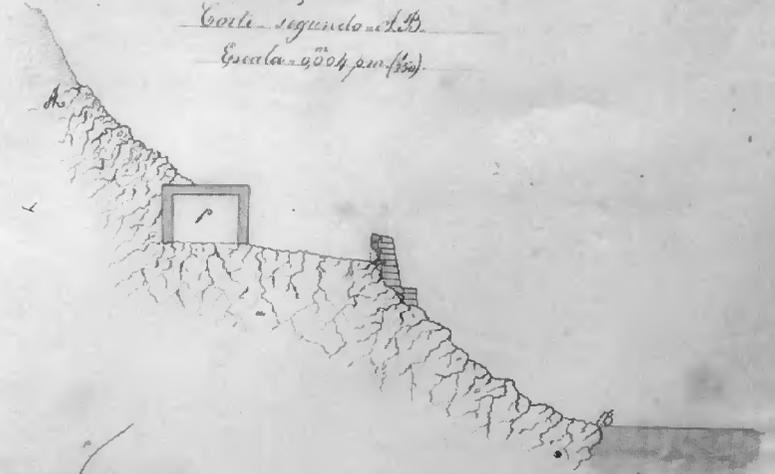
Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Caso não tenha sido arrendado visto achar-se n'uma posição em que de nada serve ao particular, parece conveniente annunciar-se a venda do material, e não havendo comprador continuar como está a não ser que se repare devidamente o forte de S.^{ta} Catharina das Moz, como merece, porque havendo ali um guarda facilmente olhará porque não sejam subtrahidos os materiaes que ainda existem que se reduzem a cantarias porque até as alvenarias não tem valôr.

NB. Este tombo foi ultimado em março de 1882 - foi comtudo agora modificado, bem como outros, com authorização de Sua Ex.ª o General Director Geral da arma para o harmonizar com o additamento de 7 de dezembro de 1882 feito ás instruções de 2 de junho de 1881, por onde se regularam estes trabalhos.

Quartel em Lisboa 5 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.^{a} Divisão militar

Tombo do forte da = Grêta =

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Foi terminada em março de 1882. Reorganizada na data abaixo pelas razões expostas no fim do cap.^{o} 8.^{o} (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para com os outros fortes defender a entrada na bahia das Mós. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Arruinadissimo (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	25 a 30$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Nenhuma até agosto de 1881 em que foi levantada a planta. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua construção que é de 1567 a 1581. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Annaes da Terceira de Drummond. Tom 1.^{o} (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As produzidas pelas ruinas quasi completas. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Norte com terras dos herdeiros de Manuel Gonsalves Fagundes. Sul e Leste rocha do mar. Oeste - rocha escarpada que forma a montanha a que o forte encosta. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Deve estar entregue ao conselho administrativo do castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Caso não esteja hoje arrendado, convirá vender-se. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 5 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

Na estrada litoral a Oeste d'Angra e 5420,0^{m} de distancia desta, está o forte da = Egreja[1] = assim chamado por estar a 22,0^{m} de distancia da egreja de S. Matheus, parochial da freguezia do mesmo nome. (a)

Para este forte de acanhadas dimensões entra-se pela rampa = R = fig. 1.ª e é portão um rasgamento feito na muralha ate ao cordão de rampa e de 1,4^{m} de largura.

Tem a forma de um trapesio isosceles, tem quatro canhoneiras, duas no lado menor e uma em cada um dos lados não parallelos.

A muralha é guarnecida de banquetas no intervallo das canhoneiras; e no vertice de leste ha uma pequena caza.

Pela sua construção vê-se ser dos construidos sob plano do engenheiro Thomaz Benedicto (de 1567 a 1581) bem como os da mesma linha e costa e entre elles o forte = Grande = e o do = Negrito = com os quaes cruza fogos vantajosamente defendendo as enseadas repetidas que ha n'aquella linha, e auxiliada pelos fogos da bateria de S. Diogo na raiz do Monte Brazil, defende a entrada na bateria[2] do Fanal a oeste de Angra.

(a) Pertence ao Districto, Concelho e Comarca d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi construido de boas cantarias; assenta porem sobre barreiras que vão cedendo á acção do tempo, servindo-lhe de resguardo a rocha, ainda que baixa, que a órla.

---

[1] Também designado por forte ou reduto de São Mateus.

[2] Provavelmente o autor deve estar-se a referir à **baía** do Fanal.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[3] –

Attendendo ao numero de annos que tem, e pouco tratamento está em soffrivel estado; a caza é que tem mais ruinas. Merece ser conservado.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi construido para a defeza designado no cap.º 1.º

Actualmente não tem applicação, salvo se depois de março de 1881 em que foi feito o tombo deste forte teve alguma, o que se não colhe da memoria que agora é modificada.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve bastante na epocha em que foi construido e ainda posteriormente de 1828 a 1832. Actualmente ainda a poderá ter devidamente artilhado, porque a sua posição é magnifica por estar exactamente na ponta avançada da ilha conhecida pelo nome de = Ponta de S. Matheus = e cruza efficazmente fogos com os fortes designados no Cap.º 1.º.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte - com a rampa = R =, estrada velha d'Angra para a Serrêta, ao N. O. da ilha, e rocha do mar.
Sul e Oeste com rocha do mar
Leste com a citada estrada velha.

---

[3] Não restam vestígios significativos.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

Sendo a superficie do solo, ocupada pelo forte de 204,0^{m2} não tem elle valor algum.

Não tem servidão propria por ser esta feita por caminho publico.

O valor do material do forte é computado em 100$000 reis insulanos.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Este tombo foi feito com outros pelo tenente de engenharia Antonio Bello d'Almeida J.^{or} em serviço da sua arma na ilha Terceira.

Foi reorganizado para o adaptar ás instruções de 2 de junho de 1881, e additamento ás mesmas de 7 de dezembro de 1882, servindo de base os dados exarados por o mesmo official na respectiva memoria que acompanhou os desenhos, e que tambem foram reduzidos ás escalas ordenadas para os trabalhos da commissão.

Quartel em Lisboa 22 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

NB: A reducção e 1.ª reorganisação d'este tombo foi feita em outubro de 1882.

(*Rub*)D. Pego
T.^{e} C.^{el}

Tombo do forte da Egreja na costa da freguezia de S. Matheus
Ilha Terceira.

Fig.a 1.a
Planta.
Escala 0,m002 p.m. (1/500)

D
C
Estrada velha d'Angra para a Serreta →
N.N.

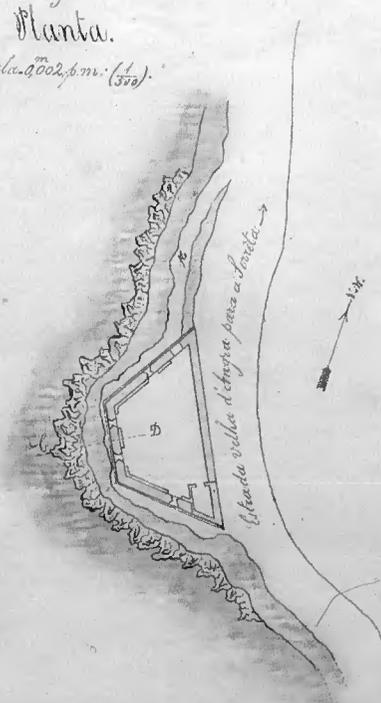
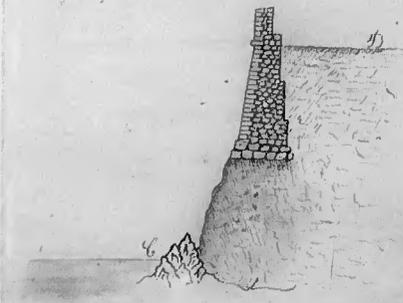



Fig.a 2.a
Córte em CD fig.a 1.a
Escala 0,m004 p.m. (1/250)

Levantado pelo tent.e do E. M.r d'eng.a Antonio Bello d'Almeida J.or em março de 1881.

Reduzido ás escalas ordenadas, pelo tent. cor.el Damião Freire de Bettencourt Lego em outubro de 1882.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do[1]

Na

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
1ª Em março de 1881 pelo ten.^{e} de'eng.ª Antonio Bello d'Almeida J.^{or}. Foram reduzidos os dezenhos e agora reorganisada a memoria, na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defender com outros a parte da costa a oeste d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As muralhas estão sofriveis; as cazas em máu estado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	O valor material do forte é computado em 100$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não tinha applicação alguma, salvo se depois de 1881 foi arrendado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Está de posse desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Pelos Annaes da Terceira, tom. 1.º conhece-se ser edificado de 1567 a 1581 - e mesmo pela forma analoga aos que são nomeados. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes das ruinas e pouco tratamento (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Norte - com rampa do forte, estrada velha e rocha. Sul e Oeste com rocha. Léste com a dita estrada velha. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Deve estar a cargo do Conselho administrativo do Castello de Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Nada. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 12 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

[1] Espaço em branco no original.

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

Na estrada real N.º 1 d'Angra á Serrêta e a 3:700,0^{m} a oeste d'aquella cidade encontra-se o forte da = Má Ferramenta = (a).

É o primeiro que se encontra na linha de Oeste.

Existe d'elle uma plata-forma lageada parecendo destinada a supportar uma boca de fogo de grande calibre, estando as muralhas ao nivel do terrapleno.

Sobe-se para o forte por uma escada que começa na valêta da estrada real.

Da muralha do sul apenas existe metade, e o mesmo se dá com a de leste, entrando-se em duvida se as duas ditas muralhas se prolongaram ate ao encontro formando um forte rectangular, ou se estavam unidas por qualquer muralha em curva como se indica a pontos na planta, parecendo ser esta ultima hypottese a mais aceitavel, pelas ruinas que ali se notam.

A sua construção indica ser antiga, contudo os Annaes da Terceira nada dizem d'elle nem com relação á epocha dos Philippes nem á da historia da liberdade.[1]

(a) Freg.ª de S. Matheus, Conc.º Commarca e Dist.º d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

---

[1] Afirmava o Dr. Baptista de Lima que este forte deve o seu nome à alcunha do dono das terras ou de um morador das redondezas do local onde foi construído. Sabemos por Gaspar Frutuoso, que um proprietário de alcunha Má Terramenta, provavelmente, Má Ferramenta, vendeu terras nos Biscoitos a Pedro Anes do Canto. A vir da alcunha deste homem a designação do forte, teremos que fazer recuar a sua construção ao século XVI. Já vem citado na revista aos fortes da ilha Terceira, efectuada em 1767, pelo Sarg Mor de Engenharia, João Júdice; mas não na relação de António do Couto Castelo Branco, de 1710, pelo menos com esta designação.

Foi construido de boas cantarias, mas com poucas espessuras relativas á proximidade do mar.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Esta em ruinas, e pelo abandono de ha muitissimos annos, parece não merecer a pena de se conservar.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Sendo de suppôr que tivesse montado uma bocca de fogo do melhor alcance de então, e que jogava a barbete foi destinado a defender com outros a entrada da bahia do Fanal, e mesmo o desembarque nos pontos baixos da costa e que lhe ficam proximos.

Hoje não tem applicação alguma.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

No estado em que está não se lhe reconhece importancia nenhuma militar, sendo aliás boa a posição.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte - com estrada real N.º 1.

Sul, leste e oeste - com rocha do mar.

---

2 Ainda sobram algumas ruínas, à mistura com estruturas datando da II Grande Guerra.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A área occupada pelo forte é proximamente de 280,00^{m2}; o terreno que occupa é sem valor.

O valor venal da propriedade foi apreciado pelo official que fez o tombo primitivo d'este forte em 200$000 reis insulanos pelo facto de estar á beira d'uma das estradas principais da ilha.

Capitulo 8.º

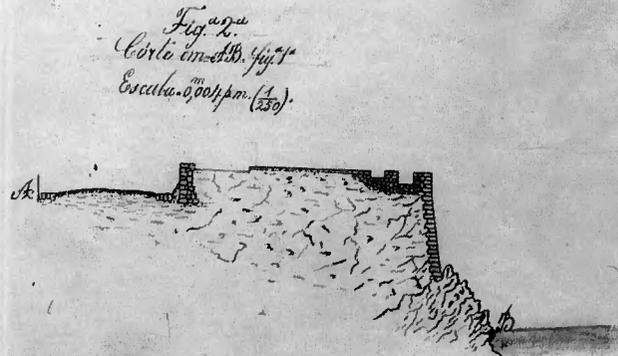
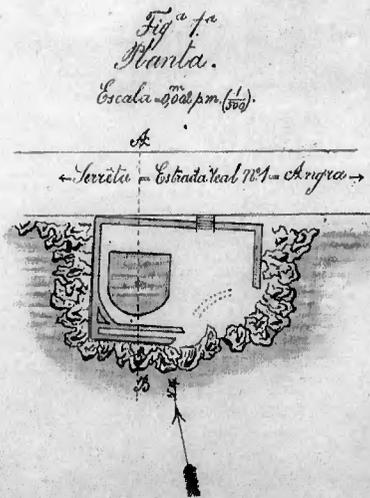
- Considerações geraes -

O signatario é de parecer que o Ministerio da guerra lucra em vender quanto antes as cantarias existentes ainda, pois vão desapparecendo, e muitas subtrahidas por os particulares, muito principalmente não se podendo vigiar.

Foi este tombo feito com outros em Março de 1881 pelo tenente de engenharia Antonio Bello d'Almeida J.^{or} em serviço da mesma arma na ilha Terceira.

Foi reorganisado para o adaptar ás instrucções de 2 de junho de 1881 e additamento às mesmas de 7 de Desembro de 1882, servindo de base a este trabalho os - dados - exarados por o mesmo official na respectiva memoria que acompanhou os desenhos, e que tambem já foram reduzidos ás escalas ordenadas para os trabalhos da commissão.

Quartel em Lisboa 12 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Tombo do Forte da Má Ferramenta na costa da freguezia de S. Matheus.

Ilha Terceira.

Figª 1ª
Planta.
Escala 0,m002 p.m. (1/500).

A

← Serreta – Estrada real Nº 1 – Angra →

B

Figª 2ª
Corte em AB. fig. 1ª
Escala 0,m004 p.m. (1/250).

Levantado pelo Tenᵗᵉ do E. M. d'engª Antonio Bello d'Almeida Jʳ em março de 1881.

Reduzido ás escalas ordenadas, pelo Tenᵗᵉ E. M. Damião Freire de Bettencourt Pego, em outubro de 1882.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.^{a} Divisão militar

Tombo do forte da = Má Ferramenta = na freguesia de S. Matheus

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Em março de 1881 pelo Ten.^{e} d'eng.^{a} Bello d'Almeida. Foram reduzidos os desenhos; e reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defender com outros a entrada na bahia do Fanal; e o desembarque nos pontos baixos e proximos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Está em ruina e abendonado ha longos annos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os materiaes vendidos poderão quando muito deixar 200$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Nenhuma (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edificação (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não ha nem mesmo os Annaes da Terceira relatam este forte: comtudo vê-se ser de construção bastante antiga. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes da ruina e abandono (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Norte - com estrada real N.º 1. Sul, Léste e Oesta com rocha do mar. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Deverá estar a cargo do concelho administrativo do Castello d'Angra como os mais fortes. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os materiaes expostos ao mar e ao publico vão desaparecendo pelo quê é preferivel a venda por o melhor que se obtiver. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 12 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

No principio da costa da freguesia de Porto-Martim (a), 1:200,0^{m} a L. do forte de S. Fernando, demóra o forte da Nazareth. Dista 20:200,0^{m} da Cidade d'Angra.

Assenta sobre rocha viva e é de acanhadas dimensões.

Tem tres canhoneiras e na góla tem uma pequena casa de guarda = G = fig.ª 1.ª

Pelos = Annaes da Terceira – Tom. 1.º = conhece-se ser dos construidos até 1581[1] sob o governo do general Cyprião de Figueiredo, para o mesmo fim do dos fortes de S. Francisco, S. Fernando e outros já descriptos.

Pertence ao Concelho e Commarca da Praia da Victoria.

(a) É curato sufraganeo á freguesia de Cabo da Praia. Districto administrtivo d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido de boas cantarias como todos os da sua epocha, bem como a pequena caza, o que se vê pelos cortes fig.ª 2.ª e 3.ª

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

---

[1] Este forte, tal como o de S. Tiago que lhe ficava à esquerda, não constam da relação de 1710, de Castelo Branco. E nas relações de 1767 e de 1776, ambas de João António Júdice, aparece como "feito de novo" ou "feito no tempo da campanha passada". As plantas, porém, sugerem a tipologia dos fortes quinhentistas.

[2] Apenas restam os alicerces.

Apesar de abandonado ha muitos anos, está em sofrivel estado, e a caza com pequenas reparações torna-se habitavel. Está sem porta de entrada.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi edificado para, com os fortes de S. Fernando e de S. Filipe[3] no centro dos quaes está, defender a aproximação da costa que guarnecem.

O official que em 1881 fez o tombo primitivo não o dá inutil de aplicação: é de crer actualmente esteja arrendado.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Tinha bastante na epocha em que funcionava, e hoje sendo restaurado poderia ainda prestar bom serviço, attendendo a estar ainda em rasoavel estado, e ser importante a sua posição, por guarnecer um dos pontos onde a costa é mais baixa e por tanto mais accessivel.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte – com rocha e caminho aberto que é servidão para o fórte.
Sul – Léste - e Oéste com rocha e mar.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

---

[3] O forte de São Filipe data, possivelmente, já do século XIX. À esquerda do forte da Nazaré ficaria o forte de São Tiago, de planta, este sim, característica do século XVI, eventualmente já desaparecido na data da tombação (cfr. forte de S. Filipe).

Sendo a área total occupada pelo forte e casa de 142,2^{m2} como sólo nenhum valôr tem.

Os materiaes vendidos, mas de difícil transporte para os povoados, poderão deixar 100$000 rs. insulanos.

Para renda pode-se computar em 1$500 a 1$800 rs. annuaes, attendendo a ter a caza que com pouco dispendio ainda se torna habitavel.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Sendo reparada a caza e fechada a entrada, seria conveniente talvez conserva-l'o no dominio do ministerio da guerra, entregue á responsabilidade de um veterano edoneo que o habitasse, por isso que os rendeiros são sempre prejuizo, distrahindo materiaes etc.

NB. Os desenhos do tombo primitivo foram reduzidos ás devidas escalas pelo signatario, sendo agora concluidos, e organisada a memoria á face dos = dados = do referido tombo feito pelo tenente d'engenharia Antonio Bello de Almeida J.^{or} em harmonia com as instruções de 2 de junho de 1881 e additamento de 7 de desembro de 1882.

Quartel em Lisboa 4 de agosto de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

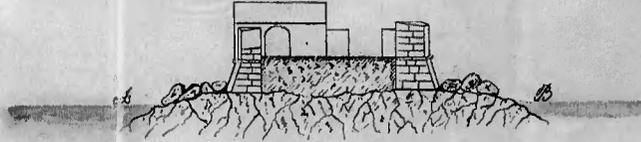
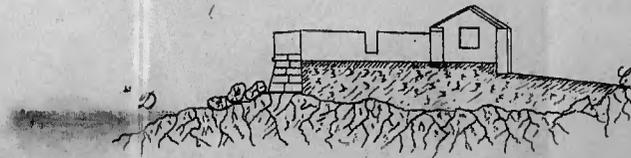
Na rectificação feita a este forte n'esta data não lhe encontràmos maiores deteriorações alem das indicadas no tombo primitivo, e com as reparações supra indicadas merece ser conservado, ou pelo menos ser arrendado.

Quartel em Angra do Heroismo 22 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Tombo do Forte da Nazareth na costa da Freguezia do Porto Martim.
Ilha Terceira.

Fig.a 1.a
Planta.
Escala 0,002 p.m. (1/500)

Fig.a 2.a
Côrte em A.B.
Escala 0,004 p.m. (1/250)

Fig.a 3.a
Côrte em C.D.
Escala 0,004 p.m. (1/250)

Levantado pelo ten.te d'eng.a Antonio Bello d'Almeida J.r em maio de 1881.
Reduzido ás escalas ordenadas, pelo ten.te cor.el Damião Freire de Bettencourt Pego, e des. em agosto de 1883.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte da = Nazareth.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
A primitiva em maio de 1881. Reorganisada pelo signatario na data abaixo. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para defeza da parte da costa de Porto-Martim. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Sofrivel. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para venda, 100$000 rs. insulanos. Para renda annual 1$500 a 1$800 rs. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Militarmente nenhuma. Ignora-se se estará de renda actualmente. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Desde a sua edificação. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Os Annaes da Terceira Tom. 1.º - vidé Cap.º 1.º da memoria. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Enquanto á forma nenhumas. *(Rub)* D.Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte = com rocha e caminho publico que é servidão. Sul – Léste e Oeste com rocha e mar. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Não foi ainda. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Deve estar a cargo do conselho administrativo do Castello d'Angra. *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As exaradas no Cap.º 8.º *(Rub)* D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 4 de Agosto de 1883

(Ass) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

Na estrada litoral a oeste d'Angra, e a 5:775,0^{m} de distancia encontra-se o forte do = Negrito = o qual está desviado 56,0^{m} para a esquerda da estrada real N.º 1, que liga Angra com a freguezia da Serrêta, que é a ponta N.O. da ilha. (a)

Tem cinco canhoneiras havendo uma plata-forma lageada pertencente a 2 do lado do sul e 1 de oeste (a-b-c-d) fig.ª 1.ª

Para defender uma pequena enseada que limita o forte do lado de Leste, a muralha é retirada na extensão de 11,0^{m} e cortada ao nivel da soleira das canhoneiras em toda a espessura, de modo a formar um barbête com um pequeno fosso para abrigo da guarnição (e-f- fig. 1.ª)

Ha mais o caminho = E = que vem entre muros da estrada real para o forte, cuja zona pertence ao mesmo forte, e que do lado do mar é guarnecido de uma banqueta para fusilaria.

Dentro do forte ha duas pequenas cazas n'um só corpo, sendo a maior = G = destinada a caza de guarda, e a menor = H = para guardar palamenta; o tecto é de uma só agua.

Foi dos construidos sob o plano do engenheiro Thamaz Benedicto, mandado á ilha Terceira em março de 1567 pelo cardeal D. Henrique para a fortificar, sendo esta e outras fortificações de que se trata em outros tombos levantada com o producto de impostos augmentados, em mercadorias, generos alimenticios, ancoragem de navios, e mais tarde novos impostos sobre a fazenda dos habitantes da ilha contribuindo a cidade de Angra com dez mil cruzados e a villa da Praia com cinco mil ditos.

Ás fortificações projectadas deu todo o impulso em 1581 o general Cyprião de Figueiredo um dos mais acreditados d'aquella epocha, o qual só reconhecendo como legitimo rei de Portugal a D. Antonio Prior do Crato viu que teria que sustentar porfiada lucta contra as forças de Philippe 2.º como succedeu ainda por mais de dois annos.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido de boas cantarias e bem travadas, como toda as da sua epocha, o que esta provado pela sua existencia de mais de trezentos annos, sendo tão exposto ás impetuosas vagas d'aquelles mares.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação –

As muralhas do forte estão bem conservadas.
O muro do caminho = E = que olha ao mar esta bastante arruinado.
As cazas estão em soffrivel estado.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi construido para defender juntamente com os da mesma linha, principalmente o da = Egreja = que lhe fica mais proximo, a parte da costa sul da ilha a oeste de Angra.

Esta á disposição da inspecção do material de guerra e nas suas cazas estão guardados alguns reparos e mais material.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Tem sido importante pela sua historia, e como posição ainda o é, pelo que convem conserval-o em bom estado. Os cap.os 1.º e 4.º attestam a sua importancia.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte - com terras de Agostinho Cymbron, com a estrada real e com rocha de mar.

Sul e Leste - com dita rocha.

Oeste - com dita rocha e terras do referido Cymbron.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie fortificada é de .... 505,00^{m2}
A zona do caminho é de 635,00
Total 1.140,00^{m2}

O valor venal dado ás casas e ao terreno pertencente ao Estado pelo official que fez o tombo primitivo foi de quinhentos mil reis insulanos.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parece de toda a conveniencia a conservação d'este forte como um dos melhores dos pontos fortificados da ilha, e attendendo a prestar bom serviço mesmo desartilhado.

O tombo primitivo deste forte foi feito em Março de 1881 pelo tenente de engenharia em serviço da sua arma na ilha Terceira.

Foi agora reorganisado para o adaptar ás instrucções de 2 de Junho de 1881, e additamento ás mesmas de 7 de Dezembro de 1882, tendo já sido reduzidos ás escalas ordenadas os desenhos do forte, servindo de base a este tombo os = dados = exarados pelo mencionado official na memoria respectiva.

Quartel em Lisboa 12 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Tombo do Forte do Negrito na costa da freguezia de S. Matheus.
Ilha Terceira.
Fig.a 1.a
Planta.
Fig.a 2.a
Córte em A B.
Fig.a 3.a
Córte em C D.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.^{a} Divisão militar

Tombo do = Negrito = na freguesia de S. Matheus

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
1.^{a} Em março de 1881 pelo ten.^{te} d'engenharia Bello d'Almeida. - Foram reduzidos os dezenhos e agora reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defender com outras parte da costa a Oeste de Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Está em geral bem conservado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As cazas e terrenos – reputam-se em 500$000 rs. insulanos. - Os materiaes do forte quando vendidos poderiam reputar-se proximamente em 200$000 rs. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	É applicado para guardar material de guerra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os Annaes da Terceira relatam-no como dos edificados por ordem do Cardeal D. Henrique sob o pelouro do engenheiro Thomaz Benedicto – em 1567. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não tem tido alteração a não ser as cazas que tem sofrido reformas. (*Rub*) D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com terras de Agostinho Cymbron, com estrada real e rocha do mar. Sul e Léste com dita rocha. Oeste – com rocha dita, e referidas terras. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ao inspector de material de guerra de divizão. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	É muito util a boa conservação de este forte. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 12 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

Na bahia do Porto Novo, e 1060,0^{m} a L.N.O. do Bom Jezus existe uma parte do forte do = Pesqueiro dos Meninos[1] = . A sua forma aproxima-se á d'um reducto com flancos e combinava fogos com os do forte do Bom Jezus á sua direita e o do Porto Novo ou S. Sebastião que lhe ficava a L, e desapareceu totalmente ha muitos annos. Montava 4 boccas de fogo, e tinha os bons ramais = F H = para Oeste, e = E D C = para Leste que se prolongavam, mas tem ido desaparecendo pela queda das barreiras que os sustentavam e como se demonstra na planta, fig.ª 1.ª, n'elles funcionava a fusilaria. Tinha a casa de guarda = G = para a sua pequena guarnição; e o Paiol = P = e a parte toda murada que o fechava pelo lado de terra seguindo as linhas pontuadas = N I M = figª. 1.ª; o muro = M N = existente é um tapume de pedra secca ali feito pelo rendeiro das terras confinantes por conveniencia propria. A servidão era feita por beiramar, a qual foi desaparecendo, e em 1832 foi feita uma forçada e provisoria por extensas terras de muitas propriedades até ir encontrar a estrada real (hoje n.º 1), na extensão de perto de 2 kilometros, a qual deixou de existir de 1834 em diante, epoca em que foi abandonado o forte. A sua historia é a já dita nos tombos dos fortes da = Greta, Caninas, Cavallas, Salga etc = sendo o de que se trata tambem dos construidos ou acabados em 1581 para a defeza da ilha contra os castelhanos. (Annaes da Terceira. Tom. 1º).

É da freguesia de S. Sebastião, Concelho e Commarca d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente contruido como os demais da mesma epoca e foi adaptado á disposição da rocha sobre que se edificou.

---

[1] Aparece também nomeado, noutros documentos, por Pesqueiro das Meninas. Julgamos que por erro.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Está arruinado tanto pela acção do tempo como pelo abandono; as muralhas do forte estão soffriveis pela riqueza das cantarias; o seu recinto porem está muito arruinado estando completamente demolidas as casas = G = fig.ª 1.ª, parte do paiol = P = e toda a parte que fechava = N I M =. Os ramais ou trincheiras para fusilaria estão em parte sofriveis, mas desapareceram onde lhes faltou rocha para base. Contudo existe uma boa parte do forte e não só = vestigios = como diz uma relação official enviada ao então commando geral d'engenharia pelo commandante da 10.ª divisão militar (hoje 5.ª) em 25 de junho de 1865.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado á defeza da bahia em que foi edificado e como mais desenvolvidamente diz o capitulo 1.º na parte descriptiva e historica. Actualmente deverá estar arrendado por ser dos indicados para esse fim, n'uma relação enviada pelo signatario ao inspector d'engenharia da divisão respectiva em 23 d'agosto de 1881.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

O capitulo 1.º ainda envolve a importancia d'este forte com relação á epoca em que se construiu. Actualmente diminuiu muito não só pelo seu máo estado, como falta de combinação com os fortes lateraes e proximos e systema de construção, comtudo a posição é importante por ser um dos pontos accessiveis da parte da costa em que se acha.

---

2 Passado mais de um século, mantém-se inalterado o estado do forte aqui descrito. Apenas os ramais sofreram mais derrocadas.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte - com terras do Dr. José Bettencourt Correa e Avila
Sul = com rocha do mar.
Léste = idem
Oeste = com terras do referido Dr Avila

Capitulo 7.º

– Avaliação –

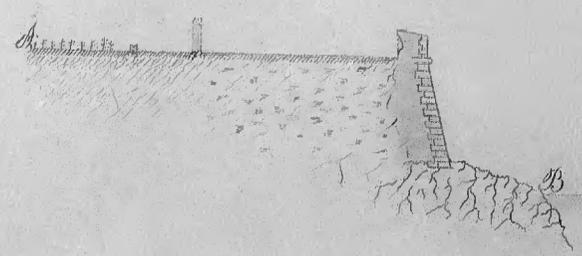
A area pertencente ao forte é de 279,50^{m2}, e a occupada pelas trincheiras e banquetas é de 163,80^{m2} e é sólo sem valôr. O material demolido poderá deixar 40 a 50 mil reis, pella sua difficil conducção para fóra, desmancho etc. De renda poderá deixar 500 ou 600 reis annuaes pelo interesse que d'ahi advenha do predio confinante.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Se não estiver arrendado conviria talvez a sua venda ao abandono em que se acha, porque n'estas circunstancias de dia para dia vão desaparecendo umas e outras pedras de plata-fórmas etc com manifesto desacato para com o Ministerio ao qual pertence a propriedade.

NB. Este tombo foi executado em março de 1882, foi por isso agora modificado com authorisação superior para se adaptar ao additamento de 7 de dezembro de 1882, feito ás instrucções de 2 de junho de 1881 e pelas quais foi organizado.

Quartel em Lisboa 7 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = Pesqueiro dos Meninos =

Na = Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminou-se em março de 1882. Foi reorganizada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para defender com outros que já não existem, a bahia do Porto-Novo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Muralhas ao mar sofriveis, muro da gola e cazas completamente arruinadas. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	40 a 50$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Tem estado abandonado, salvo se foi arrendado depois que se fez o levantamento em 1881. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Está na posse militar desde que se construiu (1580 a 1581). (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Annaes da Terceira de Drummond. Tom. 1.º. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As provenientes da ruina e abendono. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte - com terras do Dr. José Bettencourt Corrêa e Avila. Sul e Léste com rocha e mar. Oéste com ditas terras. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Deve estar á conta do conselho administrativo do Castello de Angra. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Não estando de renda, convirá vender-se. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 7 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

No termo da freguezia dos Biscoutos da ilha Terceira e ao Norte da cidade d'Angra do Heroismo, está situado á beira-mar o forte denominado = do Porto =. Dista 2300,0^{m} do povoado e 20200,0^{m} da referida cidade, e pertence ao concelho e comarca da Praia da Victoria (a).

Este pequeno forte, bem como a maioria das fortificações, entrou no plano de fortificação da ilha Terceira, traçado pelo engenheiro Thomaz Benedicto em 1567 = debaixo das ordens do Cardeal D. Henrique, e á custa de várias fintas e impostos lançados sobre mercadorias importadas, sobre a fasenda dos habitantes, ancoragem nos portos etc, devendo a capitania d'Angra contribuir com 10:000 cruzados, e a da Praia com 5:000 ditos (Historia Insulana do P.e Antonio Cordeiro, e Annaes da Terceira de Francisco Ferreira Drummond, Tomo 1.º)

A esta e mais fortificações de que se trata em outros tombos, foi dado o principal desenvolvimento em 1581- sendo corregedor e governador da Terceira o acreditado general de então = Cyprião de Figueiredo; porquanto sendo já os castelhanos senhores de Portugal, a ilha Terceira continuava a desfraldar as quinas portuguesas, as quais sustentou até 27 de julho de 1583 em que caiu á força d'armas depois de ter em 1581- destroçado os castelhanos, e praticando outros rasgos de patriotismo e heroicidade eguaes aos que mais uma vez comprovou de 1828 a 1832, único ponto da monarchia onde sempre tremulou a bandeira constitucional.

A forma do forte que se descreve é irregular, aproveitaram-se para a sua edificação os accidentes da rocha, que melhor servissem á defeza da pequena bahia pedregosa como se vê na planta, fig.ª 1.ª

(a) Districto administrativo d'Angra do Heroismo

Capitulo 2.º

- Condições de construcção -

Este forte foi construido com boa cantaria no paramento exterior da muralha como indica a fig.ª 2.ª; montava 3 boccas de fogo, tendo algumas banquetas para fusilaria, e ha uma pequena casa fora do forte, letra = C = fig.ª 1.ª de alvenaria e tecto de colmo que servia de casa de guarda, e não tem signal de ter havido paiol.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

Este forte tem estado abandonado ha muitissimos annos, no entanto não foi encontrado muito arruinado e com pequeno dispendio se poria em estado de continuar a servir; o que prova a solidez da sua construção, e porque é pouco açoutado pelo mar attenta a boa restinga de rocha que tem na sua frente e o distancia dos primeiros choques das vagas.

A pequena casa está velha e as paredes damnificadas, e se tem tecto é porque n'ella se abrigava um pescador da localidade que o pôs de sua conta como me informaram.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi edificado para evitar ou difficultar o desembarque na enseada do porto.

Quando em 1881 foi feito o seu tombo estava devoluto, hoje deve estar arrendado e a casa contigua, como foi indicado ao inspector d'engenharia da respectiva divisão em 23 d'agosto de 1881 n'uma relação, juntamente com outros, o qual assim o requisitou do conselho administrativo do Castello d'Angra.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

---

[1] A junta de freguesia dos Biscoitos tem-no mantido em bom estado de conservação.

Pela discripção do capitulo 1.º se conhece qual era antigamente a sua importancia militar, e mesmo porque crusava os seus fogos com os do forte da rua Longa, $1500,0^{m}$ ao sul d'este, e cujos fogos combinados defendiam as duas pequenas enseadas em que foram edificados: porem este ultimo era mui ligeiro e d'elle só ha vestigios, cessando por este lado a sua importancia: contudo se restaurado e artilhado é ainda util para defender o primeiro golpe de mão.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

= Norte = com rochas do mar
= Sul = com terras de Antonio Martins Pamplona de Miranda
= Leste = com caminho publico para a rocha
= Oeste = com rocha do mar e dito Miranda

Capitulo 7.º

– Avaliação –

O terreno occupado pelo forte, casa e servidão mede proximamente $805,00^{m2}$: não tem contudo valor algum por ser completamente esteril.

O valor venal da propriedade pode-se comportar proximamente em 100:000 reis insulanos querendo demolir a fortificação e vender o material.

Para renda avalia-se em 500 a 600 reis annuais.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Na planta e corte se indicam detalho, referencias ao nivel do mar etc - e a denominada = Canada do Porto = na planta é a que conduz á estrada real que circunda a ilha e atravessa o povoado da freguesia.

Canada = é um nome antiquissimo pelo qual tanto n'esta como nas

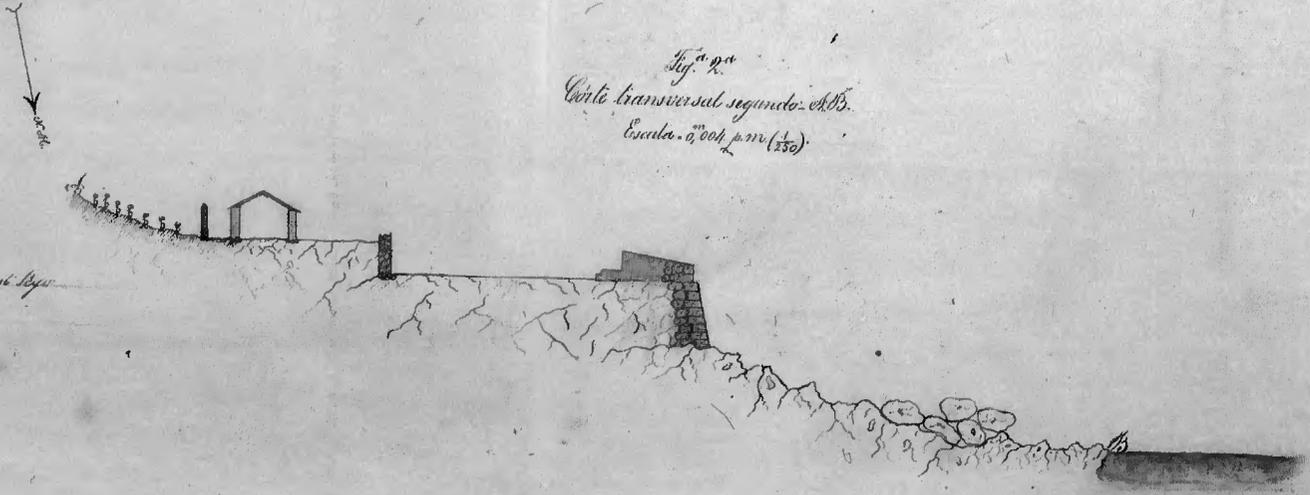
demais dos Açores são tratados, mesmo em escripturas publicas, os caminhos estreitos e transversaes, e que no continente de denominam = azinhagas, vielas etc.

Finalmente este tombo foi feito em 1881 (7 de julho); foi comtudo reformado na data abaixo para satisfazer ás condições do aditamento ás instruções de 2 de junho de 1881, determinado em ordem do Sr. Presidente da commissão datada de 7 de dezembro de 1882.

Quartel em Lisboa 11 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^e^ C.^el^ em comm.^ão^

– Additamento –

Na rectificação feita a este forte, achou-se estar no mesmo estado de conservação, e a casa melhorada um pouco por estar arrendada desde novembro de 1881, por prazo de 6 annos pela quantia de 1:180 rs. insulanos a José Ferreira da Silva.

Quartel em Angra do Heroismo 28 de julho de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^el^ em comm.^ão^

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = forte do = Porto, na freguesia dos Biscoutos

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem .

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Em julho de 1881. Reorganizada na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Para defender o porto da freguesia. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Sofrivel relativamente ao abandono em que tem estado. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Para venda 100$000 rs. ins. Para renda 500 a 600 rs. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Nenhuma a não se ter arrendado posteriormente. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Annaes da Terceira Tom. 1.º (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	As provenientes do abandono em que tem estado. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Norte - com rocha do mar. Sul - com terras de Antonio Martins Pamplona de Miranda. Léste - com caminho para a rocha. Oéste com rocha e dito Miranda. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Deve estar á conta do Conselho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}	Nada. (*Rub*) D. Pego T.^e C.^{el}

Quartel em Lisboa 11 de julho de 1883
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^e C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

O forte do = Porto[1] = está na parte reintrante da bahia da Villa da Praia da Victoria, e junto ao caes da mesma villa. (a)

Era de forma irregular como se vê na planta fig.ª 1.ª preenchendo as linhas pontuadas as partes derrocadas.

Montava 4 boccas de fogo restando-lhe só uma canhoneira depois que o forte foi arrazado pelos formidaveis temporaes de 1879 e 1880, ficando completamente destruidas as muralhas; levando o mar os reparos quasi todos e a artilharia que montava, ficando obstruido com grandes blocos soltos que o cercavam, e as ruinas das muralhas cahidas, ficando em pé um môrro informe = E F = fig.ª 1.ª e perspectiva, fig.ª 2.ª e as pequenas casas abobadadas. Os seus fogos combinavam-se muito bem com os do forte do Espirito Santo que lhe fica á esquerda, com os da Luz, completamente inutilizado e ainda com os do forte das Chagas, situados á direita.

Foi dos construidos de 1579 a 1583 por ordem do governador Cyprião de Figueiredo servindo eficazmente na defeza contra os castelhanos. (Annaes da Terceira, Tom. 1.º e 2.º)

Foi memoravel no dia 11 de agosto de 1829, sendo commandado pelo notavel alferes Simão Antonio d'Albuquerque e Castro e tendo montadas duas bôccas de fogo, foi o primeiro que rompeu o fogo contra a nau = D. João 6.º = perdendo logo uma das boccas de fogo, sustentando-se até ao fim com a restante e contribuindo poderosamente para a derrota da esquadra de D. Miguel, e todos os mais factos gloriosos relatados nos Annaes da Terceira Tom. 4º pag. 226 e 227.

A servidão é feita pelo areal.

(a) Pertence á freguesia, Concelho e Commarca da Praia da Victoria. Dist.º d'Angra.

---

[1] Também chamado de Santa Cruz,

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Era construido de boas cantarias, e as 3 pequenas casas interiores abobadadas. Era construido ao lume d'agua resguardado só pelo enroncamento que o circundava.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Pelas causas exaradas no capitulo 1.º está completamente inutil e o resto existente em breve desaparecerá.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado ao fim designado no capitulo 1.º, actualmente não tem nem pode ter applicação alguma.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve bastante conforme o diz a sua historia já exposta no capitolo 1.º.

Como posição ainda tem muita porque estando no centro quasi da parte reintrante da bahia, e no ponto de desembarque, este ponto preciza ser deffendido.

Como obra de nada vale no estado em que está.

---

[2] Não restam vestígios.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte - com areal e rampa do caes
Sul - Leste e Oeste - com o mar

Capitulo 7.º

– Avaliação –

Quando em 1881 se levantou a planta e se fez a sua avaliação, apreciou-se, que desmanchando-se ou vendendo-se como está o resto do material existente e aproveitando-se as cantarias espalhadas e misturadas com as pedras roladas poderia ainda produzir 100 a 120:000 reis. Actualmente que as ruinas serão maiores e as cantarias terão desaparecido, levadas pelo mar ou já roladas aproximamos á metade o valôr do forte, e é attendendo a estar perto do povoado, ou reis 60$000.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Se o governo quizer attender á conveniencia de reedificar n'aquelle logar um outro forte pelas razões expostas no capitulo 5.º seria mais util resguardar os materiaes aproveitaveis em logar de os vender por quantia diminuta como sempre acontece n'estes casos e n'aquelles logares.

NB. Este tombo concluido em maio de 1882 foi agora reformado para o adaptar ao additamneto de 7 de dezembro de 1882, feito ás intrucções de 2 de junho de 1881, pelas quais foi executado.

Quartel em Lisboa 16 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Additamento

Nos quatro annos decorridos entre o levantamento (agosto de 1881) e a actualidade as ruinas e desmoronamentos augmentaram, uma parte dos materiaes desapareceram, e computamos hoje em 36 a 40$000 rs. o valor existente.

Quartel em Angra do Heroismo 24 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

2.º Additamento

Por informações recentemente obtidas este forte está actualmente reduzido a um lanço de muralha de 2,0^{m} quasi a desmuronar, e por isso sem valor algum e nada a registar.

Lisboa 21 de junho de 1888
Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} EM Inf em c.º

Ylha Terceira.

Tombo do forte do Porto na parte reintrante sobre o lado de L. da bahia da Villa da Praia da Victoria, junto ao caes da mesma Villa.

Fig.a 1.a

Planta.

Escala = 0,002 p.m. (1/500).

Cáes

Rampa

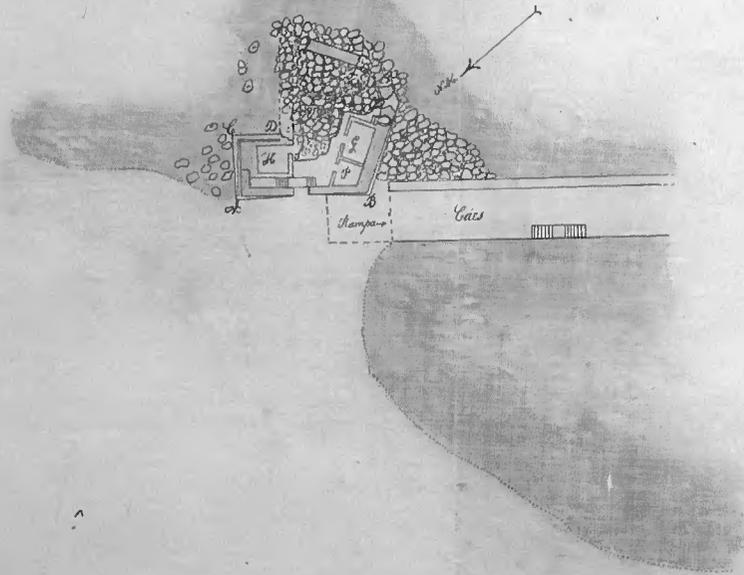
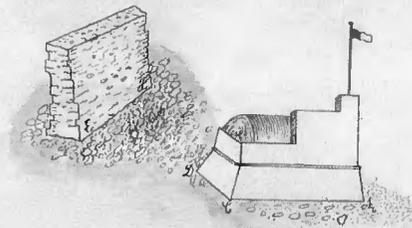
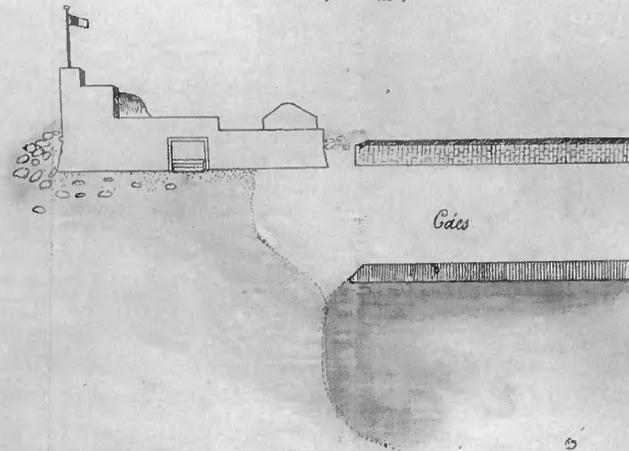
Fig.a 2.a

Perspectiva segundo = A C D E F.

Fig.a 3.a

Alçado da frente = A B.

Escala = 0,m004 p.m. (1/250).

Cáes

O Ten.e Cor.el Damião Freire de Bettencourt Pego, lev. em agosto de 1881 e dez.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte do = Porto = na bahia da Villa da Praia da Victoria.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminada em maio de 1882. Reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para defender o desembarque no caes e areal da Villa. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Em ruinas. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Em 1881 avaliou-se o restante do forte em 100 a 120$000 rs. ins.ᵒˢ. Actualmente computa-se em metade pelas razões expostas no Cap.º 7.º (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Nenhuma. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Desde a sua edificação (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Pelos = Annaes da Terceira = vê-se ser dos construidos de 1579 a 1583. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As provenientes das ruinas. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte com o areal e rampa do Caes. Sul, Léste e Oeste com o mar. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Antes das ruinas estava entregue ao comandante militar e estava artilhado. Actualmente ignora-se. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ponderam-se as considerações feitas no Cap.º 8.º (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 16 de julho de 1883
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

Numa enseada de 1500,0^{m} para Sul do forte do = Porto = estava situado o forte chamado da = Rua Longa = no extremo á beira-mar da freguesia dos Biscoutos.

Os vestigios que restam não dão ideia de qual era a sua forma primitiva; porque nem os Annaes da Terceira, nem a história insulana do Padre Cordeiro tratam d'elle; contudo vê-se ser de construção antiga, e era uma ligeira obra de alvenaria, ignorando-se se tinha canhoneiras, ou era barbete ou simplesmente para fusilaria porque a parte superior = a - b = fig.ª 2.ª está raza, seguindo-se-lhe pela rectaguarda uma montanha quasi abrupta existindo só os muros arruinados com o desenvolvimento indicado na planta, fig.ª 1.ª e altura designada na figª. 2.ª.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

O capitulo 1.º envolve as nenhumas condições actuais de construção importante ou aproveitavel que possam ter os restos d'esta obra.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

Estão quasi em total ruinas os restos que existem, nem merecem ser conservados, mas sim aproveitados para uma nova edificação militar futura pelas razões que se expoem no capitulo 5.º.

---

[1] O forte está bem conservado pela junta de freguesia dos Biscoitos. É, porém, difícil destinguir o que é obra anterior à II Grande Guerra.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi com certeza destinado a defender o desembarque na enseada que dominava e montava artilharia, crusava os fogos d'esta com o forte do Porto.

Actualmente não pode ter applicação alguma.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Foi a indicada no capítulo 4.º, hoje não tem importancia alguma, mas poderia têl-a se se fizesse ali uma nova fortificação, por ser a enseada um dos poucos pontos accessiveis da parte Norte da costa da ilha Terceira.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

= Norte = com rocha do mar.
= Sul = com caminho trilhado na montanha baldia.
= Leste = idem = idem.
= Oeste = idem = idem.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A alvenaria existente não se lhe suppõe valôr porque nas proximidades ha alvenarias soltas em grande quantidade e com menos difficuldades de transportar. O terreno tambem não tem valôr por improdutivo.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Não se considera vantagem alguma em aproveitar o resto que existe pelas razões expostas nos capitulos anteriores.

NB= Este tombo foi feito em janeiro de 1882, porem foi agora modifivado para o pôr em harmonia com o additamento de 7 de dezembro de 1882, ás instrucções de 2 de junho de 1881.

Quartel em Lisboa 11 de julho 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Ilha Terceira.

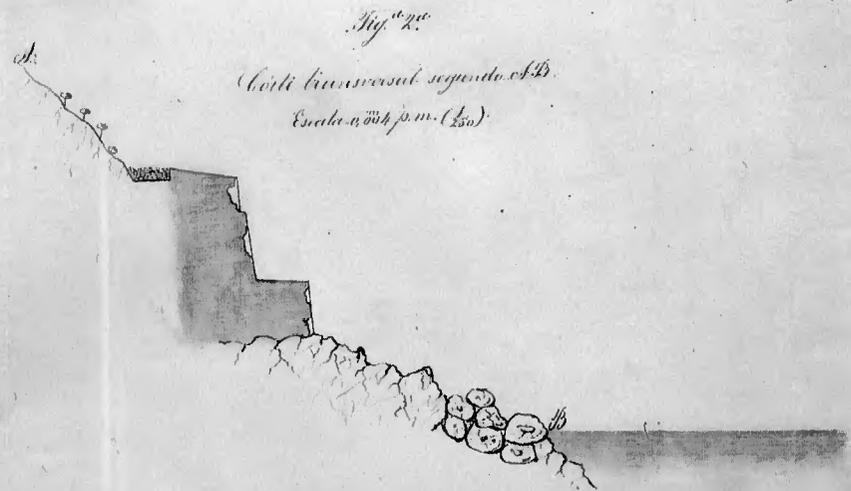
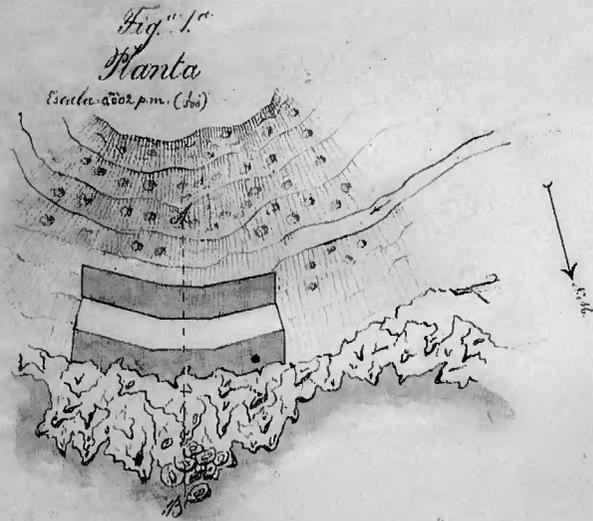
Vestigios do antigo forte chamado = da Rua Longa = na freguesia dos Biscoitos 21 kil.ᵐᵉᵗʳᵒˢ ao N. d'Angra.

Fig.ª 2.ª

Corte transversal segundo A B.

Escala 0,004 p.m. (1/250)

A

B

O Tenente coronel Damião Peres de Bettencourt Pego,
Fez em julho de 1881, o des.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo dos restos do forte da = Rua Longa, na freguesia dos Biscoutos

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na prop.de	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Em janeiro 1882 (*Rub*) D. Pego T.e C.el Reorganizada memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Para a defesa da bahia em que foi construido (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Só ha restos inaproveitaveis. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Não se lhe suppõe valor algum. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Nenhuma (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Esteve na posse militar desde a sua construção. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Não os ha; mas é dos mais antigos da ilha. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	O seu quasi completo destroçamento. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Norte com rocha da montanha. Sul - com caminho feito na montanha baldia. Leste e Oeste - Idem (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Nenhuma (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Nada. (*Rub*) D. Pego T.e C.el

Quartel em Lisboa 11 de julho de 1883
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

No desenvolvimento da bahia da Villa da Praia da Victoria e a 596,0^{m} a N.O. do forte de S.^{ta} Catharina do Cabo da Praia encontra-se o forte de S. José, pertencente á freguesia do Cabo da Praia. - (a) -

É de forma irregular e obra de alvenaria grossa argamassada, assenta sobre barreiras; e pela distancia a que está do mar é pouco atacado por este.

Montava duas boccas de fogo de rodizio em = C = e = C = fig.ª 1.ª e tem mais as duas canhoneiras indicadas na mesma figura.

Subindo a rampa = R = fica-lhe á esquerda a casa de guarnição = G =, e o paiol = P =, e tem o terreno contiguo = L =

Está encravado n'uma propriedade particular, tendo a servidão = S = ha muitos annos confundida com as terras lavradas do confinante Manoel Martins d'Arruda.

Nem a historia insulana nem os Annaes da Terceira de Drummond fallam nomeadamente d'este forte; diz-nos o ultimo comtudo que em 1581 o governador Cyprião de Figueiredo fez construir mais 12 fortes (alem do de S.^{ta} Catharina) na bahia da Praia.

É comtudo certo que o capitão general Francisco Antonio de Araujo, de 1818 a 1820[1] fez reparar as fortificações d'esta linha entrando a de S. José n'esse numero.

Fez bello serviço na memoravel batalha de 11 d'agosto de 1829, sendo um dos que mais damnificou a náu = D. João 6º. =

(a) Concelho e commarca da Praia da Victoria. -Dist.º d'Angra do Heroismo.-

---

[1] A sua construção datará, possivelmente, deste período, pois não vem representado nas colecções de desenhos dos fortes da Terceira da segunda metade do século XVIII, início do século XIX. Não foi, igualmente, revistado por João Júdice, em 1767 e 1776.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Pelos materiaes empregados na construção não parece ser dos do systema do engenheiro Thomaz Benedicto (1567 a 1581), comtudo estava solidamente ligado e com boas espessuras, e as casas foram tão bem construidas que as paredes estão em sofrivel estado apesar de expostas por falta de cobertura.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Está bastante deteriorado pelo abandono em que está ha perto de 50 annos, tendo os grossos canaviaes que o circundam por trez faces contribuindo para a desconjunctura das pedras da muralha. As casas e paiol estão sem tecto ha muitos annos e sem portas. As fig.as 1.ª e 2.ª dão ideia approximada das ruinas existentes nas muralhas.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado a defender a bahia crusando fogos com o forte de S.ta Catharina, e de S. Caetano e seus lateraes. Quando em Agosto de 1881 foi feito o reconhecimento d'este forte e o seu levantamento, estava sem applicação por a parte militar e portanto dispondo d'elle o proprietario em cujas terras está encravado.

Fez parte da relação já citada em outros tombos, enviada em 23 d'agosto de 1881 ao inspector d'engenharia da divisão para ser posto de renda e acabar aquelle abuso, - cuja praça foi annunciada, ignorando qual o resultado por ser acto do conselho administrativo do Castello d'Angra e de que lhe competia dar parte á estação superior competente.

---

2 Em ruínas, coberto de canavial, e em parte soterrado pela areia.

E como o proprietario dito confinante applicava a seu uso servidão, (a qual não é murada) foi por o signatario d'este tombo intimado perante testemunhas para respeitar e deixar de semear do que se deu conhecimento ao Delegado da comarca da Villa da Praia da Victoria em officio datado de 18 de agosto de 1881 acompanhado de uma relação dos predios e respectivas dependencias encontradas usofruidas por estranhos, para, no caso de reincidencia dos avizos feitos se proceder devidamente.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve a designado nos capitulos 1.º e 4.º; - actualmente pouca se lhe reconhece, estando principalmente arruinado, e sendo de fracos recursos, comparado com os que pode apresentar o forte de S.ta Catharina descripto antes d'este, o melhor d'esta linha, se fôr devidamente melhorado e artilhado

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com areal da bahia.
Sul = com terras de Manoel Martins d'Arruda do Cabo da Praia.
Léste = com terras ditas e areal dito.
Oeste = com as mesmas terras e barreira.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie occupada pelo forte é de =	420,00 m2
A das casa e paiol =	70,00
A do quintal = Q, rampa = R = e servidão = S =	151,00
Total	641,00 m2

É terreno muito fraco por ser barreiras e terra aravel muito misturada d'areias, podendo computar-se a 20 reis insulanos o metro^2 ou 12$820$^{rs.}$ por aproximação. Os materiaes do forte vendidos como estão poderão computar-se em 100$000 reis insulanos, attendo a ter sofriveis cantarias nas plata-formas, a estarem em estado rasoavel as paredes das casas, e sobre tudo á vantagem que adviria ao proprietario confinante de ser o comprador, para ficar com o predio fechado. Para renda foi computado em 2 a 3 mil reis insulanos annualmente.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parece da melhor conveniencia optar-se pela venda, attendendo a que militarmente já pouca importancia terá hoje e mesmo porque augmentando as ruinas das muralhas, em poucos annos desabará ficando então sem valôr.

NB: Este tombo ultimado em abril de 1882 foi agora modificado para o adaptar ao additamento feito ás instruções de 2 de junho de 1881.

Quartel em Lisboa 8 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

Nos 4 annos que medearam desde o levantamento da planta do forte em agosto de 1881, até agosto de 1885 occorreram mais algumas ruinas nos merlões e canhoneiras que foram rectificadas na mesma planta, diminuindo seis a oito mil reis o seu valor venal arbitrado no Cap.º 7.º

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte de =S. José= na bahia da Praia da Victoria -

Na = Ilha Terceira -

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminou-se em abril de 1882 Foi reorganizada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	A defender a bahia da Villa da Praia da Victoria (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Tanto o forte como as cazas estão muito arruinadas, estragos que terão crescido de agosto de 1881 a esta parte. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Os terrenos computam-se em 12$820 rs. ins. Os materiaes do forte vendidos como estavam, foram computados em 100$000 rs. ins. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Estando abandonado ha muitos annos, estava usurpado pelo proprietario confinante em 1881 quando se fes o levantamento. Hoje deve estar de renda como o requisitou o signatario (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Desde a sua construção, cuja data não se sabe precisamente, e como se vê no cap.º 1.º.Tem estado em posse militar, mas abandonado ha muitos annos. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Os =Annaes da Terceira= de Drummond, dizem que em 1581 fez construir (a) mais 12 fortes na bahia da Praia, porem não os nomeia, suppondo ser este um d'elles. (*Rub*) D. Pego T.e C.el (a) o general Cyprião de Figueiredo - (*Rub*) D. Pego T.e C.el	As provenientes da ruina e abandono, tendo o proprietario confinante confundido com as suas terras, o caminho de servidão, sobre o que se tomaram as providencias designadas no cap.º 4.º (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Norte com areal da bahia. Sul - com terras de Manoel Martins d'Arruda. Léste - com ditas terras e areal dito. Oéste - com as mesmas terras e barreira. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Deve estar entregue ao conselho administrativo do Castello d'Angra, ou comandante militar da Villa da Praia havendo-o. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Conviria vender-se pelas razões expostas no cap.º 8º. (*Rub*) D. Pego T.e C.el

Quartel em Lisboa 8 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.e C.el em comm.ão

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

Descripção e historia da propriedade

A 380,0m do forte da Salga na bahia do mesmo nome, está o reducto tambem chamado = da Salga = o qual fica distanciado proximamente 13.380,0m de Angra. (a).

Foi para sua construção aproveitada a forma da restinga que o órla.

Tem uma canhoneira no saliente, e outra na muralha que olha a oeste.

Dentro ha uma pequena caza de guarda, e junto a esta mas exteriormente no muro da gola uma outra mais pequena que serve de cozinha.

A servidão é feita por um máo caminho aberto marginal, e que segue para outros fortes e terras de particulares.

Foi edificado em 1581, bem como o forte do mesmo nome cuja historia é a mesma, e respeita á defeza contra os castelhanos.

(a) Pertence á freguesia de Porto-Judeu, Districto, Conc.º e Commarca d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

Condições de construcção

Como fortificação é ligeira, mas foi construido com solidez e de boas cantarias.

Capitulo 3.º

Estado de conservação[1]

Do tombo primitivo, e que agora se reorganisa, não consta seja máo o seu estado de conservação (em abril de 1881).

---

[1] Ainda resta um pequeno pano de muralha.

Porem pelo conhecimento que o signatario do actual, tem do reducto pode informar que a fortificação está pouco damnificada: as cazas e seus tectos estão mais deteriorados; mas ainda no cazo de serem reparadas.

Capitulo 4.º

Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação

Foi destinado ao fim designado no cap.º 1.º quando se construiu, e serve bem á defeza da bahia da Salga.

Em agosto de 1881 quando o signatario passou por elle para ir reconhecer outros fortes, viu-o fechado, sendo informado estar á conta de um veterano ignorando qual a sua actual applicação.

Capitulo 5.º

Sua importancia militar

Como fortificação tem pouca importancia, pela posição em que está tem muita, porque cruzando os seus fogos com os do forte da Salga, bate com vantagem qualquer desembarque que se intente pela bahia do mesmo nome.

Capitulo 6.º

Confrontações

Norte – com terras particulares e bahia da Salga
Sul – com occeano
Léste – com caminho de servidão
Oeste – com occeano

Capitulo 7.º

Avaliação

A área occupada pelo reducto é de .... 220,0^{m2}
A área occupada pelas cazas é de 39,0
O terreno das edificações é sem valor.

O official que fez o tombo primitivo estimou o valor venal não excedente a 100$000 reis.

Para renda annual poderá computar-se em 1.500 a 1800 reis.

Capitulo 8.º

Considerações geraes

Quando não esteja confiado á guarda de veterano algum, seria talvez util pôl-o de renda para conservação d'elle, mas não optamos pela venda por as boas condições de defeza combinada que apresenta.

O tombo primitivo feito pelo tenente d'engenharia Antonio Bello d'Almeida J.or, foi reorganisado para o adaptar ás instrucções de 2 de junho de 1881 (como já se fez no desenho respectivo) e ao additamento de 7 de dezembro de 1882.

Quartel em Lisboa 14 de junho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Additamento

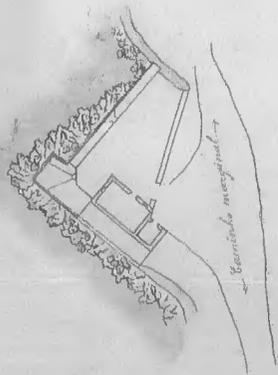
Em nota lançada na relação assignada em 25 de julho de 1885 pelo commandante militar do commando militar central dos Açores e enviada pelo signatario em officio n.º 403 da mesma data, soube a estar esta propriedade entregue á respectiva commissão d'engenharia, o que é de grande utilidade para a sua conservação.

Quartel em Angra do Heroismo 27 de junho de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.el em comm.ão

Tombo do reducto da Salga na costa da freguezia de Porto Judeu.

Ilha Terceira.

Planta.

Escala = 0,^{m}002 p.m. (1/500)

Levantado pelo ten.e do E.M. d'eng.a Antonio Bello d'Almeida J.or em abril de 1881.

Reduzido ás escalas ordenadas, pelo tent. cor.el Damião Freire de Bettencourt Pego em dez.o de 1882.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = reducto da = Salga - na freguesia de Porto-Judeu

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
1.º Em abril de 1881 pelo ten.^e^ d'engenharia Bello d'Almeida. 2.º Deduzido á escala ordenada, em desembro de 1882. E reorganisada a memoria discriptiva na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Para como o forte do mesmo nome defender a bahia da Salga. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Pelo tombo primitivo e por ter sido visto em agosto de 1881, sabe-se que o forte ou reducto, estava em geral bom, as cazas damnificadas, mas merecendo serem reparadas. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	100$000 rs. ins.^os^ Para renda computa-se 1:500 a 1:800 rs. annuaes. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Estava devoluto até 1881. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	É dos edificados em 1881 – certificado pelos Annaes da Terceira – Tomo 1.º (*Rub*) D. Pego T.^e^ C^el^	As provenientes da acção do tempo; as cazas indicam terem sido alteradas para forma de construção mais moderna que a do reducto. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Norte – com terras de particulares e bahia da Salga. Sul – com o occeano. Léste com caminho de servidão. Oeste com o occeano. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Ainda não foi. (*Rub*) D.Pego T.^e^ C.^el^	Deve estar á conta do conselho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^	Nada. (*Rub*) D. Pego T.^e^ C.^el^

Quartel em Lisboa, 14 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^e^ C.^el^ em comm.^ão^

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

O forte da = Salga = esta situado a 13 kilometros proximamente a leste d'Angra, na bahia da Salga, defendida por este e pelo reducto do mesmo nome a 380,0^{m} de distancia. (a)

Montava cinco boccas de fogo nas tres faces.

Na entrada á esquerda ha o paiol = P = fig. 1.ª que fica abaixo do terrapleno.

Á direita ha duas cazas seguidas (G-G) que eram para a guarnição e se communicam interiormente.

Exteriormente ha ainda uma caza dividida em dois compartimentos independentes, servindo um de cosinha (H) e outro da caza de habitação = I =

Uma rampa de 20,0^{m} dá acesso ao forte.

Ha o caminho publico irregular e mao que orlando a costa parece ter sido destinado a dar servidão aos differentes pontos da costa sul e leste da ilha.

É dos construidos debaixo do plano do engenheiro Thomaz Benedicto entre 1567 a 1581, sendo certo que já existia[1] em 25 de julho de 1581 em que se feriu a memoravel batalha da = Salga = ganha pelos Terceirenses, e onde pereceram 950 hespanhoes de mil que desembarcaram das náos de Philippe de Castella (Annaes da Terceira. Tomo 1.º)

Tambem foi guarnecido e preprado para a defeza da ilha de 1828 a 1832.

(a) Pertence á freguesia de Porto-Judeu; Districto, Concelho e Comarca de Agra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

---

[1] Apenas como obra começada. Ferreira Drumond, *Anais da Ilha Terceira*, I, pag 232.

Foi bem construido, e tanto que as suas muralhas estão bem conservadas, apesar de serem muito batidas pelo mar e bastante aprumadas.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

O estado geral da fortificação é bom; as cazas porem estão geralmente em máo estado, faltando-lhes parte dos tectos como se vê no corte fig.ª 3.ª

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado aos fins designados no cap.º 1.º e com a maior vantagem.

O official que fez o tombo primitivo em abril de 1881 não diz qual era a sua applicação: consta comtudo ao signatario deste, que estava devoluto, e que havia um reformado da freguesia de Porto Judeu que fiscalisava este e outros fortes proximos.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve bastante nas luctas antigas e nas modernas. A sua posição defensiva foi magnificamente escolhida, para obstar a qualquer desembarque na bahia da Salga, o que já teve logar.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

---

[2] Os últimos vestígios das muralhas foram recentemente arrasados durante a construção de um parque de campismo no local.

Norte - com o occeano e caminho publico e de servidão.
Sul e leste - com occeano.
Oeste - com occeano e terras particulares.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie do sólo occupado pela fortificação, cazas, rampa e pequena facha de terreno = T = em frente do muro de góla, é de 512,0^{m2}, e sendo esteril não tem valor.

O valor venal da propriedade toda pode-se computar em 800$000 reis insulanos.

Para renda annual computa-se em tres a quatro mil reis.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parece de toda a conveniencia ser este forte conservado em bom estado por parte do ministerio da guerra, reparando as suas cazas, e tendo-o prompto a ser artilhado de momento por ser dos mais importantes da parte da costa que defende.

O tombo primitivo foi feito pelo tenente de engenharia Antonio Bello d'Almeida J.or em abril de 1881, sendo agora organisado pelo signatario para o adaptar ás instruções de 2 de junho de 1881 e additamento de 4 de dezembro de 1882, tendo servido de base os dados exarados na memoria do referido official.

Os desenhos já tinham sido reduzidos ás escalas ordenadas.

Quartel em Lisboa 14 de junho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Tombo do Forte da Salga, na costa da Freguezia de Porto Judeu.
Ilha Terceira.
Fig.a 1.a
Planta.
Fig.a 2.a
Corte em A.B.
Escala 0,004 p.m. (1/250)
Fig.a 3.a
Corte em C.D.
Escala 0,004 p.m. (1/250)
Fig.a 4.a
Corte em E.F.
Escala 0,004 p.m. (1/250)
Levantado pelo ten.e de E. M. d'eng.a Antonio Botta d'Almeida J.or em abril de 1881.
Reduzido ás escalas ordenadas, pelo ten.e cor.el Damião Freire de Bettencourt Pego, em novembro de 1882.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte da = Salga = na freguesia de Porto-Judeu.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
1.ª Em abril de 1881 – pelo ten.^{e} Bello d'Almeida 2.ª Reduzidos os desenhos ás escalas ordenadas, em nov.º de 1882 - Reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para a defesa da bahia da Salga. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	O estado geral da fortificação bom. As cazas em máo estado faltando-lhes parte do tecto. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Valor venal da propriedade 800$000 rs. ins. Para renda computa-se em 3 a 4 mil reis. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Em 1881 estava devoluto: actualmente deverá estar arrendado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el} Em julho de 1885 estava a cargo da comissão de engenharia. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Oa Annaes da Terceira Tom. 1.º designam-no como um dos construidos de 1567 a 1581. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes do tempo e ruina, e algumas modificações nas cazas que se vê são mais modernas do que o forte. (*Rub*) D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com o mar e caminho publico de servidão. Sul e Léste com mar. Oéste com o mar e terras de particulares. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Á conta do conselho administrativo do Casatello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Nada. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 14 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

O forte de S.ta Catharina das Mós está situado na parte reintrante da bahia do mesmo nome, cerca de 200,0m do = da Greta = na ponta O. da bahia combinando os seus fogos com este e com os do forte do Bom Jezus edificado na ponta de L. da dita bahia, bem conhecida nas cartas maritimas pelo nome de = Ponta da Mina = ou = Ilheus da Mina = e do qual dista 580,0m (em recta), e pela costa dista proximamente 15:400,0m d'Angra. Pertence á frequesia de Porto-Judeu, conc.º e commarca d'Angra.

A sua edificação é coetanea dos acima referidos e d'outros já tombados, como são = do Porto dos Biscoutos =, Cinco Ribeiras = etc, prestando grandes serviços de 1581 a 1583 contra a posse da ilha Terceira pelos castelhanos (Annaes da Terceira de Drumond, tom. 1.º). A sua forma é irregular, aproveitando-se parte da rocha e barreiras. Montava 5 boccas de fogo em canhoneiras e tem uma banqueta para fusilaria.

Tem um sofrivel quartel para guarnição (Q Q Q) fg.ª 1.ª) e exteriormente junto à muralha de O. um pequeno paiol (P).

No seguimento = C D = fig.ª 1.ª haviam as trincheiras de fusilaria que iam ligar com as que vinham do forte da = Greta = e de que se trata no tombo respectivo, as quais desapareceram com as quedas successivas das barreiras sobre que assentavam, devido isto á invasão do mar.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi construido como todos os da sua epoca com boas cantarias comtudo sendo parte da construcção sobre barreiras batidas pelo mar, como se vê na planta fig.ª 1.ª não era solida a construção e tendo sido dos fórtes de que se tem tratado, a sua posição é tão exposta que uma sólida muralha construida em 1866 na linha pontuada = C D = para deffender a barreira das corrozões do mar, em os vendavais de 1878 e 1879 foram por tal for-

ma revoltos os alicerces que a muralha deslocou-se, achando-se caida mas quasi inteira pela boa consolidação das argamassas; e esta falta produziu toda a queda da barreira entre = D C E F = fig.ª 1.ª, levando parte do paiol e da entrada.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

Pelas razões expostas no capitulo 2.º se deduz ser máo o estado de conservação d'este forte, acrescendo ter abatido ha poucos annos o tecto de todo o quartel. A base da muralha do forte que não assenta sobre rocha tambem apresentava corrozões; sendo precizo despenderem-se verbas d'alguma importancia para o conservar.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Na discripção e historia do forte, capitulo 1.º, se narrou qual o fim para que foi destinado. No acto de se fazer o reconhecimento e levantamento estava sem applicação; fez porem parte da relação enviada pelo signatario, ao inspector d'engenharia da 5.ª divisão militar em 23 d'agosto de 1881 na qual se ponderou o estado em que se encontrou este bom forte, e a necessidade de se lhe accudir visto ser dos mais uteis.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Está ella demonstrada pela sua discripção e historia e parece que não tendo diminuido as condições de accessibilidade do ponto que defende, continuará a ser importante a sua posição militar.

---

[1] Apenas alguns blocos de alvenaria, forrados de cantarias de tufo, jazendo sobre a areia e batidos pelo mar, bem como parte do alicerce da gola, ainda podem ser encontrados.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com terras dos herdeiros de Manoel Gonçalves Fagundes

Sul = com rocha do mar e só mar em parte.

Leste = com rocha do mar e terras produtivas dos herdeiros do dito Fagundes

Oeste = com barreiras, mar e terras improdutivas dos herdeiros do dito Fagundes, abertas ao publico e por onde se faz a servidão do forte

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie do forte e casas quando em julho de 1881 se fez o levantamento era de 415,00^{m2}, a qual terá diminuido se augmentaram as quedas nos pontos já atacados e tratados nos capitulos anteriores. O sólo não tem valôr algum; os materiaes vendidos poderão valer 160:000 reis attendendo ao máo ponto em que estão de difficil transporte para os povoados.

Como está será difficil arrendar-se.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parece de toda a utilidade para salvar o forte reconstruir uma muralha de = C a E fig.ª 1.ª =, passando a estabelecer o paiol numa das casas interiores, attendendo á importancia militar da posição o que mais de uma vez tem sido reconhecido pelas obras que n'elle se tem feito e d'algum vulto.

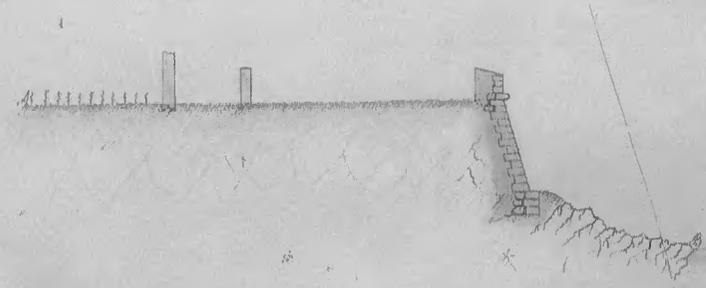
NB. Este tombo foi ultimado em março de 1882.

Foi comtudo agora modificado bem como todos os mais já executados para o adaptar ao additamento de 7 de dezembro de 1882 feito ás instrucções de 2 de junho de 1881.

Quartel em Lisboa 6 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

Na rectificação feita a este forte vio-se que as ruínas cresceram durante os 4 annos decorridos desde o levantamento da respectiva planta (junho de 1881) até á actualidade, tendo sido um pouco atacada a muralha entre = C C´=, e a barreira = C E F = igualmente o tem sido. Diminuimos hoje 30$000 rs. ao valor primitivamente arbitrado aos materiaes do forte.

Quartel em Angra do Heroismo 26 de julho de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte de S.ta Catharina das Mós.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Foi concluida em março de 1882. Reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Para defender a bahia das Mós de combinação com os fogos dos fortes da = Greta = e do = Bom Jezus. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Máo e vai-se arruinando dia a dia pela quéda das barreiras sobre que se bazeia. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Os materiais foram avaliados em 1881 quando se fez o levantamento do fórte em 160:000 rs. ins.os. Poderá já haver defferença pela quéda d'estes para o mar. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Estava devoluto pelo seu máo estado= (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Data de 1581 - em que foi edificado, ou concluido. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Annaes da Terceira de Drummond. Tom. 1.º (*Rub*) D. Pego T.e C.el	As provenientes das ruinas em que vae caindo. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Norte com terras dos herdeiros de Manoel Gonsalves Fagundes. Sul com rocha e mar. Léste - com rocha e terras do dito Fagundes. Oéste - com barreiras e terras ditas abertas e por onde se faz a servidão (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Não foi ainda. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Deve estar entregue ao concelho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Nota-se a necessidade da construção de uma muralha onde se vir na memoria para o salvar, visto ser importante. (*Rub*) D. Pego T.e C.el

Quartel em Lisboa 6 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.e C.el em comm.ão

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

Na freguesia do Cabo da Praia e na ponta de Oeste da vasta bahia da Villa da Praia da Victoria e a 3 kilometros proximamente de distancia desta, está situado o forte de = S.ta Catharina do Cabo da Praia = é o primeiro que defende a entrada na bahia e fica 21:254,0m a NE da cidade d'Angra pela parte marginal da ilha.

A sua forma é irregular aproveitando-se quanto se poude a rocha existente (fig.a 1.a).

Para lhe dar maior elevação, ha em frente da entrada = E = fig.a 1.a, uma rampa calçada = R = fig.as 1.a e 2.a a qual dá acesso ao plano das baterias, guarnecidas de 11 canhoneiras e que batem a todos os quadrantes.

Tem á entrada, lado esquerdo, uma linha de casas baixas para a guarnição = a b c d = fig.a 1.a = c c´= fig.a 2.a e alçado da frente fig.a 4.a .

No plano das baterias tem o paiol = P =

Havia uma linha de trincheiras para fusilaria, que partindo do forte como se vê em = T T = fig.a 1.a ligando entre si os fortes que por o lado de Oeste, orlam a bahia; porem que pela maior parte tem desaparecido pelas invasões do mar que de anno para anno avança e vai até invadindo as propriedades limitrophes do areal. Os lanços interrompidos que existem estão plantados de canaviais por cuidado da camara municipal da Praia, o que demora por esses lados as invasões. Este forte é o principal pelo seu desenvolvimento e posição dos da linha fortificada da bahia, e foi dos contruidos em 1567 a 1581, como consta dos Annaes da Terceira Tomo 1.º e cuja historia é coeva dos descriptos em outros tombos, como o do Pesqueiro dos Meninos, S.ta Catharina das Moz, Grêta etc na defesa da ilha contra os castelhanos; e nas lutas da liberdade tem uma pagina brilhante, tendo contribuido para a derrota da esquadra de D. Miguel em 11 d'agosto de 1829. É do concelho e commarca da Praia da Victoria.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido de boas cantarias, sobre boa base para a parte que não é rocha vista, é argila e rocha mais baixa e areia na parte superior.

Como construcção militar foi das melhores da sua epoca e o seu estado de conservação apesar de muito exposto athesta-o.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

Na occasião do levantamento para a organização d'este tombo, estava em bom estado geral. A base da muralha de Leste precizava ser arranjada, e precizava um portão novo d'entrada, beneficiamentos no quartel e outras pequenas despezas.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

No capitulo 1.º se descreve o fim a que foi destinado; actualmente está á disposição do Ministerio da Guerra para servir de armazenagem a pouco material de guerra ou qualquer outro mister, estando entregue á vigilancia do commandante militar da villa da Praia quando ali o ha.

E quando em agosto de 1881 o signatario fez o levantamento do forte, encontrou habitando nas casas ha ja 28 annos a familia de um antigo veterano da liberdade e que era o guarda do forte; e por fallecimento d'este varios generaes da divisão continuaram a conceder moradia a mencionada familia (viuva e filhas), o que não tem sido prejudicial á fortaleza: aliaz se cahisse no mesmo abandono das outras as casas estariam já destelhadas, sem portas etc.

---

[1] Foi restaurado durante as obras de construção do porto do Cabo da Praia. Está, porém, ao abandono, vandalizado.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

A sua importancia está relatada no capitulo 1.º com relação á epocha em que foi construido o forte, e os seus fogos combinavam-se sobre a bahia com os do forte de S. José que se lhe segue e é descripto depois d'este.

Actualmente sendo a guarda avançada da bahia é ainda posição importante e que é de necessidade conservar, sendo bem reforçado e guarnecido com artilharia d'alcance.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com rocha do mar

Sul = com dito areal, ficando-lhe proxima uma propriedade de terras da camara municipal da Villa da Praia

Leste = com rocha do mar

Oeste = com areal

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie occupada pela fortificação é proximamente de 713,00^{m2}. O sólo não tem valôr algum; a servidão é feita pelo areal com que confina. O material do forte se tivesse de se vender poderia valêr 1:200$000 rs. a 1:500$000 reis insulanos attendendo á posição favoravel em que se acha. As cazas (...) 200:000 reis insulanos.

Logo que o forte não seja empregado em serviço militar, convirá ser posto de renda pelo maior preço que se possa obter, no caso de não continuar a servir para o fim benefico exposto no paragrapho 2.º do capitulo 4.º.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Sendo a Villa da Praia da Victoria demandada varias vezes por navios de guerra estrangeiros que deixam de salvar á terra por esta não ter d'onde responder, seria talvez util para a respeitabilidade da nossa bandeira que este bom forte acastellado montasse algumas boccas de fogo, havendo como ha artilharia e reparos no armazem da villa da Praia passando a haver no forte ou na Villa da Praia um destacamento d'artilharia do commando de official inferior.

NB. Este tombo executado em abril de 1882 foi feito segundo as instruções de 2 de junho de 1881, foi comtudo agora modificado com authorisação superior para se adaptar ao additamento de 7 de dezembro de 1882.

Quartel em Lisboa 8 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

Na rectificação feita a este forte, achou-se estar em bom estado geral e as casas e forte estão actualmente a cargo da 16.ª secção do Material de Guerra, com utilidade para o serviço e para a propriedade.

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Ilha Terceira.

Tombo do Forte de S.ta Catharina do Cabo da Praia, na freguezia do mesmo nome, e na ponta de O. da bahia da Villa da Praia da Victoria; 24:254,0 m. a N. E. d'Angra do Heroismo, pela parte marginal.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte de = S.ta Catharina do Cabo da Praia, na entrada da bahia da Praia da Victoria. -

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminou-se em abril de 1882. Reorganizada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Para defender a entrada na vasta bahia da Praia da Victoria. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Era em geral bom o estado de conservação deste bom forte, quando em agosto de 1881 se fez o seu levantamento. Havia uma ligeira ruina na raiz da muralha de Leste. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Avalia-se em 1:200$00 a 1:500$00 r.s insulanos, os materiais da fortificação. As cazas no estado em que se achavam podiam valer na localidade 200$000 r.s in.s. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Em agosto de 1881 estava habitado ha 28 annos por a familia de um veterano da liberdade que foi guarda do forte até fallecer, isto com auctorização de diferentes commandantes da Divisão (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Tendo sido dos construidos de 1567 a 1581, tem estado na posse militar desde então. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Annaes da Terceira de Drumond Tom. 1.º (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Não consta tenha sofrido alterações a não ser nas cazas cuja edificação indica ser de epocha posterior á do forte. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Norte - com rocha do mar. Sul com dita e areal. Leste com dita rocha. Oeste com areal. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Havendo commandante militar na villa da Praia deve estar á conta d'este; e não havendo, no conselho administrativa do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Parece de conveniencia aproveitar-se este forte como se observa no cap.º 8.º da memoria. (*Rub*) D. Pego T.e C.el

Quartel em Lisboa 8 de julho de 1883.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.e C.el em comm.ão

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

Seguindo o desenvolvimento da bahia da Villa da Praia da Victoria, e proximamente a 750,0^{m} ao N. da de S. Caetano já descripto n'outro tombo está o forte de S.^{to} Antão.

É de forma rectangular, montou trez boccas de fogo em canhoneiras, e assenta sobre uma barreira muito atacada pelo mar e areias.

Tinha no interior uma pequena casa de guarda = G = paiol = P = fig.ª 1.ª Está encravado em terrenos de soffrivel cultura por onde era feita em diagonal a sua servidão = S =, há remotos annos confundida com as terras particulares que atravessava.

A sua historia é a mesma da doa fortes de S.^{ta} Catharina, Bom Jezus, Cavallas e outros já descriptos, sendo um dos doze fortes construidos de 1581 a 1583, sendo governador = Cyprião de Figueiredo e contribuiu para defender a ilha da tomada dos castelhanos a qual só cedeu a grande força em 27 de julho de 1583 (Annaes da Terceira Tom 1.º).

Não indica ter sido dos melhorados de 1818 a 1820 pelo capitão general dos Açores Francisco Antonio d'Araujo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi construido com cantarias móles, a qual se tinha a vantagem de não produzir estilhaços, tinha contra de ceder muito á acção do tempo e adiantar o seu máo estado como abaixo se diz.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

---

[1] Não restam vestígios.

Está arruinadissimo como se indica nos desenhos, e a cantaria das muralhas corroida pela acção do tempo, por ser batida pelo mar quando está tempestuoso. Tanto a pequena casa como o paiol estão quasi em ruinas.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi edificado para coadjuvar a defeza da bahia que orla, tendo só fogo na face da frente.

Está sem applicação e mesmo para os particulares donos das terras com que confina a terá pelo seu péssimo estado. Fez comtudo parte da relação citada no tombo do forte de S. José e outros, enviada á inspecção d'engenharia da 5.ª divisão militar em 23 d'agosto de 1881 para ser arrendado.

E tambem fez parte da relação enviada ao Delegado da Comarca da Praia da Victoria em officio de 18 de agosto de 1881- para se manter em respeito a servidão = S = traçada na planta, fig.ª 1.ª, a linhas pontuadas, depois de no proprio local ter sido medida no terreno pelo signatario na presença dos donos dos predios por onde passava, segundo as testemunhas informadoras que foram presentes, e que declararam ser por ali que antigamente era feita a servidão.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve a mesma de toda a linha fortificada da bahia. Actualmente considera-se não ter nenhuma importancia, sobre tudo pelo seu estado de ruina sempre crescente estando a base escavada, ameaçando ruina completa em pouco tempo.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com barreiras, canaviaes e extremos das terras dos herdeiras de Antonio Borges d'Aguiar.

Sul = idem idem.

Léste = com areal da bahia.

Oeste = com terras dos ditos herdeiros.

A servidão atravessa serrados pertencentes - uns a José Borges d'Aguiar – e outros á Viuva de Manuel Borges d'Aguiar seu genro Julio Antonio dos Santos e outros.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie do forte e muralhas é de	181,0^{m2},	proximamente.
A da casa e paiol	54,4	"
A servidão quando feita deve ter 126 de extensão, por 2,2^{m} de largura	277,2	
Total	512,6^{m2}	

O terreno do forte e casas não tem valôr algum. O da servidão passando por terrenos um pouco melhores do que os do forte de S. Caetano e de S. José póde-se reputar pelo duplo. Isto é, 40 reis o metro quadrado ou – 11$080$^{rs.}$ – proximamente. Os matheriaes de que se compõe o forte e resto da casa e paiol são insignificantes por ser pedra gasta e alvenarias miudas de que ha de sobra na localidade; dá-se comtudo o valor provavel de 25$000 reis insulanos pela vantagem que advirá aos confinantes de se lhes não devassar a propriedade. Cabe notar que o valor dado para renda á servidão é muito hypothetico de se realisar porque os confinantes não impugnaram fazer-se por ali servidão quando militarmente seja precizo; contestam comtudo o direito de propriedade exclusiva, pela posse antiquissima.

O Forte posto de renda poderá computar-se em 800 a 1:000 reis annuaes.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parece da melhor conveniencia optar-se pela venda immediata do que se puder realisar, attendendo a ter perdido a sua importancia, e mesmo porque de um para outro anno o forte desaparece.

NB. Este tombo ultimado em abril de 1882 foi agora modificado pelas mesmas causas das do forte de S. Caetano e outros, e exaradas n'esses tombos.

Quartel em Lisboa 10 de junho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

Nos 4 annos que decorreram desde o levantamento da planta primitiva (agosto de 1881) até á actualidade ocorreram mais ruinas nos restos do forte e que foram rectificadas na mesma planta, diminuindo = cinco mil reis = ao seu valor venal arbitrado no cap.^{o} 7.^{o}

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Ilha Terceira.
Tombe do forte de S.to Antão, 760,m0 ao N. do de S. Caetano, na bahia da Villa da Praia da Victoria.
Fig.a 1.a
Planta.
Fig.a 2.a
Rectificada e corrigida em agosto de 1886

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte de = S.^{to} Antão = na bahia da Praia da Victoria

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminou-se em abril de 1882. Foi reorganisada a memoria descriptiva na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defesa da bahia da Praia da Victoria. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Está arruinadissimo tanto o forte como a caza e paiol, e a cantaria toda corroida. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os terrenos são avaliados em 11$080 rs. ins. (cap.° 7.°). Os materiaes são quasi sem valor pelas razões ditas no cap.° 7.°, e tambem pelas razões exaradas se lhes dá ainda o valor provavel de 25$000 rs. ins. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Está abandonado ha muitos annos. Hoje deverá estar de renda, como outros, e conforme a requisitou em agosto de 1881 o signatario d'este á estação competente em Angra, e como se vio no cap.° 4.° (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Está na posse militar desde que se construiu e se suppõe ser em 1581 (cap.° 1.°). Tem estado abandonado ha muitos annos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os = Annaes da Terceira = dizem que o general Cyprião de Figueiredo fez construir em 1581 mais 12 fortes na bahia da Praia; não os nomeia, mas suppõe-se ser este um dos 12. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes da ruina e abandono, tendo os proprietarios confinantes confundido a servidão com as suas terras ha muitos annos. Sobre o quê o signatario tomou as providencias exaradas no Cap.° 7.° (*Rub*) D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com barreiras, canaviaes e terras dos herdeiros de Ant.° Borges d'Aguiar. Sul – id. id. Léste – com areal da bahia. Oeste – com terras dos ditos herdeiros. A servidão , como se diz no fim do Cap.° 6.° (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Deve estar entregue ao conselho administrativo do castello de Angra ou ao comandante militar da Praia havendo-o. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Todas as razões expostas nos diferentes cap.^{os} parecem aconselhar a sua venda, em quanto restar alguma couza. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 10 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

Na costa da freguezia de Porto Judeu e á distancia proximamente de onze kilometros da cidade d'Angra do Heroismo encontra-se o forte de = S.to Antonio = (a)

Tem cinco canhoneiras ao longo das quaes corre uma plata-forma de lagêdo, que acompanha as duas muralhas de sul e leste.

Tem dois predios de cazas completamente abandonados e que se veem na planta, cortes e vistas juntas.

O predio encostado á muralha de Oeste tem cosinha com forno. O que forma a gola da fortificação é dividido em trez compartimentos independentes, sendo o mais pequeno destinado a arrecadação.

A servidão é feita por um máo caminho á beira-mar designado na planta com o nome de = canada =.

Os = Annaes da Terceira = de Drummond, dizem que este forte foi o primeiro que se construiu na ilha Terceira em 1573, e com o fim de defender os habitantes da ilha dos corsarios que infestavam os mares dos Açores.

Tambem teve parte interessante na defeza da ilha contra os castelhanos de 1581 a 1583.

(a) Pertence ao Districto, Concelho e Commarca d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi construido solidamente e com boas cantarias, o que é comprovado pela sua boa resistencia á acção do tempo e mares que o batem em occasiões de temporaes tão frequentes e fortes n'aquellas paragens.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

Em 1881 era bom o seu estado de conservação, as cazas estavam algum tanto danificadas, tornando-se soffriveis habitações com alguns reparos.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado á defeza parte da costa em que foi edificado e da bahia, que lhe fica proxima e que é de facil desembarque.

O official que em abril de 1881 fez o tombo primitivo, diz que as cazas estavam em completo abandono, e por consequencia o forte, o que parece conveniente evitar-se, visto ser esta fortificação ainda considerada bastante util.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Pela sua boa posição, e estado em que esta, podendo ainda prestar bom serviço, parece ter ainda bastante importancia militar.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte - com terras de Jacintha Candida, viuva de Jose Toste de Mello.
Sul e Leste - com oceano.
Oeste - com terras da dita viuva.

---

[1] Apenas sobram alguns panos de muralha. Tem projecto de reconstrução, da responsabilidade da Junta de Freguesia do Porto Judeu.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A area occupada pelas casas é de 157,00^{m2}
A dita occupada pelo forte é de 267,00^{m2}
Total 424,00^{m2}

O official referido avaliou toda a propriedade em globo em 1:000$000 reis insulanos.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Corroborando a opinião do tenente de engenharia Antonio Bello d'Almeida J.^{or}, que fez o tombo primitivo d'este forte, parece de utilidade não ser vendido por ser muito util á defesa d'aquella parte da ilha; merecendo muito serem melhoradas as casas e entregues á guarda militar, pelo menos de Algum veterano de capacidade, que os ha proximos, e que por elle responda, ou então ser arrendado.

Este tombo foi reorganisado para o adaptar ás instruções de 2 de junho de 1881 (como ja se fez nos desenhos juntos) e additamento de 7 de Desembro de 1882.

Quartel em Lisboa 13 de junho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

Na relação assignada pelo Commando central dos Açores em 25 de julho de 1885, é dado este forte como fechado e entregue á commissão d'engenharia, o que é da maior utilidade para a sua conservação.

Quartel em Angra do Heroismo 27 de julho de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

-Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.^{a} Divisão militar

Tombo do forte de S.^{to} Antonio, na freguesia do Porto-Judeu

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
1.^{a} Abril de 1881 pelo Ten.^{e} d'Eng.^{a} Bello d'Almeida J.^{or} 2.^{a} Redução e reorganisação em desembro de 1882 – concluido segundo o additamento de 7 de des.^{o} de 1882; em a data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defeza da costa Léste d'Angra e da bahia proxima ao mesmo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Em geral bom menos as casas que precisam reparações. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Avaliadado em globo – forte e casas – em 1:000$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	O tombo primitivo dá-o em abandono. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os = Annaes da Terceira = dão este forte como o primeiro construido em 1573, pelas razões expostas no Cap.^{o} 1.^{o} (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes das ruinas. (*Rub*) D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com terras de Jacintha Candida, viuva de José Toste de Mello. Sul e Léste com o oceano. Oeste com terras da citada viuva. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Deve estar á conta do conselho administrativo do Castello de Angra, ou da inspecção de engenharia. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As considerações exaradas no Cap.^{o} 8.^{o} (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 13 de Julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

O forte de S. Bento situado na extrema da freguesia de Porto-Martim (a) é um dos melhores d'esta costa.

Tem tres canhoneiras e junto á góla e com entrada pelo interior do forte ha á direita um pequeno paiol abobadado = P = fig.ª 1.ª, e uma caza = G = para guarda: e encostado ao muro da gola e com entrada pelo exterior ha a cosinha = H = com forno.

Ha finalmente a Léste um terraço = T = para o qual se sóbe pela escada = I = e no qual se hasteia sendo preciso a bandeira nacional.

Foi dos construidos de 1567 a 1581, segundo os = Annaes da Terceira = T.º 1.º. Dista 21:541,0^{m} da cidade d'Angra.

Pertence ao Concelho e Commarca da Praia de Victoria.

(a) É curato sufraganeo á freguesia do Cabo da Praia.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido como o attestam as suas boas muralhas, e resistencia á acção do tempo apesar da proximidade do mar.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[1] –

As muralhas estão bem conservadas; o paiol conserva a abobada, como se vê no córte fig. 2.ª = P =: a caza e cosinha não tem tecto, tendo as paredes em sofrivel estado.

---

[1] Ainda sobram algumas ruínas da muralha.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Para a defesa militar do ponto que guarnece juntamente com o de S. Filipe[2] descripto já.

O tombo primitivo base do actual não diz qual era a sua applicação quando foi tombado (1881). Suppõe-se comtudo continúe em abandono como consta ao signatario que estava n'essa epoca, e por isso não se lhe designou applicação.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve bastante nas epocas de 1581 a 1583 e mesmo posteriormente. Actualmente ainda a tem por ser o que está em bom estado relativo, naquelle ponto; porque o de S. Filipe está destruido, e o que havia á esquerda que era o de S. Jorge[3] desapareceu completamente; alem d'isso a posição é importante para a defesa.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte – com um pequeno largo e caminho publico que liga a freguesia da Porto-Martim á do Cabo da Praia.

Sul – com rocha e mar.

Léste – Idem – idem.

Oéste - Idem – idem.

---

[2] À direita do forte de São Bento havia antes ficado o forte de São Tiago, datando igualmente do século XVI, mas, entretanto, desaparecido (cfr. forte de S. Filipe).

[3] Ainda hoje se podem encontrar algumas ruínas deste forte. Porém, ainda na século XVIII existia o forte de Santo António, este sim completamente desaparecido.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A area occupada pelo forte, é de 380,0^{m2}; e as cazas
e paiol - a total de 100,0^{m2}.

O sólo com tudo não tem valôr algum por ser rocha.

O official que fez o tombo primitivo deu a toda a propriedade o valôr venal de 800$000 rs. insulanos.

Para renda annual valorizamo-l'o em 1$800 a 2$000 rs.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Attendendo á importancia que ainda tem, conviria talvez reparar-lhe as cazas, fechar a entrada, e ser guardado e habitado por um veterano capaz, cazo não seja arrendado.

NB. O tombo baze do actual foi elaborado em maio de 1881 – pelo tenente d'engenharia Antonio Bello de Almeida J.^{or}; tendo o abaixo assignado reduzido os desenhos ás escalas ordenadas; e reorganisado a memoria n'esta data, em harmonia com as instrucções de 2 de junho de 1881, e additamento de 7 de desembro de 1882.

Quartel em Lisboa 17 de agosto de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

Na rectificação feita agora a alguns pontos fortificados e outras propriedades, vio-se que esta fortificação não merece estar ao abandono porque como muito competentemente disse o auctor do tombo primitivo é ainda importante para a defesa da posição em que está, foi solidamente construido, e está relativamente a outros proximos em bom estado, e não parece ter-lhe diminuido o valôr ha 4 annos arbitrado. É nossa humilde opinião, que

deve ser fechado, reparado e entregue á vigilancia da commissão d'engenharia.

Quartel em Angra do Heroismo 25 d'agosto de 1885.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

C.^{el} em comm.^{ão}

(*Rub*) D. Pego
T.^e C.^{el}

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte de S. Bento, na costa da freguesia de Porto-Martim

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
A primitiva em maio de 1881. Reorganisada pelo signatario na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Para a defesa militar da costa de Porto-Martim. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Em geral bom, menos as casas. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Valor venal total 800$000 rs. ins.os Para renda annual 1$500 a 1$800 rs. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Ignora-se. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Desde a sua edeficação. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Annaes da Terceira T.º 1.º (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Nenhumas na fortificação; nas cazas as provenientes da ruina. (*Rub*) D.Pego T.e C.el	Norte – com largo e caminho publico que liga as freguesias de Porto-Martim e Cabo da Praia. Sul – Léste e Oeste com rocha e mar. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Não foi. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	Estando de renda deve estar a cargo do conselho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.e C.el	As exaradas no Cap.º 8.º (*Rub*) D. Pego T.e C.el

Quartel em Lisboa 17 de agosto de 1883
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

Na continuação do desenvolvimento da bahia da villa da Praia da Victoria, e a 840,0^{m} ao N. O. do forte de S. José encontra-se o de S. Caetano, pertencente á freguesia, Concelho e Commarca da Praia da Victoria (a).

É de forma irregular e obra de alvenaria grossa argamassada assente sobre barreiras, mas proximo do mar e a pouca altura d'este, pelo qual sobre tudo no crescimento das grandes marés e temporais frequentes é invadido.

Indica ter montado 5 boccas de fogo – 3 em canhoneiras, e 2 em rodizios nos pontos = C C = fig.ª 1.ª

Antes de entrar no plano do forte ha á direita as paredes de uma pequena casa de guarda = G = e á esquerda as de um pequeno paiol = P =. Ha mais terreno intermedio = T =.

Está encravado no fim da propriedade de particular, tendo a servidão = S = ha muitos annos confundida com as terras dos proprietarios designados nas confrontações.

Parece ser um dos doze fortes que os = Annaes da Terceira = dizem terem sido mandados construir pelo governador Cyprião de Figueiredo na bahia da Praia, os quais não são designados pelos seus nomes alem do de S.^{ta} Catharina: foi comtudo um dos reconstruidos ou melhorados pelo capitão general Francisco Antonio d'Araujo, de 1818 a 1820. Prestou valioso serviço na batalha de 11 d'agosto de 1829.[1]

(a) Dist.º Adm.º d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

---

[1] Não consta da colecção de plantas de José Rodrigo de Almeida, nem das anteriores colecções da segunda metade de século XVIII, nem das relações de Castelo Branco (1710) e de João Júdice (1767 e 1776).

Parece, bem como o de S. José, que pelos materiaes empregados, não foi dos construidos pelo systema do engenheiro Thomaz Benedicto (1567 a 1581).

Comtudo estava solidamente ligado e com boas espessuras, e as paredes das casas bem construidas.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Está arruinadissimo, e de dia para dia vão desaparecendo as muralhas pelas quedas successivas das barreiras sobre que assentam, corroídas pela base por os choques das vagas que invadem o forte.

Da casa e paiol só ha paredes, e essas já em ruina o que tudo approximadamente se vê dos desenhos juntos.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado a coadjuvar a defeza da bahia que orla juntamente com os de S. José e de S.to Antão que lhe ficam á esquerda[3].

Quando em agosto de 1881 se fez o levantamento d'este forte estava sem applicação pela parte militar, e portanto disfrutado pelo proprietario confinante o qual nada tinha d'elle a gozar. Fez portanto parte da relação citada em outros tombos enviada pelo signatario, ao inspector d'engenharia da 5.º divisão militar em 23 d'agosto de 1881, para ser tambem posto de renda e acabar aquelle abuso, devido ao abandono de perto de 50 annos; sendo de crer que o conselho administrativo do Castello d'Angra, a cargo do qual estão estes actos, o tivesse mandado pôr em praça e de cujo resultado terá dado parte á estação competente. E como o proprietario

---

2 Apenas alguns blocos de alvenaria, pedaços da muralha, jazem sobre a areia, cobertos pelo mar na maré cheia.

3 O forte de São José ficava à direita.

confinante applicava a seu uso a servidão (a qual não é murada) foi por o signatario intimado perante testemunhas para a respeitar e deixar de semear, de que se deu conhecimento ao Delegado da comarca da Praia da Victoria em officio datado de – 18 – de agosto – de 1881 acompanhado de uma relação dos predios e respectivas dependencias usofruidas por estranhos, para no caso de reincidencia aos avizos feitos, elle como representante da fasenda publica proceder devidamente.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve a exposta nos capitulos 1.º e 4º; actualmente quasi nenhuma tem, pois até a posição vae desaparecendo dia a dia mudando a fórma à escolhida quando se fez a edificação.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com barreiras e terras de José Cardoso de Carvalho da Villa da Praia da Victoria.

Sul = com canaviaes e areal.

Leste = com o dito areal.

Oeste = com o dito Carvalho, Francisco Cardozo Machado e outros.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie occupada pelo forte é de	$375,00^{m2}$
A = da casa e paiol	36,50
A = do terreno intermedio ás mesmas	76,20
A = da servidão	112,30
Total	$600,00^{m2}$

O terreno sobre que se edificou o forte é de muito pequeno valôr e a terra aravel é muito misturada d'areia e por isso fraca: computando-se pela media de 20 rs. o metro quadrado, damos-lhe o valôr aproximado de 12$000 insulanos. Os materiaes do forte vendidos como estão poderão deixar 70$000 reis insulanos, attendendo a haverem ainda sofriveis cantarias nas plata-formas (tendo desaparecido uma boa parte) e as paredes das casas poderem, ainda que arruinadas, ser aproveitadas com coberturas leves: valôr este estimado na presumpção de ser o comprador o proprietario confinante dito Carvalho, por as vantagens que lhe advem de ficar com o predio fechado; pois para qualquer outro diminuirá de valôr.

Para renda computa-se em 2:000 reis insulanos annualmente pelas razões que ficam expostas.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

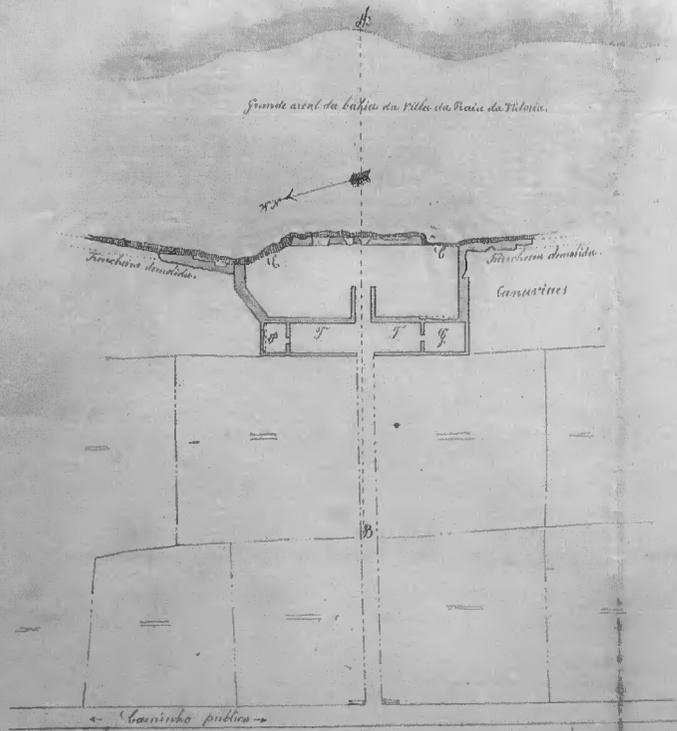
Parece da melhor conveniencia optar-se pela venda attendendo a que militarmente tem perdido a sua importancia e porque dentro em poucos annos terá desaparecido o forte.

NB. Foi este tombo ultimado em abril de 1882; foi porem agora modificado para o adaptar bem como outros ao additamento de 7 de dezembro de 1882 feito ás instrucções de 2 de junho de 1881 e pelas quaes foi organisado.

Quartel em Lisboa 9 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Additamento

Nos 4 annos decorridos desde o levantamento da planta d'este forte (agosto de 1881) até á actualidade, augmentaram as ruinas das muralhas por ser atacado pelo mar e corroídas as barreiras que as sustentavam, entendendo ter diminuido = vinte mil reis = o valor venal atribuido no cap.º 7.º

Quartel em Angra do Heroismo 24 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.el em comm.ão

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do = forte de S. Caetano = na bahia da Praia da Victoria.
Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminou-se em abril de 1882. Foi reorganisada a sua memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para defesa da bahia da Villa da Praia da Victoria. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Está arruinadissimo em geral e de dia a dia vão desaparecendo as muralhas. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Os terrenos computam-se em 12$000 rs. ins. Os materiaes do forte vendidos como estão poderão valer 70$000 rs. ins. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Estando abandonado ha muitos annos era usofruido pelos confinantes em 1881, quando se fez o levantamento. Hoje deve estar de renda como então o requisitou o signatario d'este. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Tem estado na posse militar desde que se construiu, ignorando-se quando foi como se vê no cap.º 1.º Está abandonado ha muitos annos. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Os = Annaes da Terceira = dizem que o general Cyprião de Figueiredo fez construir em 1581 mais doze fortes na bahia da Praia, não os nomeia, suppõe-se ser este um d'elles. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As provenientes da ruina e abandono, tendo os proprietarios confinantes confundido o caminho de servidão com as suas terras, sobre o que se tomaram as providencias exaradas no cap.º 4.º (*Rub*) D.Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte – com barreira e terras de José Cardozo Carvalho. Sul – com canaviaes e areal. Léste com o dito areal. Oéste – com o dito Carvalho, Francisco Cardozo Machado e outros. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Deve estar a cargo do concelho adm.º do Castello d'Angra, ou do commandante militar da Praia havendo-o (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Parece indicada a sua venda pelas razões expostas nos cap.ᵒˢ 7.º e 8.º, e por que mesmo a posição já não tem valôr por se ir desfazendo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 9 de julho de 1883
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

O forte de = S. Fernando = está situado na ponta do mesmo nome, e 940,0^{m} a L.N.E. do de S. Francisco, e com o qual combinando seus fogos varre a bahia tambem do mesmo nome. Está nos limites das freguesias de S. Sebastião e Cabo da Praia (a). É apenas um grande barbete, e para o qual se sobe pela rampa = H = fig.ª 1.ª limitada lateralmente por dois altos muros. Dista 18:940,0^{m} da cidade d'Angra.

Tem a Léste e no extremo, um paiol = P = á prova, e coberto por um baluarte, cujo fim parece ser unicamente o de o encobrir, por isso que a entrada para ali é feita só por cima da muralha

Encostada ao muro da direita á entrada e pelo lado exterior ha uma espaçoza cazerna = C =, e cozinha = C' = mas ambas sem tecto.

Para chegar ao forte caminha-se sobre rocha baixa e viva que o cérca completamente, ficando o mar a distancia não inferior a 60,0^{m}.

Segundo os Annaes da Terceira = Tom. 1.º foi dos construidos até 1581, sob o governo do general Cyprião de Figueiredo.

Pertence ao Concelho e Commarca da Praia da Victoria.

(a) É o primeiro forte onde começa a freguesia do = Cabo da Praia.

Pertence ao districto administrativo d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Foi solidamente construido, como se vê nos differentes cortes, e como o foram todos os da sua epocha, e a que em geral presidiu o mesmo systema de construção.

Capitulo 3.º

- Estado de conservação[1] -

---

[1] Apenas um pequeno lanço de muralha resiste à acção do tempo e do mar.

As muralhas podem-se reputar em bom estado, devido não só á bôa construção, como a não serem açoutadas pelo mar.

As cazas estão sem tectos, portas mas as paredes ainda sofriveis. Tem o paiol ainda abobadado.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi construido para a defeza militar exposta no § 1.º do Cap.º 1.º.

E com quanto o official que fez o tombo primitivo em 1881 não diga que estava applicado, o signatario do actual sabe que estava sem applicação, mesmo depois d'aquella data.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Situado n'um ponto saliente e bem bazeado, é de bastante importancia a sua posição a qual merece ser conservada.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte – com caminho publico que vem dar á rocha, e com esta.

Sul, Léste e Oéste – com dita rocha.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A fortificação e casas occupam uma area de 328,00^{m2}, a qual é sem valôr por ser rocha brava.

A habil offficial que fez o tombo primitivo Somou o valor do forte e casas em 500$000 rs.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parece de toda a conveniencia ser coberta a casa, fechando o forte, e ser entregue á guarda de uma praça reformada edonea que n'elle tenha moradia, visto o seu bom estado geral e excelente posição.

NB. Os desenhos do tombo primitivo foram reduzidos ás escalas ordenadas, em janeiro do corrente anno, sendo agora reorganisada a memoria descriptiva á face dos dados do tombo primitivo elaborado pelo tenente de engenharia Antonio Bello d'Almeida J.or em maio de 1881, para o adaptar ás posteriores instruções de 2 de junho de 1881 e additamento de 7 de desembro de 1882, que creou os capitulos em numero de 8.

Quartel em Lisboa 28 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Tombo do forte de S. Fernando na ponta do mesmo nome, e no extremo da costa da freguezia de S. Sebastião

Ilha Terceira

Fig.ª 1.ª
Planta
Escala 0,002 p. m. (1/500)

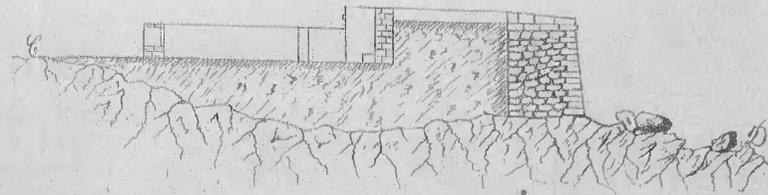
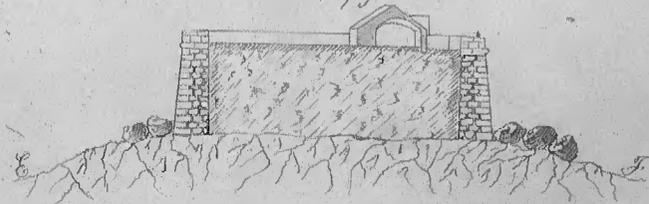
Segue a rocha 5,0 a 60,0 até encontrar o mar

Fig.ª 2.ª
Côrte em A B
Escala 0,004 p. m. (1/250)

Fig.ª 3.ª
Côrte em C D
Escala id. fig.ª 2.ª

Fig.ª 4.ª
Côrte em E F
Escala id. fig.ª 2.ª

Levantado pelo ten.te d'eng.ª Antonio Bello d'Almeida j.or em maio de 1881.

Reduzido ás escalas ordenadas, pelo ten.e cor.el Damião Freire de Bettencourt Pego o dez. em julho de 1883.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo do forte de = S. Fernando = no extremo da costa da freguesia de S. Sebastião.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
1.º em maio de 1881. Actual na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para a defeza militar da costa a L.N.E. d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Muralhas boas. Cazas em máo estado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	500$000 rs. insulanos. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Nenhuma. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edeficação. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os = Annaes da Terceira = Tom. 1.º dão-n'o como dos construidos até 1581. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Só as provenientes da ruina das cazas. (*Rub*) D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com caminho publico que vem dar á rocha e com esta. Sul – Léste e Oeste com dita rocha. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda o não foi. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Estava abandonado. Estando de renda deve estar á conta do Conselho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As exaradas no Cap.º 8.º (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 28 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º

– Descripção e historia da propriedade –

No caminho que liga o forte de S. Fernando ao de S. Bento na costa da freguezia de Porto-Martim (a), encontra-se á direita um outro que se bifurca na extremidade em dois, seguindo o da direita para o forte da Nazareth, e o da esquerda para o de S. Fillipe de que tratamos.

Está completamente derrocado, não restando da muralha que o limitava, mais do que uma altura de 1 a 2,0^{m2} em alguns pontos; estando o terrapleno obstruido pelas ruinas das muralhas e de uma caza de que restam ainda vestígios.

Assentava sobre rocha baixa, e á distancia de 250,0^{m2} a N. N. O. do da Nazareth.

Foi dos construidos de 1567 a 1581[1] como os de acima ditos e outros da ilha, já descriptos e tombados.

Pertence ao Concelho e Commarca da Praia da Victoria.

(a) É curato sufraganeo á freguezia do = Cabo da Praia = Dist.º d'Angra do Her.^{mo}

Capitulo 2.º

– Condições de construcção[2] –

---

[1] O forte construído entre os fortes da Nazaré e São Bento, no século XVI, tinha o nome de forte de São Tiago. A dúvida que se nos levanta é se o forte de São Filipe, de planta bem distinta da do forte de São Tiago, foi levantado sobre as ruínas deste. Por enquanto, atendendo à diferença entre as plantas, à proximidade do forte da Nazaré com o forte de S. Filipe e às características do sistema defensivo levantado no século XVI que não deixaria um porto de desembarque sem guarda (tal como não deixaria sem fortificação a costa entre São Fernando e São Bento – cfr. forte da Nazaré), defendemos que o forte de São Tiago se levantava mais a oriente, sobre o porto de Porto Martim. O forte de São Filipe datará já do século XIX (1818 a 1820?). A própria identificação de forte de São Filipe pode estar errada, pois que uma relação de 1862 (ainda inédita) menciona um forte de São Tiago, e não relaciona o de São Filipe.

[2] Ainda resta um pequeno troço de muralha.

Parece ter sido construido com menos solidez que os da sua epocha, vista a sua ruina.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação –

Em completas ruinas e abandonado ha muitos annos.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Á defesa da costa baixa que orlava juntamente com outros.
Actualmente não tem applicação alguma.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve-a combinada com a dos fortes da Nazareth e de S. Bento. Hoje nenhuma tem.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Nórte - com caminho publico de servidão para a rocha e para o forte.
Sul - Léste - e Oeste com rocha e mar.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A area occupada pelo forte era de $386{,}0^{m^2}$, sobre rocha e portanto sem valôr.

Os materiaes existentes são tão insignificantes que para venda não se lhe suppõe valôr pela despeza que resultaria no seu transporte para fóra do logar longe de povoados e pessimos caminhos.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Com quanto o autor do tombo primitivo não fixe valôr algum aos restos existentes do fórte, parece comtudo de conveniencia annunciar-se a sua venda, porque tudo o que se obtiver será lucro para a Fazenda, aceitando-se qualquer lanço que se offereça.

NB. Este tombo foi agora reorganisado servindo-lhe de baze o elaborado em maio de 1881 pelo tenente de engenharia Antonio Bello d'Almeida J.^{or}, para o adptar ás posteriores instruções de 2 de junho de 1881 e additamento de 7 de desembro de 1882.

Quartel em Lisboa 10 de agosto de 1883.
(Ass) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Observações

Nos quatro annos decorridos desde o levantamento da planta do forte (em maio de 1881) até á acual data as ruinas cresceram, e dentro em pouco desaparecerão os restos que ainda existem.

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.
(Ass) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.^{el} em comm.^{ão}

Tombo do Forte de S. Fillipe na costa da freguezia de Porto Martim.

Ilha Terceira.

Fig.ª 1.ª

Planta

Escala 0,002 p m. (1/500).

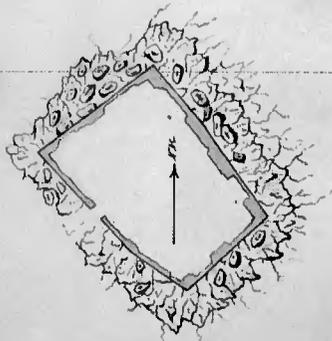
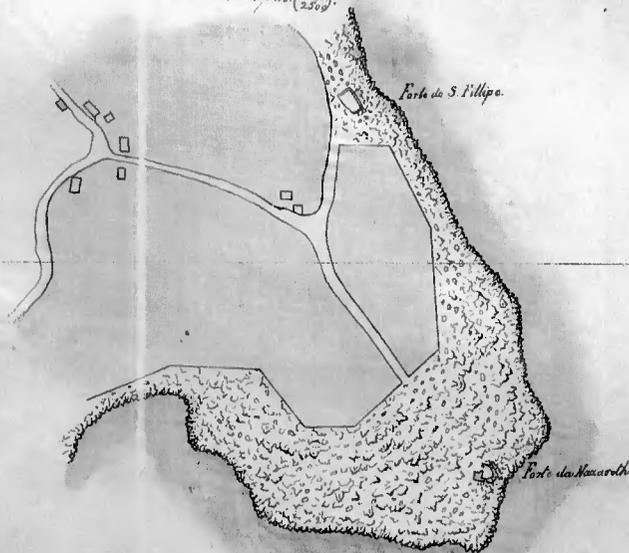



Fig.ª 2.ª

Planta de parte da costa do sul, para designar a posição dos fortes da Nazareth e de S. Fillipe.

Escala 0,0004 p m. (1/2500).

Levantada pelo ten.^e d'eng.^a Antonio Botta de Almeida J.^or em maio de 1881.

Reduzida a planta (fig.ª 1.ª) pelo ten.^e cor.^el Casimiro Fiere de Bettencourt Frye, e dez. em agosto de 1883.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.^{a} Divisão militar

Tombo do fórte de S. Filipe

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
A primitiva em maio de 1881. Reorganisada pelo signatario na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defeza da costa de Porto-Martim. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Em ruinas. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não se lhe suppõe valôr. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Nenhuma. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Annaes da Terceira T.^{o} 1.^{o} (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As provenientes da ruina e do abandono. (*Rub*) D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com caminho de servidão para a rocha e forte. Sul – Léste e Oeste com rocha e mar. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não se registou. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	A nenhuma por estar em ruinas e abandonado. (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}	As do Cap.^{o} 8.^{o} (*Rub*) D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 11 de agosto de 1883
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria descriptiva

Capitulo 1.º
– Descripção e historia da propriedade –

Saindo da cidade d'Angra pela estrada real = N.º 1 e que é parte da do litoral da ilha e vae dar á Villa da Praia da Victoria; a 14 kilometros do ponto de partida encontra-se a ponte da Ribeira Secca =, voltando á direita (ao Sul) e descendo pela = canada = (caminho estreito) do mesmo nome, cuja extensão é proximamente da 4 kilometros está no extremo e sobre a rocha viva o forte de S. Francisco, no limite da freguesia de S. Sebastião e Cabo da Praia.

Foi concluido em 1581, sendo governador da capitania o general Cyprião de Figueiredo, e serviu, bem como outros que orlam esta parte da costa da ilha, para a defender por espaço de dois annos da invazão dos Castelhanos. (Annaes da Terceira = Tom. 1.º)

Tem 3 canhoneiras, e na espessura da muralha vê-se talhada uma pequena banqueta para fusilaria.(=E=fig.ª 1.ª).

Junto da góla vê-se, á esquerda uma pequena casa que era destinada a deposito, e á direita uma espaçoza cazerna.

Não tem terrenos nem servidão especial.

Pertence ao Concelho e Commarca d'Angra do Heroismo.

Capitulo 2.º
– Condições de construcção –

Foi solidamente construido empregando-se boa cantaria bem travada, como se faz ver nos cortes = Fig.as 2.ª e 3.ª = e o que está comprovado pela sua duração apesar de exposto ao mar e ter sido pouco tratado.

As cazas tambem foram solidamente construidas.

Capitulo 3.º
– Estado de conservação[1] –

---

[1] Não restam vestígios.

As duas cazas ainda teem tecto, e tanto estas como o forte attendendo a terem 300 annos de existencia, estão em sofrivel estado de conservação, excepto a muralha de Léste em que abaixo do cordão d'escarpa tem um grande rombo como se vê em = F G = fig.ª 1.ª, e em = E F G = fig.ª 2.ª, o qual tem 4,0^{m} de altura por 5,0^{m} de largura e 5,0^{m} a 6,0^{m} de profundidade, devido á acção do mar que bate directamente a muralha n'aquelle ponto, em quanto as outras são protegidas por um enroncamento natural.

Capitulo 4.º
– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi edificado para os fins indicados no Cap.º 1.º e no immediato.

Tem estado devoluto, e por não haver quem o guarde, os particulares visinhos tem-se servido d'elle e das cazas para guardar rebanhos de cabras, carneiros etc.

Capitulo 5.º
– Importancia militar –

É magnifica a posição defensiva que este forte offerece; várre a vasta bahia que termina na ponta de S. Fernando onde ha um forte do mesmo nome, e crusam entre si os seus fogos.

Pelo quê, parece de toda a importancia a sua boa conservação, tapando-se o rombo indicado no cap.º 3.º, fechando o forte, melhorando as cazas etc.

Capitulo 6.º
– Confrontações –

Norte – com caminho publico.
Sul – Léste e Oeste – com occeano.

Capitulo 7.º
– Avaliação –

As cazas occupam uma área de		86,40^{m2}
O forte		207,08
	Total	303,48^{m2}

O official que fez o tombo primitivo em maio de 1881, valorizou tudo em globo em 900$000 rs., e a nosso ver muito bem.

Para renda, visto as cazas estarem ainda em sofrivel estado, computa-se em tres a quatro mil reis annuaes.

Ao sólo do forte e das cazas acima medido não se lhe dá valôr por ser improdutivo.

Capitulo 8.º
– Considerações geraes –

Parece de toda a conveniencia ser reparado e suas cazas, fechar a entrada, e, ou ser arrendado com condições serias ácerca da sua conservação, ou ser entregue á responsabilidade de uma praça edonea e que n'elle tenha moradia, porquanto será tudo preferivel a servir de guardar rebanhos de uns e outros.

NB. Os desenhos do tombo primitivo foram reduzidos ás devidas escalas em janeiro do corrente anno pelo signatario, sendo agora concluido o tombo e reorganisada a memoria á face dos dados = do tombo primitivo feito pelo tenente de engenharia Antonio Bello d'Almeida J.^{or}, em harmonia com as instrucções de 2 de junho de 1881 e additamento de 7 de desembro de 1882

Quartel em Lisboa 24 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Additamento

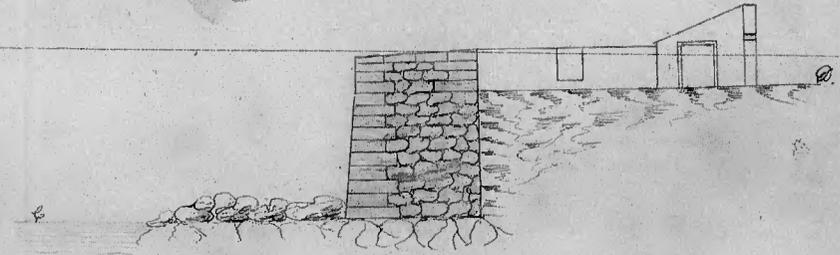
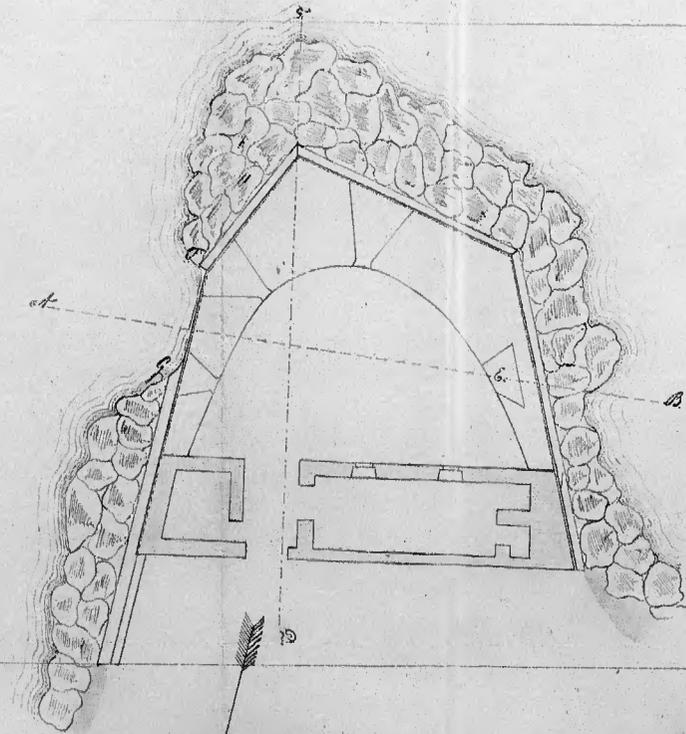
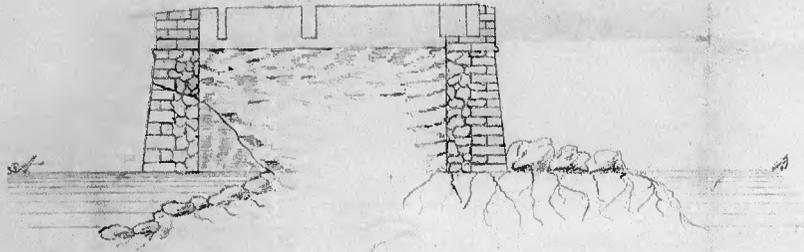
Por nota lançada na relação assignada em 25 de julho de 1885 pelo commandante militar dos Açores, e enviada ao signatario d'este em officio n.º 403 da mesma data sabe-se está o forte devoluto.

Pelo seu rasoavel estado de conservação, importancia miliar e valor, conforme o tombo primitivo organisado pelo habil official d'engenharia retro mencionado, parece ainda de toda a conveniencia ser conservado, reparado, guardado ou arrendado como se indicava no § 2.º do cap.º 5.º, e no cap.º 8.º d'este tombo.

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

C.el em comm.ão

Forte de S. Francisco
na freguezia de S. Sebastião. Ilha Terceira
Escala 0,005

Levantado e desenhado por
Antonio Bello d'Almeida Jr.
Ten.e do Estado Maior d'Eng.a
em 15 de Maio de 188[illegible]

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.^{a} Divisão militar

Tombo de = S. Francisco = na freguesia de Porto-Martim.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminada em julho de 1883. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para defesa da costa a L.N.E d'Angra. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Em geral sofrivel. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Para venda 900$000 rs. Para renda 3 a 4 mil rs. annuaes. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Militarmente nenhuma. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Desde a sua edificação. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Os Annaes da Terceira – Tom. 1.^{o} = dão este forte construido em 1581. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Não consta, a haverem, a não ser alguma proveniente da ruina. *(Rub)* D.Pego T.^{e} C.^{el}	Norte – com caminho publico. Sul - Leste e Oeste com o Occeano. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Ainda não foi. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	Estava abandonado; se estiver de renda deverá estar a cargo do Conselho administrativo do Castello d'Angra. *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}	As exaradas no Cap.^{o} 8.^{o} *(Rub)* D. Pego T.^{e} C.^{el}

Quartel em Lisboa 24 de julho de 1883

(Ass) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.^{e} C.^{el} em comm.^{ão}

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

A N.N.O. e proximamente a 550,0^{m} do forte de S.^{to} Antão está o de S. João no desenvolvimento da bahia da Villa da Praia da Victoria (a).

A sua forma era rectangular e montava 4 boccas de fogo, 2 em rodizios nos angulos e 2 em canhoneiras. Foi assente sobre uma má barreira e ainda ha poucos annos existia, mal tratada, a muralha onde está a linha pontuada = C D E = fig^{a} 1.^{a} a qual desapareceu nos temporaes seguidos, de 1870 em diante.

Tinha em 1881 quando se fez o seu levantamento, a casa da guarda = G = e o paiol = P = fig^{a} 1^{a} conservando ambas telhado tarimbas e portas. O recinto do forte era todo lageado como ainda se vê na fig^{a} 2.^{a} Tem o terreno = T = de fraca cultura, e fóra, o espaço = H = que nada produz. Está encravado no extremo de terras de particulares, sendo a servidão = S = feita por essas terras, a qual está ha muitos annos confundida com as mesmas terras por nunca ter sido murada.

A sua historia é igual á dos fortes já descriptos e parece ser dos mandados construir de 1581 a 1583 pelo governador Cyprião de Figueiredo para resistir quanto possível aos ataques dos Castelhanos (Annaes da Terceira). Foi restaurado de 1818 a 1820[1] pelo general Araujo. Na historia da liberdade e sobre tudo no dia 11d'Agosto de 1829, foi dos mais notaveis, porque sendo commandado por um soldado artilheiro voluntario José Paulo Machado natural da mesma villa da Praia, e montando só uma peça, tendo por guarnição 4 artilheiros da costa, 1 dito de linha, 3 soldados de caçadores 5 e 6 d'infantaria, foi dos que fez grandes estragos nos navios da esquadra de D. Miguel. (Annaes da Terceira Tom 4.º)

(a) Pertence á freguesia, conc.º e commarca da Praia da Victoria. Dist.º Adm.º d'Angra do Her.^{mo}

---

[1] Não se conhece planta ou outra referência a este forte em data anterior a esta.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

Eram boas as condições de construção, em quanto aos materiais empregados; foram muito más em quanto á sua base, porque sendo barreiras moles, pelo andar dos tempos deveria ser destruido o forte por falta de base, e como agora tem acontecido.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[2] –

Está o forte não só arruinado, como quasi destruido pelas razões expostas no capitulo 2.º As casas conservam-se sofriveis, cobertas e com portas e tarimba, devido a ter sido entregue a sua guarda a um sargento reformado, o qual em troca cultivava o pequeno terreno = T = de fraca produção.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

Foi destinado como os demais da bahia da Praia, para a defeza da mesma, como o provou por varias vezes. Foi proposto para renda juntamente com outros em relação enviada ao inspector d'engenharia da 5.ª divisão militar, em 20 d'agosto de 1881. E tambem fez parte da relação enviado ao Delegado da Commarca da Praia em 18 do mesmo mez e anno para se manter em respeito a servidão = S = marcada na planta a linhas pontuadas que o signatario mediu na presença do rendeiro Francisco Cardozo Patto na ausencia do dono que não compareceu, e dos informadores, homens velhos que declararam ser por ali que antigamente era feita a servidão.

---

2 Não sobram vestígios.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Teve a exposta nos capitulos 1.º e 4.º; actualmente não tem nenhuma, nem mesmo a posição, visto que pelas quédas successivas das barreiras sobre que assentava, vai tudo desaparecendo.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com barreiras, canaviaes e terras de José Coelho da Rocha, Luiz Maria Gonzaga de Brito e irmã.

Sul = com barreiras e terras dos ditos.

Léste = com areal e mar.

Oeste = com terras dos dittos, sendo rendeiro Francisco Cardozo Patto.

A servidão atravessa as ditas terras com as quais confronta por N. e S., por L. com o forte, e O. com estrada real.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

A superficie existente do forte e casas em agosto de 1881 era de	251,10$^{m^2}$	
A dita do terreno = T = figª 1ª	57,50	
A dita do dito = H =	28,00	
A dita das casas = G e = P =	51,00	
A da servidão quando restaurada	134,50	
	522,10$^{m^2}$	
A superficie existente do forte não tem valôr algum; a dos terrenos = T = e = H = pouco teem, sujeitos aos esbroamentos; computam-se comtudo a 20 reis o metro^2 ou		1$710
A servidão, sendo em melhores terrenos computa-se em 40 reis o metro^2 ou		5$380
As casas vendidas como estão poderão ainda computar-se em		50$000
Os materiaes aproveitaveis do forte em reis		10$000
Total reis insulanos		67$090

O valôr da servidão é hypothetico, porque os donos dos predios não impugnam fazer-se por ahi a servidão quando militarmente seja precizo; contestam com tudo o direito de posse exclusiva, pela posse antiquissima. Para renda, attendendo a ter ainda casas cobertas, estimou-se em 1$500 a 1$800 reis annuaes.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

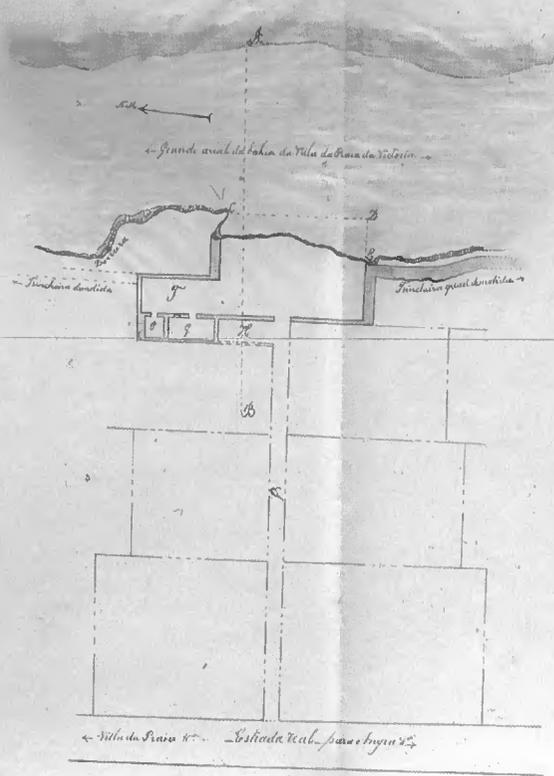
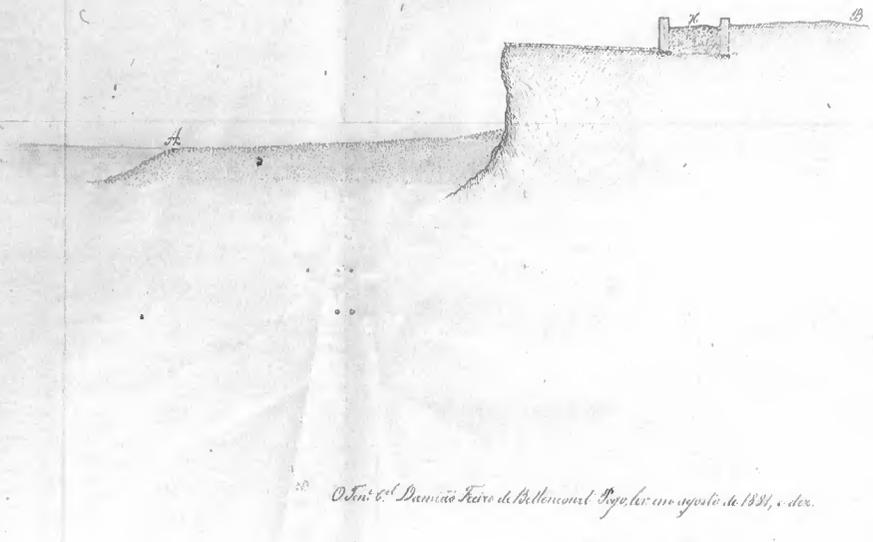
Parece de instante conveniencia optar pela venda, attendendo a que o forte perdeu toda a sua importancia, e está em risco de em poucos annos nem as casas existirem.

NB. Este tombo foi ultimado em abril de 1882; foi agora modificado pelas mesmas causas exaradas nos tombos dos fortes de S.to Antão e outros.

Quartel em Lisboa 18 de junho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.e C.el em comm.ão

Additamento

Nos 4 annos decorridos desde o levantamento da planta (agosto de 1881) até á actualidade, tem augmentado as quedas das barreiras sobre que se baseava o forte, diminuindo cinco mil reis ao valor venal arbitrado no Cap.º 7.º

Quartel em Angra do Heroismo 23 d'agosto de 1885.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
C.el em comm.ão

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo Do forte de S. João na bahia da = Praia da Victoria.

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Terminada em abril de 1882. Reorganisada a memoria na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para a defeza da bahia da Villa da Praia da Victoria. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Quasi todo destruido. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Terrenos e servidão = 57$090 rs. insulanos. Restos aproveitaveis de materiaes 10$000 rs. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Nenhuma a não estar de renda como se propôs e se diz no Cap.º 4.º (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Pelos = Annaes da Terceira = deprehende-se ser dos construidos de 1581 a 1583. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As provenientes das ruinas. (*Rub*) D.Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte – com barreiras, canaviaes e terras de Luiz M.ª Gonzaga de Brito e irmã, e José Coelho da Rocha. Sul – com barreiras e terras dos ditos. Léste – com areal e mar. =Oéste com terras dos ditos. A servidão atravessa as terras dos ditos com as quaes confronta por N. e S. Léste com o forte e Oéste com a estrada real. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ainda não foi.. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Estando de renda deve estar entregue ao conselho administrativo do Castello d'Angra. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Parece indicada a sua venda antes que se destrúa completamente. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 18 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ão

Memoria discriptiva

Capitulo 1.º

– Discripção e historia da propriedade –

O Forte dos Biscoutinhos[1] no concelho e commarca d'Angra do Heroismo, na freguezia de S. Matheus e a 4:000,0^{m} proximamente a Oeste da cidade d'Angra, consiste n'uma ligeira construção d'alvenaria argamassada e que mascara uma plata-forma lageada de cantaria.

Tem quasi a forma de meia lua como indica a planta fig.ª 1.ª.

Construido na parte saliente L. do porto da freguesia, e combinava os seus fogos com os dos fortes = Grande = e da = Igreja = estando no centro d'estes a 500,0^{m} proximamente de distancia de cada um.

Funcionava a barbete e montava uma bocca de fogo que hoje não tem, tendo o respectivo fosso d'abrigo aberto pelos lados sobre o caminho marginal todo pedregoso e rocha viva.

Ao Annaes da Terceira não dão noticia d'este forte, como pertencendo á ordem das antigas edificações de 1567 a1581, debaixo do projecto geral de defeza da ilha Terceira pelo engenheiro Thomaz Benedicto, e seu completamento pelo governador Cyprião de Figueiredo; no entanto a sua forma de construção não mostra pertencer a epocha mais moderna; tendo sido a muralha ou parapeito = CD = fig.ª 1.ª reparada em 1829 por occasião da ida da esquadra de D. Miguel áquela ilha, onde foi derrotada na bahia da Praia da Victoria em11 d'Agosto de 1829.[2]

Não tem paiol nem casa para força sendo obra completamente aberta.

---

[1] Na *Carta Topographica da Ilha Terceira*, de Francisco Xavier Cordeiro, aparece referenciado por forte do *Biscoutinho*. Nome, também, da rua que hoje o liga à estrada principal, o qual deve ser recente pois, como vem afirmado no capítulo 6.º, à data da tombação a servidão era feita por um atalho de pé, marginal.

[2] Este pequeno forte não se encontra representado nas colecções de desenhos de Francisco Xavier Machado, nem de José Rodrigo de Almeida, nem da "revista" de João Júdice, em 1767. Não deverá, portanto, datar de antes do século XIX. O jogo da peça a barbeta também sugere construção (ou pelo menos adaptação) deste século. Igualmente não se encontram revestimentos ou estruturas de tufo, como acontece no Forte Grande e no Forte do Negrito, entre os quais o Forte do Biscoitinho se situa, aqueles sim datando do século XVI.

Capitulo 2.º

– Condições de construcção –

É obra ligeira e adaptada só a servir de protecção ao ponto onde se edificou com a protecção dos fogos dos fortes lateraes acima ditos.

Capitulo 3.º

– Estado de conservação[3] –

A muralha está arruinada na extrema direita = C C' = fig.ª 1.ª e a rampa; aos degráos lateraes que dão accesso á plata-forma e a esta mesma faltam-lhe pedras de cantaria, sendo para admirar ainda existir alguma couza, por ser aberto ao caminho e estar de ha muito abandonado.

Capitulo 4.º

– Fim a que foi destinado e qual a sua actual applicação –

No capitulo 1.º e 2.º se diz qual o seu fim, e actualmente poderia ter egual applicação, devidamente reparado.

Capitulo 5.º

– Importancia militar –

Hoje não a tem, porem, reparado devidamente e artilhando os dois fortes lateraes referidos no capitulo 1.º teria a importancia militar relativa ao fim para que se construiu.

---

[3] Dele apenas resta o embasamento que a Junta de Freguesia de São Mateus da Calheta mandou recentemente consolidar.

Capitulo 6.º

– Confrontações –

Norte = com muro e quintaes de herdeiros de João Garcia.
Sul - com rocha do mar.
Leste = com dita rocha do mar e atalho de pé, marginal.
Oeste = idem .... idem.

Capitulo 7.º

– Avaliação –

Como terreno não tem valor algum por ser calháo rolado e rocha.

O material vendido poderia quando o muito produzir 30$000 reis insulanos - ou 24$000 reis fortes.

Não tem valor para renda por não ter serventia alguma para particulares.

Capitulo 8.º

– Considerações geraes –

Parece mais conveniente á Fazenda vender o material existente porque não sendo susceptivel de guarda, a cantaria vai sendo subtrahida dia a dia e em pouco nenhuma restará.

NB: Este tombo foi organizado em janeiro de 1882 conforme as instruções geraes de 2 de junho de 1881.

Foi comtudo modificado na data abaixo para o adaptar ao additamento feito ás mesmas em 7 de dezembro de 1882, trabalho que não se fez logo para não alterar o serviço em andamento.

Quartel em Lisboa 13 de julho de 1883.
(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego
T.^e^ C.^el^ em comm.^ão^

Additamento

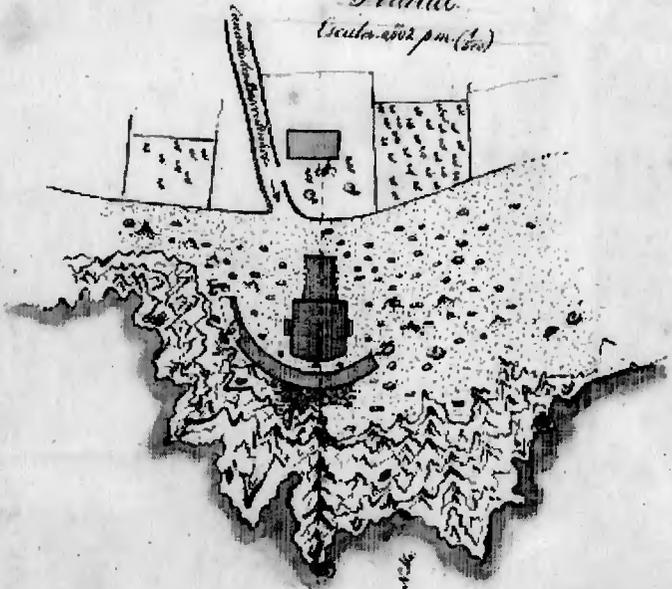
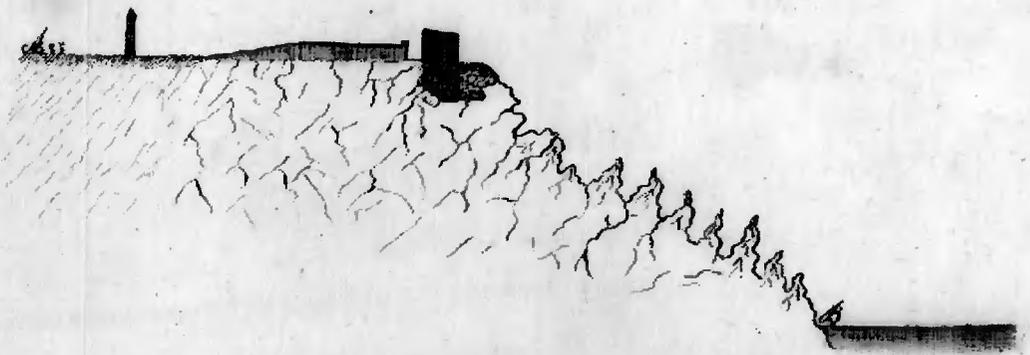
Nos quatro annos decorridos desde o levantamento da planta deste forte (junho de 1881) até a actualidade diminuio bastante o valor arbitrado aos materiaes então existentes por irem desaparecendo, principalmente a cantaria, pelo que hoje avaliamos a existente em 15$000 rs. fortes.

Quartel em Angra do Heroismo 26 de julho de 1885.

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

C.el

Ilha Terceira.

Tombo do Forte dos Biscoutinhos, na freguezia de S. Matheus, 4 kilometros a oeste de Angra.

O Tenente Coronel Damião Freire de Bettencourt Pego.
Lev.º em julho de 1881, e des.

Comissão do tombo de todas as propriedades do Ministerio da Guerra

5.ª Divisão militar

Tombo dos = Biscoutinhos na freguesia de S. Matheus

Na Ilha Terceira

Numero d'ordem

Epocha em que foi feita a tombação	Fim para que foi destinada a propriedade	Estado de conservação	Avaliação	Sua actual applicação	Epocha em que o Ministerio da Guerra tomou posse	Documentos existentes relativos á propriedade	Alterações que tem havido na propriedade	Confrontações	Quando registrada na conservatoria	Auctoridade ou conselho administrativo a quem está entregue	Observações
Em janeiro de 1882. Reorganisada na data abaixo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Para defender a parte da costa em que foi construido. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Máo (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	30$000 rs. insulanos (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Nenhuma. Está abandonado ha muitos annos. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Desde a sua edificação. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Não se conhecem; porem pela construção parece ser da epocha dos relatados nos Annaes da Terceira Tom. 1.º (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	As provenientes da ruina (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Norte - com muro e quintaes de herdeiros de João Garcia. Sul - com rocha do mar. Léste com dita rocha e atalho de pé marginal. Oeste = idem. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Ainda não foi. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Não tem estado entregue a nenhuma autoridade ou conselho administrativo. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ	Parece indicada a venda do material existente antes que acabe de desaparecer. (*Rub*) D. Pego T.ᵉ C.ᵉˡ

Quartel em Lisboa 13 de julho de 1883

(*Ass*) Damião Freire de Bettencourt Pego

T.ᵉ C.ᵉˡ em comm.ᵃᵒ

VIDA DO INSTITUTO

ACTA DA 1.ª REUNIÃO ORDINÁRIA DE 1996

14 de Fevereiro de 1996

Aos catorze dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e noventa e seis, na sua sede, na antiga casa dos Terceiros de S. Francisco, ao Largo de Santo Cristo em Angra do Heroísmo, em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, reuniu o Instituto Histórico da Ilha Terceira, nos termos do art.º 1.º n.º 2 do Regulamento Interno, com a seguinte ordem de trabalhos:

– Apreciação e votação do Relatório e Contas do exercício de 1995;

– Apreciação e votação do Plano de Trabalhos e Orçamento para 1996.

Ambos os documentos figuram anexos à presente acta.

Estiveram presentes: Dr. Álvaro Monjardino; Dr. Francisco dos Reis Maduro-Dias; Sr. Valdemar Mota; Sr. Luís Conde Vieira Pimentel; P.e Dr. João Maria Mendes; Directora da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra, Dr.ª Mariana Mesquita; Sr. João Dias Afonso.

A reunião iniciou-se quando eram vinte horas e trinta minutos.

Antes da ordem do dia, o Instituto deliberou exarar em acta um voto de pesar pelo falecimento do Sócio Honorário Arq.to Fernando Augusto de Sousa, acontecido recentemente.

Passou-se em seguida à discussão e votação do Relatório e Contas de 1995, os quais foram aprovados.

Por proposta dos sócios presentes foi aprovado, também, em seguida, um voto de louvor à anterior mesa, pela forma como orientou e animou a vida do Instituto.

Passou-se, depois, à apreciação do Plano de Trabalhos para 1996. Nesse âmbito, o Sr. Presidente apresentou uma proposta, originada no Congresso de História das Ilhas do Atlântico, realizado nas Canárias, no sentido de que o Instituto organize o próximo Colóquio a acontecer em 1998.

– A proposta foi aprovada por unanimidade.

Seguiram-se trocas de impressões sobre os vários pontos do Plano de Trabalhos, nomeadamente quanto à inclusão de páginas do Instituto e do Centro Unesco dos Açores na Internet, completar os Índices do Boletim e realizar uma disquete sobre as fortificações dos Açores.

Sendo aprovado o Plano de Trabalhos, o consócio João Maria Mendes lembrou que o Instituto não se deveria alhear das Comemorações do 2.º Centenário de Ferreira Drummound.

Foi deliberado, em consequência, que no Plano de Actividades para o ano de 1996 se inclua um ponto (4A): Comemoração do 2.º Centenário do Nascimento de F. F. Drummound a cuja memória será dedicado o Boletim de 1996 com colaboração em estudos sobre a sua obra e época.

Verificando-se que o sócio efectivo Arq.^to^ Luís Durão passou a residir em Macau, deliberou o Instituto a sua passagem a sócio correspondente.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião quando eram 23 horas e 15 minutos, lavrando-se a presente acta que vai ser assinada por mim, Francisco dos Reis Maduro-Dias, Secretário do Instituto que a elaborei e pelo Sr. Presidente.

Álvaro Monjardino (Presidente)

Francisco dos Reis Maduro-Dias (Secretário)

ANEXOS

RELATÓRIO DO PRESIDENTE

I

REUNIÕES

1. Durante o ano de 1995, o Instituto levou a efeito as duas reuniões ordinárias previstas no seu Estatuto, e ainda a reunião bienal de Dezembro, destinada à eleição da Mesa.

2. A 1.ª reunião ordinária realizou-se em 3 de Fevereiro, nela se aprovando o relatório das actividades de 1994 e respectivas contas, e bem assim o plano de trabalhos e o orçamento para 1995.

3. A 2.ª reunião ordinária realizou-se em 25 de Maio, nela se dando balanço ao cumprimento do plano anual. Em face de uma proposta enviada pelo Dr. Carlos Enes, decidiu-se um aditamento ao Plano de Trabalhos, o qual passou a incluir a publicação de um IV volume das Obras de Luís Ribeiro, constituído por escritos político-administrativos, não incluídos nos anteriores e que aquele sócio correspondente coligiu, fazendo-os preceder de um estudo sobre o primeiro Presidente do Instituto.

4. A reunião especial para eleição da Mesa realizou-se em 29 de Dezembro. Além de nela se haverem reeleito os elementos efectivos

e substitutos da Mesa que finalizavam o seu mandato, apreciaram-se as actividades desenvolvidas durante a ano, nomeadamente o Congresso «O Mundo do Infante D. Henrique», e deliberou-se ainda sobre um problema de interpretação dos Estatutos suscitado por um sócio honorário.

5. A Mesa reuniu em 25 de Janeiro, 29 de Abril, 31 de Julho, 16 de Setembro e 23 de Dezembro, para tratar de assuntos de administração corrente .

. 6. O Presidente reuniu ainda em Lisboa, por 5 vezes, com o Prof. Jorge Borges de Macedo, Presidente da Comissão Científica para o Congresso «O mundo do Infante D. Henrique» e responsáveis pelas secções do mesmo.

II

EXECUÇÃO DO PLANO DE TRABALHOS

1.º – BOLETIM

7. Logo no princípio do ano publicou-se o Boletim de 1991, fundamentalmente preenchido com a conclusão das actas do Colóquio havido em 1990. Este Boletim, por se achar já em distribuição a quando da reunião de Janeiro, nem fora sequer referido no Plano de Trabalhos. Não foi, todavia, ainda possível aprontar para publicação sequer o de 1992. Este Boletim está na tipografia, já com provas revistas, e aguarda somente a rectificação de um dos seus textos para ser publicado. O volume duplo relativo a 1993/94 também está na tipografia, mas aguarda ainda a entrega de textos dos colóquios havidos nestes dois anos.

2.º – EDIÇÃO DO III VOLUME DA «FENIX ANGRENCE»

8. Também não foi ainda possível em 1995 completar a publicação desta obra. Resolvido o problema da revisão dos aspectos remuneratórios, a preparação do volume em falta foi contudo encetada. Todavia os índices ainda não se encontram concluídos. No entanto, as indicações recebidas vão no sentido de a obra ficar concluída, com a publicação deste III volume, durante o corrente ano.

3.º – CONGRESSO «O MUNDO DO INFANTE D. HENRIQUE»

9. Este congresso, cuja preparação e montagem couberam ao Instituto, por encargo da Direcção Regional dos Assuntos Culturais em articulação com a Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, e que se integrou nas comemorações do 6.º centenário do nascimento do Infante D. Henrique, apresentou características peculiares relativamente a outras organizações do mesmo tipo levadas a efeito pelo Instituto desde o ano de 1983. Foi custeado, em partes iguais, por aquelas duas instituições, e constituiu o contributo da Região Autónoma dos Açores para as comemorações henriquinas.

10. Numa reunião havida em Lisboa na séde da Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, ficou estabelecido que se trataria de um Congresso a preparar sobre um esquema do Prof. Jorge Borges de Macedo, e a desenvolver sob a sua orientação científica. O Prof. Jorge Borges de Macedo, de acordo com a Direcção do Instituto, formou uma equipa de responsáveis pelas várias secçoes do Congresso, que foram os seguintes:

– Prof. Jean Philippe Gênet (I – Há um modelo europeu de cultura e civilização no século XV?);

– Prof. Fréderic Mauro (II – O cenário europeu – Que Europa no século XV?);

– Prof.ª Maria Helena da Cruz Coelho (III – Portugal – o estado da população, curiosidades, conhecimentos, modelos, resistências);

– Prof. Joaquim Veríssimo Serrão (IV – As cidades – Expressão e responsabilização do Poder);

– Prof. José Marques (V – A Igreja);

– Prof. Humberto Baquero Moreno (VI – Portugal: do Mediterrâneo ao Atlântico, século XV);

– Prof.ª Manuela Mendonça (VII – Bloqueios e possibilidades do Portugal quatrocentista);

– Dr. Álvaro Monjardino (VIII – Mar e Ilhas: as heranças míticas);

– Prof. Jorge Borges de Macedo (IX – O novo Atlântico e os seus construtores).

11. A participação activa de elementos do Instituto (com comunicações) ficou limitada aos convites, num máximo de 3, para participarem no desenvolvimento das secções. Para a secção VIII foram sucessivamente convidados quatro sócios do Instituto, mas apenas dois aceitaram participar.

12. O Congresso decorreu de 5 a 9 de Junho. Foi aberto pelo Secretário Regional da Educação e Cultura, em representação do Presidente do Governo Regional, e encerrado pelo Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores.

4.º – LIVRO DO TOMBO DE SÃO FRANCISCO

13. Não se completou ainda a leitura e a transcrição a cargo do sócio correspondente Dr. José Pereira da Costa, pelas mesmas razões de saúde apresentadas no ano passado.

5.º – REORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO E DISTRIBUIÇÃO DE EXCEDENTES

14. Nada aconteceu na reorganização da biblioteca, por

indisponibílidade do pessoal do Museu e em consequência das obras em curso, que inclusivamente levaram a direcção e alguns serviços do mesmo, por acordo com o Instituto, a utilizar permanentemente as dependências da sede deste. É no entanto previsível que esta situação termine no corrente ano, uma vez que nele se espera a conclusão das referidas obras.

15. Continuou-se a distribuição de excedentes das publicações do Instituto por instituições culturais e educativas da Região, atendendo-se pedidos individuais que algumas instituições, durante o ano, enviaram ao Instituto.

6.º – CONTINUAÇÃO DAS ACTIVIDADES DO CENTRO UNESCO E REALIZAÇAO DE CONFERENCIAS PERIÓDICAS

16. A actividade local do Centro UNESCO não pôde traduzir-se na realização de conferências públicas, vista a utilização dada à sede do Instituto. Em sua substituição, o próprio Museu promoveu ali algumas conferências todas girando à volta de problemas de preservação do património, designadamente sub-aquático.

17. O facto de o Presidente do Instituto haver assumido a direcção do diário A UNIÃO tornou possível que, semanalmente, este jornal divulgasse textos da UNESCO em secção nele criada para o efeito.

8.º – ACÇÕES ATINENTES À PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO

18. O monumento aos descobridores, sobre o esboço de António da Costa, foi inaugurado na 2.ª feira de Pentecostes, 5 de Junho. A sua realização decorreu na primeira metade do ano, tendo o Presidente do Instituto continuado a participar em reuniões para ultimação do projecto, e depois para acompanhamento da sua execução.

19. Em matéria de preservação do património cultural, os factos mais relevantes do ano tiveram que ver com o quadro normativo respeitante a esse património, muito especialmente o sub-aquático. Assim, o Director Regional dos Assuntos Culturais continuou a desenvolver acçoes de sensibilização junto do Presidente da Comissão do Património Cultural Sub-aquábco, com vista à salvaguarda dos direitos da Região quanto a espécies de valor cultural e económico que venham a ser encontradas no território regional, o qual abrange amplos espaços marítimos. Tentou-se, designadamente, contrariar a abertura de um concurso, previsto no decreto-lei 289/93, de 21 de Agosto, para pesquisa de restos de naufrágios ocorridos no mar dos Açores. Efectivamente, este concurso não chegou a ser aberto, por determinação do novo Governo constituído após as eleições de 1 de Outubro.

20. Além das acções da Administração regional, o Presidente do Instituto participando no Congresso sobre a Autonomia realizado em Ponta Delgada no mês de Fevereiro, apresentou uma comunicação «Sobre o antigo património do Estado na Região Autónoma dos Açores», em que se defendeu a propriedade regional dos bens submersos nas águas territoriais portuguesas dos Açores e na sub-área 3 da zona económica exclusiva. Desta comunicação veio a resultar o convite para intervir em um Curso de Direito do Património, levado a efeito no Instituto Nacional de Administração em Abril seguinte. Nesse curso, o Presidente do Instituto deu uma lição sobre «Património cultural: uma perspectiva dos Açores», e debateu o problema com o presidente da Comissão do Património Cultural Sub-Aquático.

21. Por outro lado, deve referir-se que o Governo se propôs substituir a lei 13/85, de 6 de Julho (lei do património), desde o início da sua vigência muito contestada, solicitando para o efeito uma autorização legislativa à Assembleia da República. Os parâmetros da nova lei foram do conhecimento dos Órgãos de Governo próprio desta Re-

gião, que contra eles se pronunciaram. Na Assembleia da República o sócio do Instituto, Doutor José Guilherme Reis Leite, tomou uma posição contra o projecto de lei de autorização legislativa, que não obstante foi aprovada e depois publicada. Esta autorização veio, no entanto, a caducar por o Governo a não haver atempadamente aproveitado.

22. No âmbito das actividades do Museu de Angra do Heroísmo, cujo director também é membro por inerência do Instituto, criou-se o Centro de Arqueologia Submarina, que tem vindo a exercer uma dinâmica acção de sensibilização pública e ainda de preparação de elementos para trabalhos arqueológicos submarinos. O Museu propõe-se desenvolver acções preventivas e de pesquisa quanto aos fundos do porto de Angra, antes do início das obras que no mesmo estão em vias de realizar-se em 1996.

23. Regista-se a acção que tem vindo a ser desenvolvida pelo sócio Dr. Jorge Forjaz, seja através do programa televisivo *Memórias do Tempo,* seja em artigos publicados na imprensa local, em defesa do património construído.

9.º – IV VOLUME DAS «OBRAS» DE LUÍS RIBEIRO

24. Esta publicação, decidida na reunião de Maio como um aditamento ao Plano de Trabalhos, está em curso de realização, achando-se já revistas as últimas provas, pelo que resta somente concluir a actividade de tipografia.

10.º – QUOTAS

25. A sua cobrança fez-se sem problemas especiais.

III

FACTOS RELATIVOS À VIDA DO INSTITUTO

26. O Instituto, representado pelo Presidente, tomou parte, no mês de Julho, nas homenagens que acompanharam a jubilação do sócio honorário Prof. Joaquim Veríssimo Serrão, as quais decorreram em Lisboa, nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo e na Academia Portuguesa de História.

27. O Presidente do Instituto participou ainda, com comunicações, no *Coloquio de Historia de las Islas del Atlántico* (Las Palmas e Puerto de la Cruz, Outubro), no colóquio *Pensar os Açores hoje* (Porta Delgada, Novembro) e no seminário *Os poderes do Presidente da República e a maioria palamentar* (Universidade Internacional, Lisboa, Dezembro).

28. O Sócio e Tesoureiro do Instituto, senhor Valdemar Mota, proferiu duas palestras e uma conferência, respectivamente:

a) na Festa do Cantador – 1995, no Raminho, com o título "A Cantoria na sua vertente poética e argumentista";

b) "O Pastel Açoriano e a Tinturaria", no decorrer do "X Curso para Animadores Culturais na área do Folclore", organizada pelo Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, do Governo Regional dos Açores;

c) "Na Restauração de Portugal – uma página da História dos Açores", 1995, conferência pronunciada por ocasião das Comemorações do 1.º de Dezembro, levadas a efeito pela Delegação de Angra do Heroísmo da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

RELATÓRIO DE CONTAS DO I.H.I.T. DE 1995

RECEITAS

Saldo do ano anterior	7.294.999$00
Quotas	338.012$00
Venda de publicações	376.064$00
Subsídios da SREC (Col. "O Mundo do Infante D. Henrique")	3.799.115$00
Subsídios Desc. Portugueses (Col. "O Mundo do Infante D. Henrique")	3.799.115$00
Subsídio da SREC	4.500.000$00
Subsídio UNESCO	83.600$00
Juros Bancários	359.241$90
Total das Receitas	20.550.146$90

DESPESAS

Água	27.826$00
Luz	49.872$50
Artigos de expediente	215.760$50
Encarregada do Expediente	18.000$00
Correios e transportes	119.894$00
Edições – "Fénix" (parte)	2.500.000$00
Boletim de 1992 (parte)	1.000.000$00
Leitura e coordenação da "Fénix"	900.000$00
Quotas ICOMOS	30.000$00
Despesas com o Col. "O Mundo do Infante D. Henrique	7.699.198$00
Total das Despesas	12.560.551$00
Saldo a transferir para 1996	7.989.595$90
	20.550.146$90

PLANO DE TRABALHOS PARA 1996

1.º – Publicação dos Boletins de 1992 e de 1993/94, este em um único volume, e 1995.

2.º – Publicação do III volume da FENIX ANGRENCE.

3.º – Preparação do V Colóquio Internacional da História das Ilhas do Atlântico, a realizar em 1998.

4.º – Leitura e transcrição do «Livro do Tombo de São Francisco».

5.º – Reorganização da Biblioteca do Instituto e distribuição de excedentes das publicações em depósito.

6.º – Continuação das actividades do Centro UNESCO dos Açores, nomeadamente com a realização de conferências periódicas e mobilização de colaboradores.

7.º – Acções atinentes à preservação e valorização do património.

8.º – Mantém-se o valor da quota fixada para o ano anterior.

PREVISÃO ORÇAMENTAL PARA 1996

RECEITAS

Quotas	300.000$00
Venda de Edições	350.000$00
Fundo do I.H.I.T.	7.989.595$90
Subsídios	11.860.404$10
Total	20.500.000$00

DESPESAS

Expediente Instituto	400.000$00
Centro UNESCO	500.000$00
Edições	
Boletim 1992	2.000.000$00
Boletim 1993/4	4.000.000$00
Boletim 1995	3.000.000$00
Preparação Colóquio das Ilhas do Atlântico	500.000$00
Suplemento Actas Congresso Inf. D. Henrique IV Vol. Obras Luís Ribeiro	3.000.000$00
Informática e multimédia	600.000$00
Projecto CD-ROM Multimédia sobre Angra do Heroísmo Património Mundial	3.000.000$00
Projecto Especial III Volume "Fenix Angrence"	3.500.000$00
Total	20.500.000$00

ACTA DA 1.ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DE 1996

21 de Março de 1996

Aos vinte e um dias do mês de Março de mil novecentos e noventa e seis, na sua sede, na antiga casa dos terceiros de S. Francisco, ao Largo de Santo Cristo, em Angra do Heroísmo e em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, reuniu o Instituto Histórico da Ilha Terceira com a seguinte ordem de trabalhos: Deliberação sobre o preenchimento de vagas de sócios efectivos e sua eleição:

Estiveram presentes: Dr. Álvaro Monjardino; Dr. Francisco dos Reis Maduro-Dias; Sr. Valdemar Mota; Dr. José Orlando Bretão; Professor Doutor Artur Teodoro de Matos; Pe. Dr. João Maria Mendes; Director do Museu de Angra do Heroísmo, Dr. José Olívio Rocha; Directora da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo, Dr.ª Mariana Mesquita; Dr. Jorge Eduardo de Abreu Pamplona Forjaz; Dr. Rafael Valadão dos Santos.

A reunião iniciou-se quando eram vinte horas.

Foi, depois, lida e aprovada a Acta da Reunião Anterior.

Antes de se passar à ordem de trabalhos, propôs o Sr. Presidente um Voto de Pesar pelo recente falecimento do Sócio Honorário deste Instituto, Professor Doutor Jorge Borges de Macedo, salientando a colaboração e estima que o Instituto sempre recebeu daquele Sócio Honorário. O voto foi aprovado por unnimidade.

Passando-se, em seguida à ordem de trabalhos, foi deliberado primeiro o número de vagas a preencher, ficando decidido que se preencheriam as duas vagas actualmente existentes de Sócios Efectivos. Em consequência e após proposta da Mesa, em razão dos trabalhos que vêem desenvolvendo no âmbito da salvaguarda e estudo do nosso património cultural, foram eleitos os Senhores Engenheiro José Henrique dos Santos Correia Guedes e Ten. Coronel Dr. Manuel Augusto Faria.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião quando eram vinte horas e trinta minutos, lavrando-se a presente acta que vai ser assinada por mim, Francisco dos Reis Maduro-Dias, Secretário do Instituto, que a elaborei e pelo Sr. Presidente.

Álvaro Monjardino (Presidente)

Francisco dos Reis Maduro-Dias (Secretário)

ACTA DA 2.ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DE 1996

21 de Março de 1996

Aos vinte e um dias do mês de Março de mil novecentos e noventa e seis, reuniu na sua sede, ao Largo de Santo Cristo em Angra do Heroísmo, o Instituto Histórico da Ilha Terceira, em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, com a seguinte ordem de trabalhos: Alteração do Plano de Actividades do Instituto, produção de um CD-Multimédia sobre Angra do Heroísmo, Património Mundial.

Estiveram presentes: Dr. Álvaro Monjardino; Dr. Francisco dos Reis Maduro-Dias; Sr. Valdemar Mota; Dr. José Orlando Bretão; Professor Doutor Artur Teodoro de Matos; Pe. Dr. João Maria Mendes; Director do Museu de Angra do Heroísmo, Dr. José Olívio Rocha; Directora da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo, Dr.ª Mariana Mesquita; Dr. Jorge Eduardo de Abreu Pamplona Forjaz; Dr. Rafael Valadão dos Santos.

A reunião inciou-se quando eram vinte e uma horas.

Antes da Ordem de Trabalhos, o consócio Professor Doutor Artur Teodoro de Matos, apresentou o VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa que se vai realizar em Angra também com a colaboração do Instituto, relatando a conferência de imprensa que se passou esta tarde na sala de reservados da Biblioteca Pública de Angra.

Passando-se, em seguida, à ordem de trabalhos, foi convidado a estar presente o Sr. Eng.º João Paulo Lopes da Cunha, do INESC, a fim de melhor esclarecer os presentes àcerca dos objectivos em vista e que apresentou um protótipo inicial do que poderia vir a ser o CD, aproveitando o computador entretanto já adquirido.

O essencial da intenção é que o Instituto Histórico da Ilha Terceira seja editor de um CD-ROM multimédia, sobre Angra do Heroísmo, com a colaboração do INESC e de outras entidades, produzindo-se um CD de índole cultural, educativa e turística sobre Angra do Heroísmo enquanto Bem Cultural inscrito na lista do Património Mundial.

Estabeleceu-se entre os presentes animada troca de opiniões sobre o tema, salientando-se a dificuldade do objecfivo a atingir e simultaneamente o interesse do mesmo.

Ficou estabelecido, finalmente, que o Instituto iria avançar para o projecto, deliberando-se elaborar o processo de candidatura aos Fundos Comunitários e que se iria constituir um grupo de acompanhamento.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião quando eram vinte e três horas e trinta minutos, lavrando-se a presente acta que vai ser assinada por mim, Francisco dos Reis Maduro-Dias, Secretário do Instituto, que a elaborei e pelo Sr. Presidente.

Álvaro Monjardino (Presidente)

Francisco dos Reis Maduro-Dias (Secretário)

ACTA DA 2.ª REUNIÃO ORDINÁRIA DE 1996

18 de Julho de 1996

Aos dezoito dias do mês de Julho de mil novecentos e noventa e seis, na sua sede, ao Largo de Santo Cristo, na antiga Casa dos Terceiros de S. Francisco, em Angra do Heroísmo, reuniu o Instituto Histórico da Ilha Terceira, em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos Sócios e com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciação da execução do plano de trabalho para 1996.

Estiveram presentes: Dr. Álvaro Monjardino; Sr. Luís Conde Vieira Pimentel; Dr. Jorge Forjaz; Doutor José Guilherme Reis Leite; Director do Museu de Angra, Dr. José Olívio Rocha; Dr. Manuel Faria; Governador do Castelo de S. João Baptista; Cor. Aprígio Ramalho.

A reunião teve início quando eram vinte e uma horas.

Foram lidas e aprovadas as actas das reuniões anteriores havidas em Março.

O Sr. Presidente propôs, em seguida, que se exarasse em acta um voto de profundo pesar pelo desaparecimento do Presidente Honorário do Instituto, Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, realçando o que ele representou para o Instituto e para a vida cultural dos Açores.

Igualmente o Sr. Presidente propôs um voto de pesar pelo falecimento da Sócia Correspondente Dr.ª Clara Sá Cruz Pereira da Costa, investigadora de mérito, e que muito colaborou com o Instituto, designadamente no âmbito dos Colóquios "Os Açores e o Atlântico".

Foram ambos os votos de pesar aprovados por unanimidade.

Passando-se à ordem de trabalhos analisou-se a situação dos Boletins, encontrando-se já publicado o Boletim de 1992, na tipografia o relativo a 1993/94 e em fase de recolha de textos o de 1996, uma vez que o relativo a 1995 será dedicado às actas do congresso "O Mundo do Infante D. Henrique".

No que diz respeito ao evoluir da edição da "Fénix Angrence" e à presença do Instituto na Internet foram esclarecidos os presentes relativamente à situação actual desses projectos.

No que diz respeito ao CD-Rom o Sr. Presidente analisou com os presentes a situação actual do projecto, propondo, depois, o seguinte:

– Deve ser activado o grupo de trabalho para o acompanhamento e elaboração do texto base do CD-Rom, em cumprimento do deliberado na reunião anterior;

– Devem ser contactadas outras entidades editoras de material semelhante, no sentido de melhor se avaliar e comparar o projecto e as condições da sua execução.

Aceite a proposta pelos presentes, ficou marcada reunião da comissão de acompanhamento para o próximo dia 27 de Julho, nas instalações do GZCAH.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião quando eram vinte e três horas e cinco minutos, lavrando-se a presente acta que vai assinada por mim, Francisco dos Reis Maduro-Dias, Secretário do Instituto, que a elaborei, e pelo Sr. Presidente.

Álvaro Monjardino (Presidente)

Francisco dos Reis Maduro-Dias (Secretário)

NOTA DE CORRECÇÃO

Por lapso que se prendeu com a demora das edições dos volumes LI/LII (1993/94) e LIII (1995) do Boletim, saíram erradas algumas indicações relativas à Mesa do Instituto e não foram publicadas as duas últimas actas relativas ao ano de 1993.

Publicam-se agora, devidamente corrigidos, os elementos em falta.

O Instituto

VIDA DO INSTITUTO

DIRECÇÃO (1994-1995)

Presidente – Dr. Álvaro Pereira da Silva Leal Monjardino

Secretário – Dr. Francisco dos Reis Maduro Dias

Tesoureiro – Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves

ACTA DA 2.ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DE 1993

10 de Setembro de 1993

Aos dez dias do mês de Setembro de mil novecentos e noventa e três, na cidade de Angra do Heroísmo, e na Sede do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no Edifício de S. Francisco, em segunda convocatória, por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, realizou-se a segunda reunião extraordinária convocada pelo Presidente nos termos do artigo sétimo do estatuto. Eram dezassete horas e trinta minutos. Estiveram presentes os seguintes sócios: Dr. Álvaro Monjardino, presidente; Dr. Francisco dos Reis Maduro Dias, tesoureiro; Coronel Hélder Vagos Lourenço, Governador do Castelo de S. João Baptista, que se fez acompanhar do 2.º comandante, Temente Coronel Abílio Dias Afonso; João Afonso; Padre João Maria Mendes; Dr. Jorge Forjaz; Dr. José Guilherme Reis Leite, secretário; Dr. José Olívio Mendes Rocha, Director do Museu de Angra do Heroísmo; Dr. Rui Meireles; Dr. Victor Duarte, Director Regional dos Assuntos Culturais.

Foi distribuída a acta da reunião anterior que depois de lida foi

aprovada. Antes da ordem do dia o presidente deu conhecimento dum texto, recebido através da Comissão Nacional da UNESCO, elaborado por Léon Pressouyre, intitulado "La Convention du Patrimoine Mondial, 20 anées après", chamando a atenção para o grande interesse deste documento e pondo-o à disposição dos consócios.

Passou-se à ordem do dia, que constava de dois pontos: o problema do Museu Militar dos Açores e preparação do Colóquio, "Os Açores e o Atlântico". Em relação ao primeiro ponto o presidente deu conhecimento da seguinte carta que recebeu dos consócios padre Dr. João Maria Mendes e Valdemar Mota:

«Angra, onze de Agosto de mil novecentos e noventa e três.

Ex.^mo^ Senhor Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo.

Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves e João Maria de Sousa Mendes, sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira vêm junto de V. Ex.ª expor o seguinte:

1.º – Tendo em conta os artigos que os signatários publicaram na inprensa local ("A União" de cinco de Agosto, e "Diário Insular" de sete/oito de Agosto, conforme cópias que seguem juntas) sobre a extinção do Distrito de Recrutamento e Mobilização de Angra e o anúncio da transferência do respectivo arquivo para Ponta Delgada e Lisboa;

2.º – Tendo em conta as notícias que circulam na imprensa local do anúncio da criação de um Museu Militar nos Açores, no âmbito da reestruturação das Forças Armadas;

3.º – Perante estes factos, os signatários vêm propor o seguinte: seria de toda a conveniência uma intervenção formal e pública do Instituto Histórico da Ilha Terceira no sentido de:

a) – Influenciar e demover as autoridades competentes para que o Arquivo, ou arquivos, de qualquer instituição militar da Terceira não seja transferido para fora desta Ilha.

b) – Pugnar para que o anunciado Museu Militar dos Açores seja criado em Angra do Heroísmo.

c) – Propor que seja criada uma secção de Arquivo junto desse preconizado Museu Militar dos Açores.

Os signatários, na convicção de que é uma altura oportuna de uma enérgica intervenção do Instituto Histórico, esperam o bom acolhimento, por parte de V. Ex.ª, destas propostas e apresentam os seus respeitosos cumprimentos.

Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves, João Maria de Sousa Mendes.»

Disse ainda que sobre o assunto haviam aparecido na imprensa citadina artigos daqueles consócios e um de João Afonso. Na sua opinião existem dois problemas diferentes, o do Arquivo e o do Museu Militar. Que o Museu de Angra possui uma notável colecção militar que o coloca na situação do segundo museu militar do país. O Museu de Angra tem estabelecido um acordo com o Estado-Maior do Exército, firmado em Março de mil novecentos e setenta e nove, pelo então director Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima e pelo General Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, que assegura o fornecimento ao Museu de material obsoleto, obrigando-se esta instituição unicamente a não lhe dar aplicação diferente daquela que a sua cedência visou. Foi apresentada cópia da correspondência que levou ao estabelecimento deste acordo. Isto leva a que na criação dum futuro Museu na Zona Militar dos Açores previsto na legislação, se deva ter em consideração este acordo e a colaboração existente e consequentemente viesse a estabelecer-se regras para o seu aproveitamento. Outra coisa é o arquivo do agora extinto Distrito de Recrutamento Militar de Angra do Heroísmo. O consócio Coronel Hélder Vagos Lourenço chamou a atenção para o facto de o dito arquivo se referir a mancebos inspeccionados e por isso ser um arquivo vivo que deve estar junto dos serviços que elaboram os documentos, que são solicitados por militares. Não parece, por isso, viável a sua manutenção fora do serviço de recrutamento agora criado em Ponta Delgada.

O consócio Dr. Maduro Dias disse que lhe parecia de facto importante distinguir entre arquivo vivo e arquivo morto, do Distrito de

Recrutamento e que no seu entender ainda outra era a questão dos arquivos militares mal organizados e não consultáveis. Quanto ao museu, parece-lhe existirem dois casos diferentes. Uma é a colecção do Museu de Angra do Heroísmo; outra é a história militar dos Açores e a eventual existência de vários pólos museológicos, que a testemunhem.

O consócio Padre Dr. João Maria Mendes declarou que, do seu ponto de vista, a ilha Terceira tem sido delapidada de várias coisas e que se deve defender a sobrevivência e permanência delas, nomeadamente dos arquivos locais. Especificou que não via impossibilidade em que os arquivos, mesmo vivos, do Distrito de Recrutamento, pudessem ficar depositados na ilha, mudando-se o serviço, pois a legislação permite que qualquer arquivo passe certidões. Lamentou mesmo que na Terceira, ultimamente, se tenham extinguido várias coisas sem que se crie nada de novo.

Houve uma troca de impressões sobre estas questões.

O consócio João Afonso propôs que as considerações do presidente, feitas numa conferência do ano passado, sobre o Hospital de Santo Espírito e a inconveniência de se vir a dar esse nome ao novo Hospital de Ponta Delgada, fossem aprovadas pelo Instituto.

O consócio Dr. Reis Leite reflectiu sobre a situação geral dos arquivos dos Açores, nomeadamente aqueles que não foram incorporados em arquivos regionais e que correm perigo de se perderem, e nem sequer consultáveis, propondo que o consócio Dr. Jorge Forjaz, que é especialista nessa matéria, elaborasse um documento sobre o qual o Instituto pudesse vir a tomar uma posição sobre o assunto e dirigi-la a quem de direito. O Dr. Jorge Forjaz aceitou a incumbência.

O consócio Dr. Victor Duarte informou que a questão da definição da localização do futuro museu militar não compete à administração regional, mas que a Direcção Regional dos Assuntos Culturais estava atenta e que já se munira dos elementos necessários para dar, como opinião fundamentada, que o museu seja criado em Angra do Heroísmo. Disse mesmo que iria fazer chegar esses elementos à Di-

recção do Serviço Histórico Militar e o Governo Regional poderia vir, num futuro próximo, a tomar posição sobre esta matéria. Disse ainda que, no seu entender, seria bom que o Instituto tomasse também uma posição pública. Foi então decidido fazê-lo.

Entrou-se no segundo ponto da ordem de trabalhos, referente à organização do Colóquio "Os Açores e o Atlântico", tendo o presidente dado conta que já completara as diligências para o encontro com conferencistas, que serão no número de seis. O Doutor Luís Andrade, da Universidade dos Açores, com o tema *A aliança luso-britânica e a neutralidade colaborante de Portugal*; José Freire Antunes, *Os Açores na diplomacia Portugal-Estados Unidos)década de sessenta)*; Prof. Doutor António José Telo, da Universidade Nova de Lisboa, *Os Açores e a NATO*; o Prof. Doutor John Jaddis Smith, do Centro de Estudos Internacionais da Universidade de Yale, *Convergência anglo-americana perante os Açores na 2.ª Guerra-Mundial*; Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo, da Universidade de Lisboa, *Para uma teoria das Ilhas na Civilização Ocidental*; Dr. Álvaro Monjardino, do Instituto Histórico da Ilha Terceira, *Açores*: 50 anos de presença militar estrangeira. Informou ainda o presidente que os gastos com este colóquio serão as despesas com as passagens dos conferencistas e estadia nos hotéis, mas que a nossa agremiação conta com o apoio da Secretaria Regional da Educação e Cultura; para esse fim específico as sessões do colóquio, que serão públicas e com debate, realizar-se-ão no salão nobre da Secretaria Regional da Educação e Cultura, que já o cedeu para esse fim.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão quando eram dezanove horas e trinta minutos, de que lavrei a presente acta que vai por mim, secretáriom assinada e pelo presidente.

Álvaro Monjardino (Presidente)

José Guilherme Reis Leite (Secretário)

ACTA DA 3.ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DE 1993

20 de Dezembro de 1993

Aos vinte dias do mês de Dezembro de mil novecentos e noventa e três, na cidade de Angra do Heroísmo e na Sede do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no Edificio de S. Francisco, em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, realizou-se a terceira reunião extraordinária de mil novecentos e noventa e três, convocado pelo Presidente com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Eleição da Mesa para o biénio de mil novecentos e noventa e quatro/mil novecentos e noventa e cinco (Art.° 2.° do Regulamento Interno);
2. Eleição de um Sócio Honorário;
3. Eleição de Sócios Correspondentes;
4. Balanço dos resultados do Colóquio "Os Açores e o Atlântico".

A Reunião teve inicio às dezassete horas e trinta minutos. Estiveram presentes os seguintes sócios: Dr. Álvaro Monjardino, Presidente; Dr. Francisco dos Reis Maduro-Dias, Tesoureiro; Dr. José Leal Armas; Sr. Valdemar Mota; Pe. Dr. João Maria Mendes; Coronel Vagos Lourenço, Governador do Castelo de S. João Baptista; Dr. José Olívio Rocha, Director do Museu de Angra do Heroísmo; Dr. José Orlando Bretão.

Foi distribuída a Acta da Reunião anterior que, depois de lida foi aprovada.

Passando-se em seguida aos trabalhos constantes da convocatória, o Presidente referiu o êxito do Colóquio realizado pelo I.H.I.T. e o impacto de uma realização destas dimensões. O consócio João Maria Mendes comentou o modelo utilizado neste Colóquio e o seu êxito, considerando, no entanto, que os colóquios anteriores, ao permitirem a participação de investigadores e amadores locais, eram também muito

importantes. O Presidente explicou as razões do modelo agora ensaiado – mais reduzido, com menos custos e mais espaço para debate, o qual permite, mesmo assim, impacto assinalável e qualidade inegável – sem que se ponha de lado a realização de colóquios mais alargados quando houver um maior desafogo de verbas.

Considerando, aliás, os custos reduzidos desta realização, o Presidente referiu, em seguida, que seria oportuno realizar para o ano uma reflexão comemorativa dos 100 anos da Autonomia Regional. O Instituto promoveria assim um pequeno Colóquio com o título "Uma Reflexão sobre Portugal". Esse Colóquio seria, aliás, preparatório de outro que, em mil novecentos e noventa e cinco, abordasse a realidade autonómica regional. No debate que se seguiu o consócio José Orlando Bretão propôs que entre as personalidades a convidar se considerassem Eduardo Lourenço, Barrilaro Ruas e Vasco Pulido Valente. O consócio José Olívio Rocha propôs, por sua vez, Luís Reis Torgal. O consócio João Maria Mendes propôs, a acrescentar aos já indicados, o professor italiano Mário Segni, considerando a reflexão sobre a evolução da Itália entre a unificação e as actuais teses de divisão, como contribuição interessante para o aprofundamento da teorização sobre a nossa autonomia. Considerando o tema, foi proposto que esse convite fosse considerado no âmbito do colóquio a realizar em mil novecentos e noventa e cinco.

Passando-se, em seguida, à eleição da Mesa, foram eleitos, por unanimidade, os sócios seguintes:

Presidente: Dr. Álvaro Monjardino

Presidente Substituto: Dr. José Guilherme Reis Leite;

Secretário: Dr. Francisco dos Reis Maduro-Dias;

Tesoureiro: Sr. Valdemar Mota;

Tesoureiro Substituto: Dr. Rui Meireles.

No seguimento dos trabalhos, foi eleito Sócio Honorário do Instituto o Professor Doutor Borges de Macedo. Como Sócios Correspondentes foram eleitos o Doutor António José Telo e Dr. Augusto de Ataíde.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião quando eram dezoito horas e cinquenta minutos, lavrando-se a presente acta que vai por mim, Francisco dos Reis Maduro-Dias, Tesoureiro do Instituto, que a escrevi na falta do Secretário, assinada e pelo Presidente

Álvaro Monjardino (Presidente)

Francisco dos Reis Maduro-Dias (Tesoureiro)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- Walter F. Piazza (Organizador) – *Dicionário Político Catarinense*, 2.ª edição revista e ampliada.
- Francisco Ernesto de Oliveira Martins – *Arte Flamenga nos Açores* – 1991
- Manuel Marinho Macedo e Maria da Graça Freitas – *O Cântaro Minhoto. Classificação de materiais* – Fichas de Olaria, n.º 4 – Barcelos, 1996
- *Arquipélago – História*, 2.ª Série, Vol. I (n.º 1) 1995
- *Catálogo do Fundo Cartoreal do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina*, Florianópolis
- *Boletim Informativo* N.º 17 – N.º V, Out/Dez 1996, Santa Catarina
- *Catalónia – Cultural*, n.º 44 – 1996, Catalunya
- *Selles Paes – uma doação* (Exposição) Barcelos, 1996
- *Camões e o Século XVI* – Catálogo – Maio/Junho 1989, Angra do Heroísmo
- *Meio Século de Arte nos Açores* – Exposição – Maio/Junho 1989, Angra do Heroísmo
- *Bibliotheca Nemesiana* – Catálogo – 1989, Angra do Heroísmo
- *Colombo e os Açores* (Iconografia, Fontes Impressas e Fontes Documentais) – Exposição – Maio/Junho 1989, Angra do Heroísmo
- *Imaginária em Marfim na Ilha de S. Miguel*, Ponta Delgada
- Alberto Vieira – *História do Vinho da Madeira*, Madeira
- *El Museo Canario* – L, 1995, Canárias

- *Lugares de Aqui* – Actas do Seminário "Terrenos Portugueses", Lisboa 1991
- *Planeta dos Homens* – Ciclo de Cinema-Documentário, Coimbra
- *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXXI, Vol. II – 1996
- *Olhares sobre Portugal* – Cinema e Antropologia, Angra do Heroísmo
- *Açores vistos por quem os visitou* (Exposição) – Maio/Junho 1989, Angra do Heroísmo
- *Catalónia – Cultural*, n.º 42 – 1995, Catalunya
- Susana Münch Miranda – *A Fazenda Real na Ilha da Madeira – segunda metade do século XVI* – 1994
- *al-'ulyã* – Revista do Arquivo Histórico de Loulé, n.º 5 – 1996
- *Revista de Guimarães* – Publicação da Sociedade Martins Sarmento, Vol. 103 – 1993
- *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXX – 1995
- António Vasconcelos de Saldanha – *As Capitanias, O Regime Senhoral na Expansão Ultramarina Portuguesa*
- Ernesto Gonçalves – *Portugal e a Ilha – Colectânea de estudos históricos e literários*
- *Revista de Guimarães* – Publicação da Sociedade Martins Sarmento, Vol. 104 – 1994
- *Revista Islenha* – Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas, n.º 18, Jan-Jun 1996, Madeira
- *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 108.ª, n.ºs 7-12 – 1990
- *Exposição sobre os Descobrimentos* – 30 de Maio 1991, Angra do Heroísmo
- *al-'ulyã* – Revista do Arquivo Histórico de Loulé, n.º 4 – 1995
- *Visitação da Ordem de Santiago ao Algarve 1517-1518* – Suplementoda Revista *al-'ulyã*, n.º 5 – 1996
- *Insulana* – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. LI, n.º 1, 1995
- *Insulana* – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. LI, n.º

2, 1995
- Manuel Marinho Macedo e Maria da Graça Freita – *O Cântaro Minhoto. Classificação de materiais* – Fichas de Olaria, n.º 4 – Barcelos, 1996
- *Catalónia – Cultural*, n.º 45 – 1996, Catalunya
- *Catalónia – Cultural*, n.º 43 – 1995, Catalunya
- *Revista Islenha* – Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas, n.º 17, 1995
- *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 108.ª, n.ºs 7-12 – 1990
- *Cerâmica Açoriana* (Exposição) Julho de 1995 a Junho de 1996 – Museu Aberto 3, Barcelos, 1995
- *Cântaro de Barcelos (O)* Exposição – Julho de 1995 a Março de 1996 – Museu Aberto 4, Barcelos, 1995
- *A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* – Junho 1994, Brasil
- *Ágora* – Revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Ano XI, n.º 23 (1.º semestre) 1996
- *Anjos – Alberto Vieira* – Museu Aberto 5, Barcelos 1995
- *Reabilitação Histórica do Alferes Joaquim José da Silva Xavier Tiradentes*, Vol. 14, Set. 1994, Brasil
- *Índices da Revista Portuguesa de História (1841-1993)* – 1995
- *As Sociedades Insulares no Contexto das Interinfluências Culturais do Século XVIII*, Madeira
- José Pereira da Costa – *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal 1538-1558*
- *Revista de Guimarães*, Vol. 106
- *Boletim de Filologia*, Tomo XXXII (1988-1992), Instituto N I Científica
- *Revista do Instituto Histórico e Geografia de Santa Catarina* – 3.ª Fase, n.º 15
- *Cadernos do Noroeste*, Vol. 8 (1), 1995, 5-12
- *El Museo Canario* – LI, 1996, Canárias

- *Revista da Faculdade de Letras – História*, II Série, Vol. XIII, Porto 1996
- *Papéis de Prospectiva 2* – Novembro 1994, Catalunya
- *O Castelo* – Jornal do Regimento de Guarnição N.º 1 – 25 de Julho de 1994
- José Manuel Garcia – *Portugal e a Repartição do Mundo do Infante D. Henrique a D. João II*
- *History Catalogue*, 1996
- *Diff. Edit.* Maio 94
- *Birghaln Books*, 1995
- *Lengman Higher Education* – História, 1995
- *Arquipélago* – Revista da Universidade dos Açores – número especial – 1888: Relações Açores - Grã-Bretanha
- Pierluigi Bragaglia – *Os Italianos nos Açores e na Madeira, das origens da colonização a 1583 (conquista espanhola da Terceira)*
- *Insulana* – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. LII, MCMXCVI
- *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* – Série 109.ª, n.os 7-12, Julho-Dezembro de 1991
- Joel Serrão – *Temas Históricos Madeirenses*
- *O Infante e as Ilhas* – Conferências da Sessão Comemorativa do VI Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique
- Nereu do Vale Pereira – *Os Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina* – Etnografia Catarinense – 1993
- *Cadernos do Noroeste* – Vol. 7 (2), 1994, 5-18
- João Marinho dos Santos – *Os Açores nos Sécs. XV e XVI* (Volume II)
- *Os Impérios do Espírito Santo e A Simbólica do Império*, Angra do Heroísmo
- *Fotografia e Fotógrafos Insulares. Açores, Canárias e Madeira*, Madeira

ÍNDICE

DOCUMENTO

VIDA DO INSTITUTO